

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

TERÇA-FEIRA
16 DE DEZEMBRO DE 2003
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº 105SUSPENSÃO DA QUEIMA 2004
DISCUTE-SE ESTA NOITE

O debate tem suscitado opiniões diferentes entre os estudantes

Hoje realiza-se mais uma Assembleia Magna, que terá como principal ponto de discussão a eventual suspensão da Queima das Fitas 2004. Na última Magna, o Núcleo de Estudantes de Arquitectura propôs uma moção para promover um debate em torno da não realização da festa académica como forma de protes-

to à actual política do Governo para o ensino superior.

Este debate tem suscitado opiniões muito diferentes no seio dos estudantes. Há quem defenda a suspensão da queima ao afirmar que os estudantes não têm razão para festejar, quem defenda apenas a suspensão das Noites de Par-

que, referindo que desacreditam a luta estudantil, e quem não queira suspender a festa académica salientando que é um evento importante na vida dos estudantes. Mas a decisão final só será conhecida hoje à noite e já se fala na possibilidade de realizar uma Assembleia Magna de Voto. **PÁG.8**

MARILYNE ALVES



ELEITO NOVO PRESIDENTE DA DG/AAC

Miguel Duarte, estudante de Economia, segue-se a Victor Hugo Salgado na presidência da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Após ter liderado a primeira volta de

eleições, a lista I conseguiu vencer, na madrugada de sexta-feira, por uma diferença de 781 votos em relação ao projecto da lista C, encabeçada por Hugo Queiroz.

Pelo caminho ficaram também Paulo Leitão, da lista E, Bruno Julião, da lista A e Vasco Nogueira, que era cabeça da lista L. A lista I também saiu vencedora nas eleições para o Conse-

lho Fiscal, elegendo dois elementos. As restantes listas colocaram um elemento cada no órgão gerente da AAC, excluindo a lista L que não obteve votos suficientes. **PÁG.7**

Coimbra 2003

O balanço de uma capital

A pouco menos de uma semana do encerramento oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, A CABRA faz



um balanço do evento e fala com o seu principal responsável, Abílio Hernandez. Os programadores estão satisfeitos com o trabalho produzido, mas o evento suscita algumas críticas, tanto da população, como da Associação Académica de Coimbra e de diversas companhias envolvidas. A falta de autonomia financeira e administrativa foi o principal problema com que se debateu uma entidade que vai ainda continuar em funções até ao final de Abril de 2004. Por agora, analisa-se um trabalho que começou a ser delineado em 2001 e projecta-se a dinâmica cultural futura de uma cidade que em 2003 foi pioneira de um projecto que não se sabe ainda se vai continuar. Na memória fica o concerto dos Rolling Stones, num ano recheado de eventos.

PÁGS.2 A 5

Reportagem

Sousa Bastos
polémico

O edifício do antigo Cine-Teatro Sousa Bastos continua a degradar-se, enquanto a discussão sobre o seu futuro se prolonga. O proprietário, a Câmara Municipal de Coimbra e o Movimento Sousa Bastos Vivo são os principais envolvidos na polémica que se intensificou no início dos anos 90. O jornal A CABRA tentou perceber o porquê da falta de consenso entre as três partes.

PÁG.12 E 13

Tigre traz mais blues

"Fuck Christmas, I Got The Blues" é o novo disco do one-man band, The Legendary Tiger Man. O homem por trás do tigre, Paulo Furtado, deixa por um momento os pratos de choque, o bombo, o kazoo e a guitarra e fala do seu novo trabalho discográfico.

PÁG.19

Queima 2004: Como vai ser?

Tudo sobre a Magna em www.acabra.net

SUMÁRIO

Destaque	2	Internacional	14
Opinião	6	Ciência	15
Academia	7	Desporto	16
Universidade	9	Cultura	18
Cidade	10	Artes Feitas	20
Nacional	11	Agenda	22
Reportagem	12	Vinte&três	23



Problemas de divulgação marcaram o início da Coimbra 2003

Coimbra deixa de ser capital

Organizadores com a satisfação do dever cumprido

“O balanço é o mais positivo possível”. É desta forma que um dos responsáveis da Coimbra 2003 se refere ao evento, a poucos dias do final de um ano em que se fez cultura

**Cristina Bastos
Ana Maria Oliveira
Vitor Rodrigues e Oliveira
João Vasco**

A apresentação do audiolivro “A Margem da Alegria”, acompanhado de um recital deste poema de Ruy Belo, marca o encerramento oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), na próxima segunda-feira, no Convento de S. Francisco. O dia tem ainda mais dois eventos programados, ambos para a parte da tarde, com a inauguração da exposição “Tesouros Artísticos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”, no Mosteiro de Santa Cruz, e com a instalação da obra “Lounge Journey”, de Pedro Cabrita Reis, que representou Portugal na 50ª Bienal de Veneza, no Pátio da Inquisição.

Sensivelmente um ano após a apresentação da programação, a iniciativa tem o desfecho simbólico, embora ainda falte terminar um conjunto de realizações. Para além destas iniciativas, a CCNC vai contar ainda com um espectáculo de teatro, agendado para os próximos dias 29 e 30, no Teatro Académico de Gil Vicente.

E foi precisamente através do teatro que a iniciativa começou a dar os pri-

meiros passos. Corria o segundo semestre de 2002 quando arrancou o Projecto Vicente - um conjunto de peças, debates e exposições dedicadas ao apelidado “pai” do teatro português, Gil Vicente - dirigido essencialmente para o público jovem. De acordo com o director da programação da CCNC e responsável pela área do teatro, Fernando Mora Ramos, o projecto teve uma “aceitação notável”: cerca de 15 mil jovens assistiram a um conjunto de espectáculos sobre textos vicentinos “que conheciam apenas da cadeira de Português”. Mora Ramos salienta que a iniciativa “entrou duro na matéria dos autos antigos e que teve um impacto muito bom” e deixa o desejo “de que esse número significativo de pessoas tenha sido sensibilizado não só para a temática vicentina, mas para o teatro de um modo geral”.

Com o Projecto Vicente e com o espectáculo “A Síncopa do 7” inaugurava-se o chamado prólogo da capital, que se pautou essencialmente pelas iniciativas teatrais, acompanhadas aqui e ali de eventos com algum sucesso, como “A Semana dos 7 Ofícios”.

Esta fase deixava antever as duras dificuldades que a iniciativa teve para arrancar, nomeadamente devido a problemas com a divulgação e com as verbas disponíveis (ver texto na página seguinte). Mas, apesar dos contratempos, a primeira capital nacional da cultura do país arrancava com um espectáculo da Orquestra Metropolitana de Lisboa, a 24 de Janeiro.

Desde então muitos foram os projectos apresentados, num evento cuja estrutura se dividiu em nove áreas diferentes: teatro, dança, música, cinema, património, artes plásticas, cidade e arquitectura, pensamento e literatu-

ra, e ciência e novas tecnologias. Segundo Fernando Mora Ramos “ainda é cedo para se fazer um balanço linear: dizer que foi tudo positivo ou negativo. O evento foi tão complexo que é preciso que seja reunido um conjunto de dados que nos permita perceber os resultados do que se fez”. No entanto, o programador faz questão de frisar que “à excepção de um ou outro acontecimento, como o ciclo ‘Retrospectiva de Orson Welles’, o programa foi executado”. Mora Ramos reconhece que “em muitas circunstâncias foi mesmo necessária uma grande dose de participação das pessoas, com enorme vontade de realizar, para fazer face aos financiamentos, que sempre tardaram”.

Música “orgulhosa”, Ciência “a meio gás”

“A área da música também teve de se bater com a questão financeira e os critérios de programação tiveram em conta isso mesmo”, conta o principal responsável pela música da Coimbra 2003, Carlos Alberto Augusto. Na altura de fazer o balanço, o programador está orgulhoso: “Penso que ninguém pode negar que, no capítulo da música, a cidade nunca esteve tão activa e que as diferentes áreas musicais foram aproveitadas”. Carlos Augusto salienta que “as iniciativas tiveram uma boa aceitação, tanto em Coimbra como fora da cidade. Tivemos o mérito de atrair um público novo, que estava ansioso por determinadas propostas que apresentámos, como foram os casos do jazz e da guitarra portuguesa”. O programador admite que houve “promessas de criação de simbioses musicais que infelizmente não foram tão longe quanto poderiam ter ido, mas eventos como o ‘Coimbra

Vibra’ ou os ‘Belle Chase com o Quinteto de Coimbra’ marcaram o mapa musical da cidade e do país”.

Depois do sucesso de concertos como o dos Rolling Stones, Lou Reed ou Ney Matogrosso, a que a CCNC se associou, Carlos Augusto diz que “agora é altura de fazer um certo recolhimento e carregar baterias para 2004, 2005 e 2006”. O programador reconhece que “um certo refluxo é inevitável”, mas está “absolutamente confiante” quanto ao futuro: “Coimbra ganhou uma nova dinâmica cultural e elevou os patamares de exigência para níveis que não vão poder regredir”.

Mas não só de música e de sucesso viveu a Coimbra 2003. Em áreas como a ciência houve mesmo a demissão da programadora, Carlota Simões, que não acreditou ser possível levar avante um projecto sem garantias financeiras. Fernando Mora Ramos compreende as razões do abandono, mas realça que nas outras áreas o relacionamento foi bom: “Do ponto de vista do entendimento entre as diferentes áreas de programação as coisas correram bem, excepção feita à doutora Carlota Simões que, na altura, e se calhar com razão, se afastou, porque não estava a ver como é que as coisas se podiam resolver, no plano financeiro, de modo atempado”.

Assim, a ciência foi um dos âmbitos que teve mais dificuldades de funcionamento. No entanto, Fernando Mora Ramos salienta que “a partir do momento em que o professor Paulo Trincão assumiu a responsabilidade da programação na área científica, surgiu um conjunto de iniciativas de natureza invulgar, não só em termos de dimensão como em termos temáticos”.

De “Pedro e Inês” a Derrida

Para além da música, do teatro e da ciência, a Coimbra 2003 dedicou especial atenção ao pensamento e a dois dos maiores pensadores da actualidade: Jacques Derrida e Eduardo Lourenço. O primeiro teve um colóquio que lhe foi especialmente dedicado e viu muitas das suas obras publicadas na língua de Camões. Também o ensaísta português radicado em França esteve na cidade aquando do seu octogésimo aniversário, assistiu à publicação de uma fotobiografia sobre a sua vida e participou em debates onde revelou alguns dos seus pensamentos acerca do Portugal contemporâneo.

Pensar e projectar a Coimbra do século XXI foi, justamente, a principal temática da área da cidade e arquitectura, que esteve a cargo do arquitecto Jorge Figueira. Um seminário internacional de desenho urbano, denominado “Inserções”, e a cidade como território de produção e projecção do saber contemporâneo - projecto “CidadeSofia” - foram as principais iniciativas num campo que conseguiu trazer a Coimbra alguns dos mais importantes arquitectos portugueses e estrangeiros.

A presença estrangeira também se fez na dança. “VI Lugar à Dança” trouxe à cidade durante dez dias, no mês de Junho, várias companhias do panorama internacional, num festival cuja principal característica foi a interacção com o público. Na mesma área, destaque para o espectáculo “Pedro e Inês”, da Companhia Nacional de Bailado, que encheu, em dois dias consecutivos, o Teatro Académico de Gil Vicente.

A sétima arte esteve também em evidência durante o ano. Apesar da gorada realização do ciclo “Retrospectiva de Orson Welles”, “O Animatógrafo de Coimbra”, a iniciativa “Cinema Português Hoje” e o ciclo “Histórias Urbanas” tiveram o acolhimento do público.

A inesperada ausência da “Retrospectiva de Orson Welles” teve que ver, segundo os responsáveis da Coimbra 2003, com a falta de permissão dada à Cinemateca Portuguesa pelos seus congéneres alemães, para exhibir os filmes daquele realizador na cidade de Coimbra.

Já no que diz respeito ao património, uma das realizações que se esperava de maior impacto, acabou por ser a grande desilusão. Inicialmente prevista para decorrer em Coimbra e Conímbriga, a “I Feira Internacional do Património Histórico” acabou por ser realizada, discretamente, no âmbito da Feira Comercial e Industrial de Coimbra na Praça da Canção. As iniciativas “Mo(nu)mentos”, “Identidades Patrimónios, Matrimónios, Pandemónios” também não tiveram grande mediatismo, numa área em que Abílio Hernandez apostava forte quando há um ano apresentava a programação da Coimbra 2003.

Por último, e no que diz respeito à área das artes plásticas, sobressaem as exposições “O Menino com olhos de gigante”, uma forma inédita de dar a conhecer a cidade de Coimbra aos invisíveis, “A Escultura em Coimbra. Do Gótico ao Maneirismo” e “Coimbra na Banda Desenhada”.

E depois do adeus?

Coimbra vive tempos de reflexão após um ano recheado de cultura. Queimados os últimos cartuchos, a cidade fica entregue a si própria

A alguns passos da recta final, agentes culturais e responsáveis políticos reconhecem que, no próximo ano, vai haver um refluxo de actividades na cidade. A Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC) não agradou a todos e a principal crítica incide sobre a falta de investimento no futuro. Contudo, no global, o balanço é positivo.

Em 2002, ainda a capital da cultura não tinha começado, sucediam-se as previsões de que Coimbra se iria ressentir no final do projecto. Um ano passado, a preocupação mantém-se. Neste sentido, o vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Mário Nunes, salienta que a autarquia não pretende deixar este projecto cair no vazio. "Por parte da câmara já temos bons programas", embora "não haja a mesma quantidade, o que seria impossível", afirma.

No rol de projectos a ser fomentados, e aproveitando a remodelação das infra-estruturas, o Museu dos Transportes, a Torre de Almedina e o Pavilhão de Portugal vão ser dinamizados. O vereador garante que estas estruturas "são uma herança de 2003 para o futuro".

O papel da câmara municipal e dos agentes culturais é, de resto, para o ex-ministro da Cultura, Augusto Santos Silva, essencial para que Coimbra mantenha a engrenagem. Desta feita, cabe à cidade "fazer subir o patamar de qualidade e exigência na actividade cultural e criar oportunidades para não se deixar perder o esforço realizado".

Já o director da companhia Trigo Limpo/Teatro Acert é mais céptico. José Rui Martins considera que houve sobretudo investimento na programação, relegando para segundo plano "um desenvolvimento equilibrado e harmonioso que deixasse raízes e não necessitasse de balões de oxigénio". A aposta devia, então, ter sido feita nos agentes culturais de Coimbra e da região para "fazer perdurar no tempo eventos que contrariassem algum marasmo que se vive



Apesar das divergências, os diversos agentes culturais fazem balanço positivo da iniciativa Coimbra 2003

na cidade".

Esta é uma perspectiva partilhada por Victor Hugo Salgado, presidente cessante da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC). O dirigente estudantil defende que as secções culturais da associação deviam ter tido um papel mais relevante ao longo do ano. Tanto a AAC como o Teatro Acert foram deixados de parte nas escolhas do presidente da CCNC, Abílio Hernandez (ver entrevista nestas páginas).

A visão de Santos Silva é, porém, diferente. O ex-ministro do governo de António Guterres diz não querer "ofender os meios culturais de Coimbra" mas, a seu ver, "seria impossível fazer uma realização nacional só com as potencialidades do meio artístico local". Santos Silva ressalva, no entanto, que não sabe "avaliar se a capital da cultura terá

virado as costas a muitos agentes culturais de Coimbra. Se tal tiver fundamento, é um elemento negativo".

Quezílias à parte, Santos Silva acredita que este é um projecto a ser estimulado, ainda que se deva optar pelo ritmo bienal ou trienal. Neste ponto, José Rui Martins está mais uma vez em desacordo com o ex-ministro. O director do Trigo Limpo/Teatro Acert mostra-se contra a continuação do projecto das capitais nacionais da cultura: "Acho errado ser necessário criar a capital de alguma coisa para a desenvolver". É que este é "um factor de desequilíbrio muito grande e parece que o desenvolvimento cultural é resultado de uma lotaria", acrescenta.

José Rui Martins critica também as opções de marketing do evento, que acusa de ter sido "demasiado

hermético e pseudo-intelectual". Mas se o objectivo era chegar às elites, este não terá sido cumprido: "Foi demasiado pretensioso e a divulgação foi feita a pensar que se estava na Flandres ou em Veneza". De qualquer modo, sublinha que o projecto permitiu à cidade "fruir de um conjunto de acontecimentos a que talvez de outra forma não teria acesso".

Todavia, a quantidade de eventos não devia ter sido, para Mário Nunes, a prioridade. Não deixando de elogiar o projecto que colocou Coimbra no mapa cultural em 2003, o vereador diz que se poderia ter apostado ainda mais na qualidade. Mas Mário Nunes é optimista e deseja que "este extravasar de ideias e pensamentos nas diferentes áreas artísticas possa continuar no próximo ano".

Stones ficam na memória

No final da Capital Nacional da Cultura Coimbra 2003, A CABRA saiu à rua para tentar saber a opinião das pessoas sobre a iniciativa que termina oficialmente na próxima segunda-feira.

De todos os eventos, o espectáculo mais referido foi, sem dúvida, o concerto dos Rolling Stones. Marília, vendedora, 52 anos, confessa que "não foi ver o grupo", mas que ouviu "falar muito deles". Acha que a CCNC "não teve o impacto que estava à espera" porque "nunca se sabia muito bem do que se tratava e o que tinham para apresentar".

Já Daniel Morais, estudante universitário, acha que esta foi "uma iniciativa bastante saudável no que diz respeito à oferta de cultura". Referiu a peça de dança "Jump-up-and-kiss-me", da companhia de Olga Roriz, que qualificou como sendo um "excelente espectáculo". Considerou ainda interessantes os "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra - Jazz ao Centro". O estudante ficou também agradado com a passagem pela cidade de nomes como Ney Matogrosso e Lou Reed, mas confessou que "não tinha dinheiro para ir vê-los a todos".

Por seu lado, João Capela, neste momento desempregado, aponta o dedo à Câmara Municipal de Coimbra, dizendo que "a capital da cultura só trouxe prejuízo e não teve lucros". "Depois somos nós que pagamos isso", acrescentou revoltado.

Apesar de haver opiniões divergentes, a maioria revelou-se contente com esta iniciativa e com o facto de encontrar uma maior oferta de espectáculos de teatro, dança, música, cinema ou artes plásticas. "Pelo menos a cidade acordou um bocadinho", comentou Sofia, estudante de Direito.

Entre os espectáculos mais recordados, para além dos Rolling Stones, estão os concertos de Ney Matogrosso e Lou Reed, o "Jazz ao Centro", o "I Festival da Guitarra de Coimbra", a ópera "Inês de Castro", e ainda a "Ópera do Falhado", "Pedro e Inês" e o "Ciclo de Histórias Urbanas".

Organização queixa-se da burocracia

A falta de autonomia financeira e administrativa é, de acordo com os responsáveis, o principal problema com que se debate a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003

A poucos dias do final, a Coimbra 2003 debate-se ainda com uma grande dificuldade. Muitos dos intervenientes na iniciativa ainda não receberam os respectivos montantes estipulados. A questão tem levantado polémica, mas o problema não é novo.

Abílio Hernandez queixou-se, ao longo de todo o ano, da burocracia que impediu que

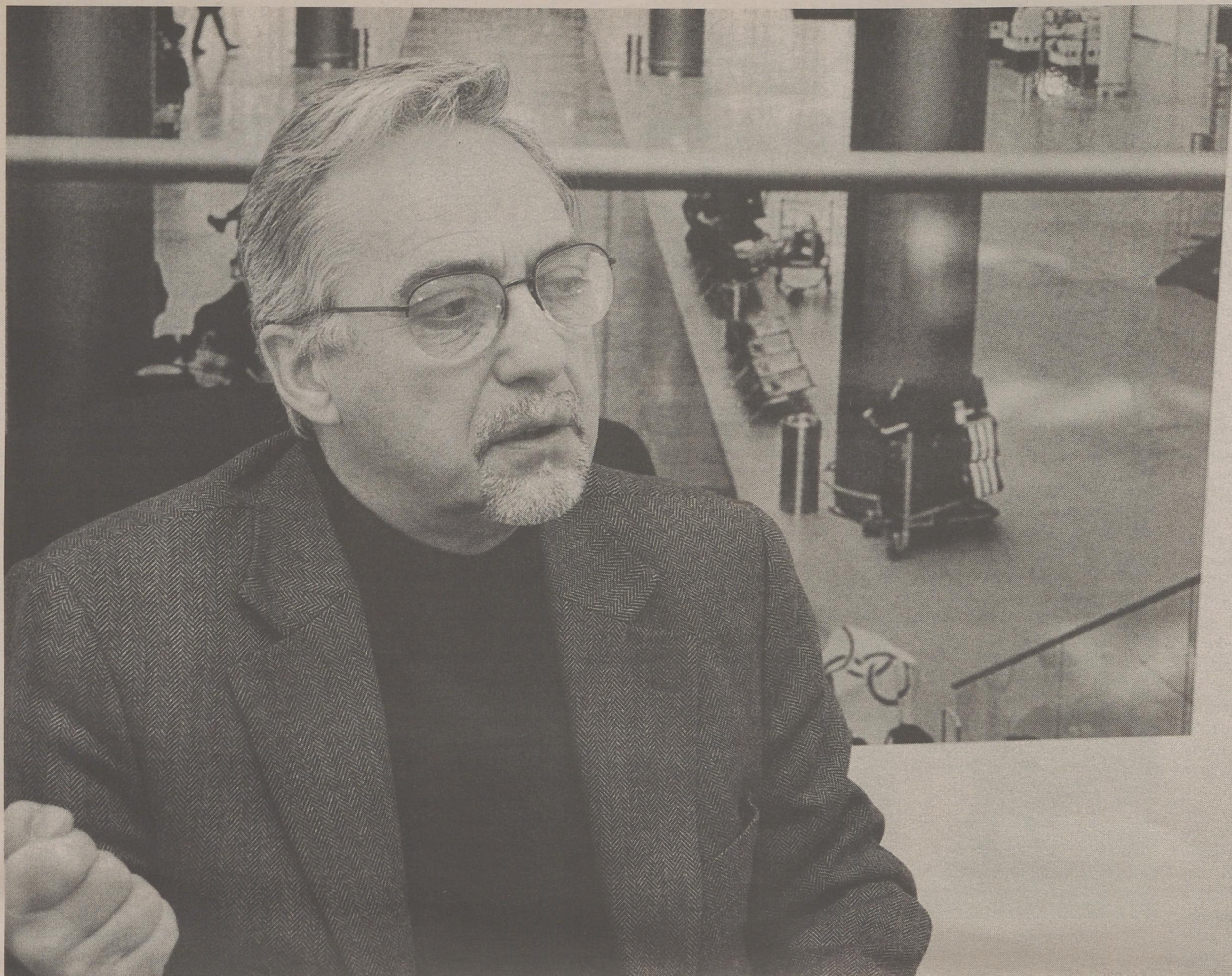
diversas companhias participantes no evento fossem ressarcidas. A polémica adensou-se nesta fase final da iniciativa, mas tanto o presidente da Coimbra 2003 como a directora de Gestão e Acompanhamento Financeiro da capital, Luísa Lopes, garantem que "a maior parte dos pagamentos em falta estão prestes a ser efectuados". A convicção de ambas parte da garantia dada pelo ministro da Cultura, Pedro Roseta, numa reunião tida há dias com os responsáveis da Coimbra 2003.

Inicialmente pensada para ter financiamento próprio, aquando da proposta de um dos ex-ministros da tutela e mentor da ideia das capitais nacionais da cultura, José Sanches, o evento acabou por ficar sem autonomia. Isto "logo nos primeiros tempos de Augusto Santos Silva à frente do sector", ex-

plica Luísa Lopes. "Na altura, penso ter-se constatado que não havia condições financeiras para se criar uma sociedade anónima. O país já estava a entrar em crise económica", acrescenta. Por isso, as dificuldades foram muitas e a programação feita de acordo com as restrições: "Programámos e fizemos a nossa actividade em função do orçamento que nos atribuíram", diz Luísa Lopes.

Assim, numa primeira fase, as verbas de que a organização dispunha vinham directamente da Direcção Regional da Cultura do Centro (DRCC) que, por sua vez, recebia os montantes do Ministério da Cultura. Estes valores tinham sido determinados durante a elaboração do Plano Operacional da Cultura, tendo em conta também a quantia de verbas comunitárias de que a tutela dispunha. Mas,

se já nesse período a burocracia impedia a celeridade no acesso aos montantes necessários, "tudo se complicou com a perda de autonomia da DRCC", esclarece Luísa Lopes. A directora de Gestão e Acompanhamento Financeiro salienta que "é por isso que em relação às companhias se chegou a esta situação, porque estamos dependentes, tanto do ministério como do Programa Operacional da Cultura e das regras comunitárias". Luísa Lopes espera, no entanto, que "a curto prazo e já nas próximas semanas se comece a desbloquear esta situação mais complicada". A demora, a prolongar-se, "deve-se ao inconveniente da dependência dos contratos que têm que ir para o gabinete jurídico do Ministério da Cultura, o que torna todo o processo demorado".



"Nunca houve nenhuma guerra entre a capital da cultura e a Associação Académica de Coimbra", afirma Abílio Hernandez

“Demitir-me era dar razão aos que tiveram uma actuação mais rasteira”

Abílio Hernandez satisfeito com a Coimbra 2003, mas “sem saudade nenhuma da parte burocrática”

Na altura de fazer o balanço da capital da cultura, o principal responsável pelo projecto considera que a cidade ganhou uma maior dinâmica cultural, novos públicos, mas reconhece que houve períodos de “grandes dificuldades”

Sónia Nunes
João Vasco

Numa longa conversa, Abílio Hernandez falou dos momentos de ouro da Coimbra 2003, dos problemas de diálogo e das relações com a câmara e com a academia. Pelo meio amaldiçoou a burocracia e disse “aos próximos presidentes das futuras capitais para nunca aceitarem uma gestão desta natureza”.

Passou um ano do início da Coimbra 2003. Coimbra mudou muito, em termos de matéria cultu-

ral?

Coimbra está a mudar. Desde logo na oferta. Lembro-me que há meia dúzia de anos, várias vezes se questionava se haveria ou não concorrência caso houvesse um espectáculo no [Teatro Académico de] Gil Vicente e outro a decorrer à mesma hora, noutra sítio. Agora, felizmente, essa questão não se põe. O facto de em Coimbra haver a possibilidade de escolha entre vários eventos culturais é um grande passo. Só numa pequenina aldeia é que as pessoas ficam satisfeitas quando há só um evento cultural. Por outro lado, a oferta tem sido disseminada. Dantes era no território da Praça da República. Era ali que estava a cultura em Coimbra. Agora as ofertas culturais estão espalhadas pelos mais diversos espaços: equipamentos convencionais, não convencionais, espaços públicos, espaços inventados.

As pessoas do resto do país vie-

ram a Coimbra ver esses eventos?

Ao “Coimbra Vibra” vieram, aos Stones também. Na música vieram. Veio gente ver Lou Reed, Sakamoto, Ney Matogrosso. Também veio gente de fora ver alguns concertos da chamada música erudita. Mas, mesmo no concelho de Coimbra, houve gente que, pela primeira vez, não tenho dúvida nenhuma, assistiu a um concerto de música clássica. Não no Gil Vicente, não aqui no centro da cidade, mas quando a Orquestra de Câmara foi tocar às igrejas da Pampilhosa, S. Paulo de Frades, Souselas. Um público das pequenas comunidades rurais, que nunca iria ver um concerto no Gil Vicente, pela formalidade. Quando o público não vem é preciso lá ir ter com ele. Foi esse o

trabalho, muito meritório, da Orquestra de Câmara, que foi encontrando o sítio certo para as pessoas ouvirem Mozart ou Beethoven. Quando alguém diz: “O quê? Vamos agora levar Beethoven ali a uma parvónia?”,

é uma instigação porque a “parvónia” só pode saber se gosta de Beethoven se lá se levar o Beethoven. As pessoas foram porque se sentem bem no sítio onde a orquestra foi tocar: as igrejas que eles conhecem. Isso foi excelente.

De facto, chegou-se aos públicos do centro. Mas não havia também a intenção de chegar a outras zonas do país?

Não tinha expectativas enganadas. As capitais europeias da cultura tiveram pouco de internacional. O Porto teve algum público da Galiza, mas viveu do público nacional e, fundamentalmente, do público do Porto. Lisboa 94 viveu do público nacional e de Lisboa. As duas capitais europeias não tiveram público internacional. Uma capital nacional teve um público nacional à escala do possível. Algo não funcionou, mas não é da nossa responsabilidade.

E a Coimbra 2003 não poderia ter feito mais nesse sentido?

Nos primeiros tempos foi difícil. Em 2002, durante o prólogo, tivemos grandes dificuldades. Devíamos ter feito mais. Entrámos aqui, no nosso espaço, em 21 de Março de 2002. Ao

mesmo tempo, montámos a estrutura, programámos e começámos a executar. Era um trabalho absolutamente incessante (e continua a ser). A partir do momento em que começámos a ter em funcionamento a página da web e a agenda mensal a divulgação melhorou. A agenda tem uma distribuição de cerca de 400 mil exemplares. Em Coimbra, há cerca de 80 mil pessoas que recebem a agenda directamente na caixa do correio. Quando ainda se diz que não há informação sobre a capital, é porque não se lêem jornais ou não se ouve rádio.

Confia que estas iniciativas continuem com este executivo camarário? Qual é sua perspectiva, nos tempos mais próximos, para o pós-capital da cultura?

Uma coisa é certa: não se pretende manter o ritmo. Era insensato. Pretende-se manter a dinâmica cultural. Temos o exemplo infeliz do Porto, que depois de uma Capital Europeia da Cultura, caiu numa espécie de buraco. É evidente que o modelo do Porto era diferente, a escala e os motivos foram diferentes. O Porto viveu um período de refluxo e os agentes culturais estão ainda a sentir isso na pele.

Mas, em Coimbra há mais sintonia com a câmara...

Não há sintonia política, mas também não há guerra. Sou um homem claramente situado à esquerda mas isso não me impede de trabalhar com a câmara. Todos nós trabalhamos por Coimbra. Aquilo que víamos em Coimbra, durante largas décadas, era a incapacidade das instituições dialogarem. Criaram-se novas formas de colaboração entre entidades que são essenciais para que a cidade progrida. Estou optimista em relação ao que possa acontecer após 2003. Criámos novos públicos e isso é criar novas necessidades. Agora, há necessidade de mais eventos. Se sentir que essas necessidades são um direito, a cidade tem que resolver esse problema.

Por tudo isto, nas próximas autárquicas era capaz de votar em Carlos Encarnação?

(risos) Não lhe digo nem sim, nem não. Tenho um excelente relacionamento e uma grande estima pessoal pelo doutor Carlos Encarnação. Mas nunca votei na direita.

“Seria o último a fazer uma guerra contra a AAC”

O que se passou entre a capital e a Associação Académica de Coimbra (AAC). Os grupos entregaram ou não projectos? Não havia qualidade suficiente?

Ao contrário do que muita gente possa pensar, houve uma participação muito elevada das estruturas estudantis na capital da cultura, indiscutivelmente. Houve uma boa relação com muitas dessas estruturas, apesar de não termos apoiado financeiramente. Há uma boa relação com a CABRA, mesmo quando critica a capital. Com a Rádio Universidade de Coimbra também. Os organismos autónomos colaboraram connosco: o Orfeón, o Coro Misto, o TEUC, o CITAC. Na área das ciências, tivemos a colaboração da Secção de Astronomia. Claro que houve dificuldades. A 1 de Agosto de 2002 foi apresentado um conjunto de projectos. Mas muitos não eram projectos, eram ideias. E muito pobres.

Algumas secções queixam-se de que não foi dada uma resposta a esses projectos.

É natural que sim. Manifestámos incapacidade em responder a muita gente a tempo. Nem sei se houve alguém que tivesse ficado mesmo sem resposta. Houve dificuldades com o TEUC e com o CITAC. Mas também nas secções e nos organismos autónomos há um ciclo muito complicado de altos e baixos. Há uma grande fragilidade nas estruturas associativas. É possível a uma direcção-geral coordenar um conjunto de secções que parecem clubes desportivos, mas que têm o emblema da AAC?

No que toca ao diálogo com a capital, Victor Hugo Salgado esteve bem?

Houve pequenos equívocos mas nunca deixou de haver diálogo. Lembro-me de uma situação que teve a sua piada. Poucos dias após o Victor Hugo ter estado à espera do ministro da Cultura para lhe entregar um documento de protesto contra a Coimbra 2003, estivemos, lado a lado, numa sessão sobre a intervenção norte-americana no Iraque. Os fotógrafos fartaram-se de tirar fotogra-

fias... As opiniões divergentes são indispensáveis. O que aconteceu aqui foi uma coisa muito suave e branda. É preciso distinguir as divergências de guerras. Nunca houve nenhuma guerra entre a capital da cultura e a associação académica. Seria o último a fazer uma guerra contra a AAC. Houve divergências com a direcção-geral, mas passou. Confesso que não estava habituado a isso. Foi uma situação pontual que não me fez afastar da associação académica. Sofro sempre muito com as coisas da AAC, e sofro sempre mais quando estou em desacordo.

“Fico sem saudade nenhuma da parte burocrática”

Outras companhias de teatro, fora da AAC, também se queixaram da falta de diálogo. Por exemplo, a Camaleão.

A Camaleão tem trabalhado com a capital. Mas sim, queixou-se. Talvez convenha perguntar a algumas dessas estruturas se alguma vez foram tão apoiadas como estão a ser este ano. Alguém tem que tomar decisões e fazer escolhas e ninguém gosta ficar de fora. Fazer uma capital não é agarrar em eventos avulso, é programar. Programar é tentar uma coerência entre várias áreas, a partir de objectivos e de princípios. E isto significou excluir muita coisa. Não sei se excluímos mais do que incluímos, até porque o dinheiro não chega para tudo. A escolha pressupõe isso. Não sei se as palavras ficam tristes por não fazerem parte de um poema.

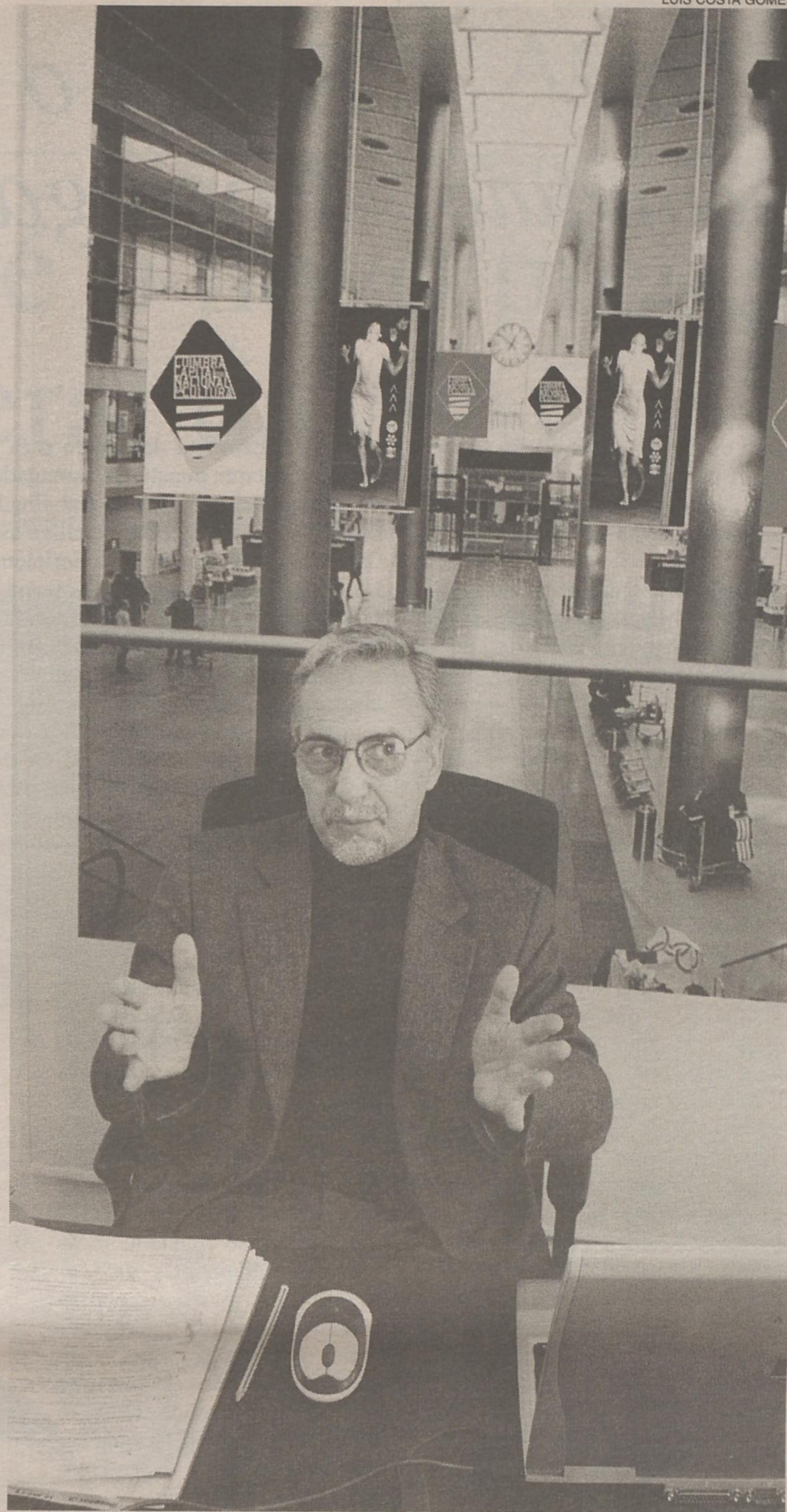
E a Escola da Noite não terá sido beneficiada? Teve um espaço próprio.

O espaço não fomos nós que o demos. Há grandes discrepâncias entre as estruturas culturais em Coimbra. Há estruturas bem instaladas, mas também já ganharam um estatuto que lhes permitiu isso. Mas isso não tem nada a ver com a Coimbra 2003. A Escola da Noite, como companhia profissional, tinha obrigação de apresentar um projecto com outra dimensão. De facto, fez um grande trabalho no Projecto Vicente. Agora, os da Mafia vivem em condições incríveis. E não só esses. Um dos problemas que fica para depois de 2003 é também esse. Acho que se notam mais as necessidades dos pequenos grupos. Mas mais uma vez não é caridade: as estruturas têm que conquistar o seu lugar. Claro que são grupos muito frágeis, mas fizeram parte da nossa programação.

“Uma capital como esta, ano a ano, nem pensar!”

Faro é a hipótese mais forte, neste momento, para ser a próxima capital da cultura. Seria uma boa aposta? E para quando?

Seguramente que não em 2004. E em 2005, eu não aceitava, sabendo o que sei hoje. Uma capital deve ser anunciada com três anos de antecedência. Por outro lado, é essencial outro modelo de gestão, com autonomia administrativa e financeira. As capitais não devem ser escolhidas avulso. Não sei se Faro é uma boa solução. Há outros candidatos: Évora, Santarém, Covilhã... A escolha não deve depender de lobbies políticos, financeiros ou regionais. Tem que haver um planeamento, a muito longo prazo, que faça o essencial: a descentralização cultural. Para isso, devem



“Todos nós trabalhamos por Coimbra”

ser cidades de pequena e média dimensão, espalhadas pelo norte, sul, interior, litoral.

Faria sentido várias capitais da cultura no mesmo ano?
Nunca tinha pensado nisso. As capitais até podiam ter outro nome. Está-se a banalizar esta ideia de capital. Há a capital de tudo. Qualquer dia vem aí a capital universal do grão-de-bico (risos). O que importa, de facto, é um planeamento cultural a longo prazo, que assente numa actuação em rede. Uma rede de espaços, teatros, cine-teatros. É preciso mostrar que é possível trabalhar em espaços não convencionais e permitir que os projectos com qualidade circulem pelo país. Admito que possa haver, num ano, dois pólos, desde que as coisas sejam feitas à escala das pessoas e das localidades. Agora uma capital como esta, ano a ano, nem pensar!

A falta de autonomia financeira e administrativa fez com que muitos dos participantes na capital ainda não tenham recebido. Quando vão receber?

Toda a gente vai receber, não tenho a mínima dúvida. Recebi garantias expressas do ministro da Cultura. É evidente que há gente à espera há imenso tempo e há casos dramáticos.

A burocracia é a grande culpada?

É um flagelo terrível. O poder político não pode ficar sujeito a uma repartição qualquer do Ministério das Finanças. É imperdoável que isto aconteça. Nunca imaginei que a burocracia fosse tão poderosa e maléfica. Com esta burocracia, a cultura será sempre prejudicada. Mas há a garantia que todas as pessoas serão pagas. Isto não se poderá resolver de forma amadora. Chegámos a ter casos de pessoas da capital que emprestavam dinheiro a companhias.

“A burocracia mata a arte”

Quanto ao encerramento. Porquê esta aposta?

As sessões de abertura e de encerramento são oficiais. Não são os meus momentos preferidos: não há o número de lugares disponíveis para o grande público que devia haver, há muitos convidados. Depois, há sempre os que são esquecidos. O programa é bom, à semelhança da cerimónia de abertura. Pelo menos tivemos originalidade: não houve discursos. Convidei o João Grosso para dizer o fragmento final da “Margem da Alegria” do Ruy Belo. No fim do poema disse: “E com estas palavras declaro oficialmente aberta a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003”. Agora, acaba justamente com o recital da “Margem da Alegria”, no convento de S. Francisco. Voltamos a Pedro e a Inês, à poesia.

As dores de cabeça

A Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 ficou também marcada pela ausência dos Encontros de Fotografia de Coimbra na programação e pela demissão da programadora da área da ciência, Carlota Simões. Quanto à fotografia, Abílio Hernandez começa por dizer que quando se fala em Encontros de Fotografia, “fala-se em duas coisas: da associação Encontros de Fotografia e da bienal”. E explica: “A bienal não se faz desde 2000. Com pena minha, porque era um dos eventos mais relevantes em Coimbra. Este ano não se fez, portanto, não poderia fazer parte da capital da cultura”. A este respeito, Hernandez é taxativo: “Posso apenas dizer que nunca, mas nunca, foi apresentado à Coimbra 2003 qualquer projecto relacionado com a bienal”. Já no que diz respeito aos encontros, previstos para a fase do prólogo da capital da cultura, Abílio Hernandez reconhece que “houve divergências” com o director do Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia, Albano Silva Pereira, e diz que “não gostaria de voltar a falar mais no assunto”.

Já no que diz respeito às demissões, Abílio Hernandez admite que acabaram por prejudicar o evento, nomeadamente a de Carlota Simões: “A doutora Carlota Simões tinha um contrato, mas que não foi a bom termo. Não houve entendimento no trabalho e, portanto, saiu da programação. A área da ciência teve que ser outra vez repensada e perdeu-se muito tempo nessa fase. Como consequência, os eventos acabaram por se concentrar no segundo semestre. Mas, aí, o trabalho do doutor Paulo Trincão foi notável”.

Em termos pessoais, o que significou encabeçar uma capital da cultura?

Foi um desafio. Tive desde o início essa consciência. Não demorei quase nada a dizer que sim. Era incapaz de dizer que não. Além disso, não se deve resistir às tentações. O facto de passar a vida a falar de literatura e de cinema fez com que, não sei se com irresponsabilidade, tivesse dito que sim. Do ponto de vista da programação dá-me um prazer tremendo. Já a gestão dá-me um fastio tremendo, a burocracia mata a arte. Mata o prazer de fruir as coisas. Fico sem saudade nenhuma da parte burocrática. Direi aos próximos presidentes das futuras capitais para nunca aceitarem uma gestão desta natureza. Não fico obviamente cansado da arte e da cultura. Apetecia-me pedir um remake das coisas que não pude ir ver.

Em algum momento pensou sair?

Nunca! Houve um ou dois momentos em que pensei que me queriam empurrar. Entendi que o pior seria fazer-lhes a vontade. Não estou agarrado a um lugar, ainda por cima temporário. A cultura também é feita desta resistência às coisas que são menos agradáveis. São as pequenas guerras subterrâneas. Quando fazemos coisas incomodamos os outros. Apesar da cidade estar a mudar ainda há quem se incomode porque alguém faz. Deixar-me era dar razão aos que tiveram uma actuação mais rasteira.

EDITORIAL

O poder escondido da Queima

Após o último processo eleitoral para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra (AAC), os estudantes da academia debatem hoje as novas formas de contestação contra as políticas governamentais para o sector do ensino superior. Em cima da mesa vai estar a suspensão da Queima das Fitas.

Esta medida, já várias vezes sugerida veladamente, surge agora como uma hipótese a ter em conta, após a relativa ineficácia das deliberações anteriores – greves, manifestações ou fechos da universidade a cadeado – em conseguir um recuo efectivo do executivo liderado por Durão Barroso na mercantilização do ensino superior público. No entanto, antes de aplicar esta medida, é necessário compreender o seu impacto integral na academia, na cidade e no país.

“Não se pondo em causa a importância de uma eventual suspensão da Queima das Fitas, o certo é que essa decisão não pode ser tomada de ânimo leve”

Não se pondo em causa a importância estratégica de uma eventual suspensão da Queima das Fitas 2004 devido a motivos de contestação estudantil, o certo é que essa decisão não pode ser tomada de ânimo leve. Afinal, actualmente, esta festa é uma das principais fontes de financiamento da AAC, nas suas mais variadas frentes: estudantil, cultural e desportiva – e isto sem referir o impacto que possui na economia da cidade. O certo é que a maioria dos estudantes desconhece esta situação e, por isso, não possui, neste

momento, a informação necessária para tomar uma possível decisão acerca de uma eventual suspensão da Queima das Fitas em consciência.

Para isso, em primeiro lugar, é necessário realizar um levantamento do impacto da festa na vida das secções culturais, secções desportivas, núcleos de estudantes e mesmo da própria Direcção-Geral da AAC. Afinal, apesar de muitos referirem esta situação, o certo é que ninguém sabe ao certo o que uma eventual suspensão deste evento e ausência das consequentes receitas pode significar para a AAC. A título de exemplo refira-se que, durante o ano passado, o lucro da Queima que transitou para o Conselho Cultural (agente que congrega todas as secções culturais da AAC), representou mais de metade da verba que este órgão distribuiu às várias secções. Assim, é necessário perceber os valores em cima da mesa e prever soluções que evitem que a AAC e as estruturas a ela associadas entrem na penúria financeira.

Por outro lado, é necessário considerar que, para além das instituições directamente ligadas à AAC, a Queima das Fitas disponibiliza 30 por cento do seu lucro para apoio a projectos vários – auxílios financeiros para a gravação de projectos musicais por parte de vários grupos da academia, apoio à reconstrução de repúblicas ou revitalização da rede informática do edifício da AAC.

Por fim, é também essencial compreender que, apesar do simbolismo que uma eventual suspensão da Queima das Fitas possuía, dificilmente os estudantes da Universidade de Coimbra poderão evitar que uma festa de parâmetros semelhantes surja, na mesma altura e no mesmo local. Isto é dizer que, apesar das intenções estudantis de cancelar a Queima das Fitas da Universidade de Coimbra, dificilmente poderão evitar que qualquer um dos politécnicos ou universidades privadas existentes na cidade se aproveite desse facto e promovam eles próprios uma festa de moldes semelhantes. E aqui, para além do apoio evidente da indústria cervejeira e musical, facilmente encontrarão uma enorme abertura por parte dos empresários da cidade, nomeadamente da Associação Comercial e Industrial de Coimbra, e do “lobby” que estes representam institucionalmente.

Posto isto, e somente com os estudantes devidamente informados dos riscos e benefícios que uma eventual suspensão da Queima das Fitas poderá acarretar, se poderá então falar seriamente nesta temática. Mais: só com uma enorme dignidade moral e respeito pelo outro, por parte daqueles que, não se identificando com os ideais desta festa, defendem a sua suspensão (não deverão eles contribuir activamente para o debate, mas abster-se quando se votar uma eventual suspensão de algo que não consideram seu?...), se poderá, efectivamente, conseguir unir a academia em torno desta medida. Porque a suspensão da Queima das Fitas é uma arma, é certo, mas uma arma que pode ter efeitos nefastos no futuro da AAC. **Emanuel Graça**

Este é o orçamento de que Portugal não necessitava

Joel Hasse Ferreira *

1 - O Orçamento de Estado para 2004 é um instrumento legal que penaliza a esmagadora maioria do povo português. Penaliza os trabalhadores por conta de outrem em sede de IRS, penaliza as empresas instaladas no interior, penaliza os deficientes a quem retirou benefícios fiscais, penaliza aqueles que vão perdendo os seus postos de trabalho, penaliza as novas gerações a quem estreita os horizontes do futuro. E o seu objectivo central não tem hoje qualquer sentido. O défice, como valor contabilístico nominal e autónomo, não tem significado económico. E as recentes decisões do Eurogrupo e do Conselho ECOFIN evidenciam isso mesmo. A ministra das Finanças manifestou face às dificuldades da França e da Alemanha uma compreensão que não tem face às dificuldades económicas e sociais dos portugueses.

2 - O Orçamento para 2004 penaliza os trabalhadores, as famílias e os cidadãos em geral, em sede de IRS, porque estabeleceu um falso cenário para a inflação, e, com base no valor médio mal estipulado, calculou os novos escalões do IRS, o que vem a conduzir a um agravamento real desse imposto. Efectivamente, o Governo tem-se revelado incapaz de fundamentar devidamente o cenário macro-económico que estabeleceu nas Grandes Opções do Plano, o qual não resiste a uma análise aprofundada nem ao cotejo com previsões mais sérias nem sequer a testes rigorosos de consistência.

3 - Há, em qualquer caso, um esforço denodado por parte do Governo, no sentido de diminuir o poder de compra dos portugueses, não só por via do aumento do IRS, como já houve, no princípio da actual governação, com o aumento da taxa máxima do IVA, o que, tal como o aumento do IRS, desencoraja a procura interna. O actual Executivo aposta na retoma da economia de outros países, nomeadamente dos principais compradores de produtos e serviços portugueses e despreza, em boa parte, o mercado nacional. E isso tem consequências muito negativas, já que boa parte das empresas portuguesas, nomeadamente pequenas e médias, trabalham essencialmente para o mercado interno. Esta aposta dominante, praticamente exclusiva no mercado externo, ajudará a compreender a posição da ministra portuguesa das Finanças no Eurogrupo e no Conselho Europeu dos Ministros de Economia e Finanças, mas não justifica a errada estratégia governamental, nos domínios económico e financeiro. É que a França e a Alemanha são dos principais compradores às empresas portuguesas. Será correcto compreender as suas dificuldades, mas é inaceitável impor mais ainda aos portugueses

4 - No Orçamento para 2004, determina-se a descida global do IRC, idêntico para todas as empresas. Recusaram (o Executivo e a maioria parlamentar) promover diferenciações fiscais positivas ou sequer manter algumas já existentes. Recusaram as propostas de beneficiar fiscalmente as empresas que demonstrem modernização ou inovação tecnológica, as que garantam um melhor ambiente interno e externo à empresa ou as que apoiem a formação de jovens ou o aperfeiçoamento e reciclagem de quadros e trabalhadores em geral.

Assim, desprezaram o incentivo a quem realmente procura melhorar no plano da competitividade e da produtividade, bem como no âmbito do desenvolvimento sustentável. Recusaram manter a diferenciação fiscal positiva a favor da generalidade das empresas do interior, assim contribuindo para aumentar o desequilíbrio entre o litoral desenvolvido e o interior económica e socialmente mais deprimido. Neste contexto, a descida global do IRC, feita desta forma, beneficia essencialmente os grandes accionistas da pequeníssima minoria de empresas cotadas.

5 - No debate do PIDDAC, onde se estabelece o grosso do investimento público para 2004, os deputados da actual maioria apresentaram propostas de alteração geralmente mal fundamentadas e apenas aprovaram as propostas de deputados da oposição quando praticamente coincidiam com as suas, demonstrando um nulo grau de abertura política.

No conjunto, o PIDDAC para 2004 desce significativamente em relação a 2003 e muito com referência a 2002. Exprime um desajustado desprezo face ao investimento público, negligenciando a necessidade de se favorecer não só a melhoria das condições de vida dos cidadãos, como de melhorar as condições contextuais do próprio investimento privado.

Em cada ano, o actual Governo faz significativamente descer o investimento público, não entendendo que, assim, não só aumenta o desemprego em termos directos, como prejudica o clima económico relativamente ao próprio investimento privado. Em suma, estreita os horizontes às gerações futuras. Como o estreita na política face às Universidades, onde procura, com o pretexto do aumento das propinas, desresponsabilizar-se das suas obrigações face ao ensino superior.

Quanto à evolução do desemprego, o próprio cenário macro-económico apresentado prevê o seu aumento durante o ano de

2004, o que é coerente com a redução do investimento público, o desencorajamento do investimento privado, a redução da procura interna e o desprezo pela qualificação dos jovens e dos trabalhadores em geral. Neste quadro, foram também recusados benefícios fiscais à formação certificada e à obtenção de níveis graus de ensino por trabalhadores-estudantes.

O investimento desce brutalmente na educação. O Governo em funções não entende como deveria aproveitar a evolução demográfica para melhorar a qualidade do ensino básico e secundário.

6 - Este é o orçamento de que Portugal não precisava. Corta no investimento, aumenta o desemprego e nem sequer consolida realmente as contas públicas. Desenvolve, sim, em torno da magia do défice um conjunto de manipulações contabilísticas que em nada resolvem os problemas estruturais das finanças públicas portuguesas. Por aparente fidelidade às regras de um Pacto de Estabilidade e Crescimento, estabelecido em circunstâncias monetárias e económicas bem diversas, o qual a maioria económica da zona Euro não respeita e a maioria política da Europa da União na prática revoga ou congela.

*Deputado do Partido Socialista

Miguel Duarte é o novo presidente da Direcção-Geral da AAC

Hugo Queiroz foi derrotado na segunda volta das eleições para os corpos gerentes da AAC

Miguel Duarte passou de administrador para presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Pelo caminho ficaram quatro projectos

**Tiago Azevedo
Tiago Pimentel**

Miguel Duarte foi eleito na semana passada, à segunda volta das eleições, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), por uma diferença de 781 votos em relação a Hugo Queiroz.

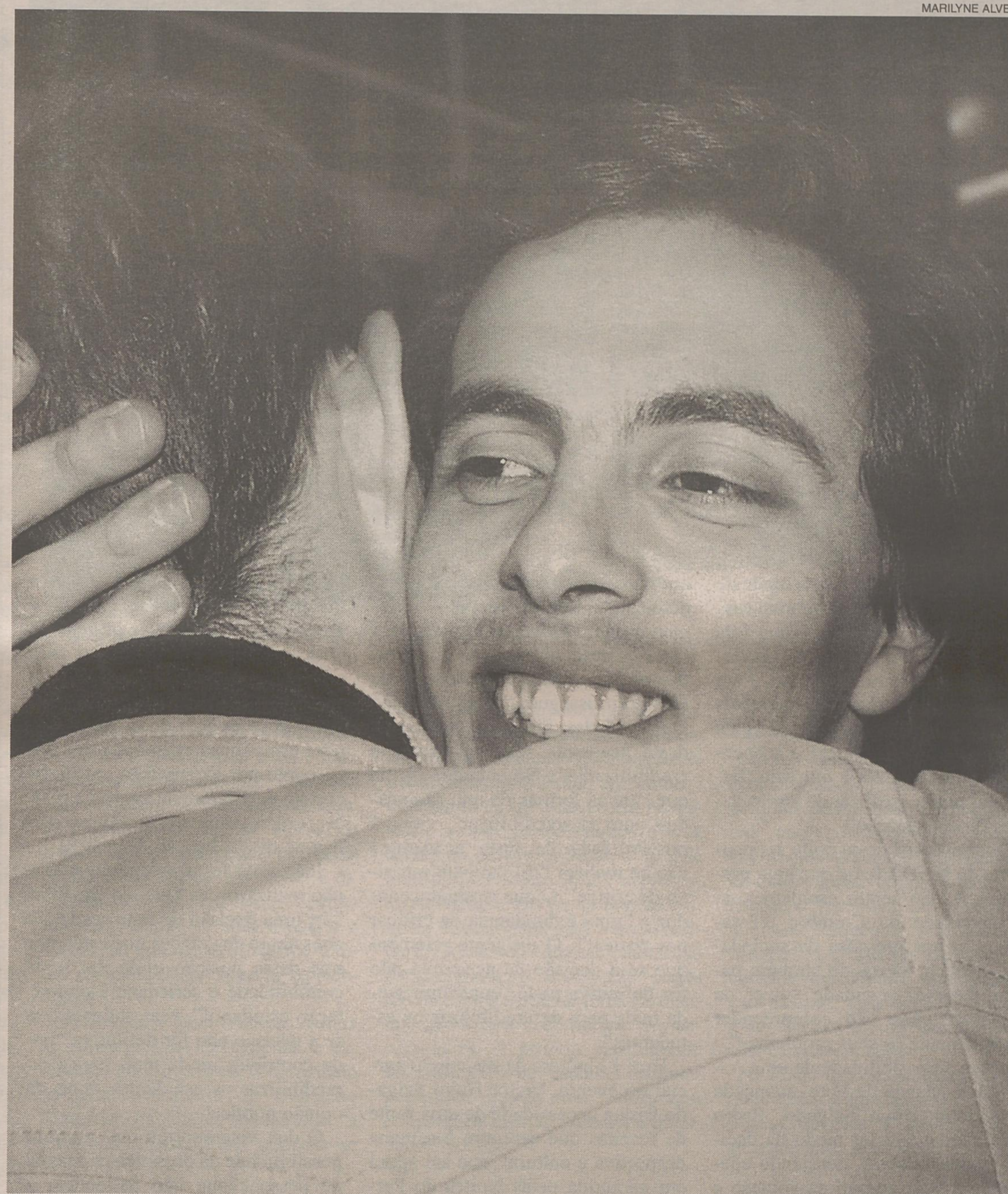
A lista I, obteve a vitória em todas as faculdades com excepção da faculdade de Direito, onde estuda Hugo Queiroz, líder da lista C, e Psicologia e Ciências da Educação, onde o resultado foi equilibrado, tendo Hugo Queiroz obtido apenas mais dois votos do que Miguel Duarte.

No final da contagem dos votos, Miguel Duarte manifestou-se feliz pela confiança que a academia depositou no projecto da lista I. A linha orientadora da actuação da nova direcção-geral prende-se com a contestação à política educativa do governo para o ensino superior, uma vez que esta luta "não é só dos estudantes, mas de toda a sociedade".

Miguel Duarte defende a continuidade da política educativa posta em prática pela direcção-geral de Victor Hugo Salgado, afirmando que a lei de financiamento para o ensino superior "é um modelo de desinvestimento". Mas realça que "a contestação é sinónimo das decisões da academia e tem que ter em conta o movimento associativo".

Segundo o novo presidente da DG/AAC, Portugal necessita de "uma aposta na diminuição da contribuição das famílias no orçamento das universidades". Deste modo, a primeira medida a tomar é a realização de uma campanha de consciencialização das implicações que esta política acarreta para o ensino superior. Relativamente a uma eventual suspensão da Queima das Fitas, Miguel Duarte fica à espera do final da Assembleia Magna marcada para hoje.

Hugo Queiroz, candidato derrotado da lista C, afirmou que o resultado das eleições foi "a decisão da academia". No que respeita às causas da derrota, o estudante de Direito salienta que não houve falta de empenho por parte dos elementos do projecto, acrescentando que o trabalho desenvolvido não vai cair por terra, mas sim "ajudar esta DG/AAC a construir uma academia mais inter-



Miguel Duarte, o novo presidente da DG/AAC, aposta forte na sensibilização da sociedade para a causa estudantil

ventiva, mais crítica e mais sólida".

Primeira volta afastou três listas

A lista I foi também a vencedora na primeira volta das eleições para os corpos gerentes da AAC, que decorreu nos dias 3 e 4 de Dezembro, obtendo 2216 votos. Hugo Queiroz, pela lista C, foi o candidato que se seguiu na passagem à segunda volta com um total de 1516 votos. Muito perto deste projecto, ficou a candidatura de Paulo Leitão, da lista E, que, conquistando a faculdade de Ciências e Tecnologia, alcançou 1248 votos. Fora da corrida para a segunda volta ficaram a lista A e a lista L, que convenceram 972 e 624 votantes, respectivamente. A percentagem de votos nulos foi pequena, 134 votos, mas, no entanto, o número de votos brancos foi elevado, registando-se um total de 626. Na to-

talidade foram 7331 os estudantes que votaram na primeira volta destas eleições, cerca de um terço dos alunos da universidade.

Os resultados finais da primeira volta ficaram longe de garantir a maioria absoluta para algum dos projectos. Apesar de ter sido uma das maiores afluências às urnas dos últimos anos, a pluralidade de listas levou a uma elevada compartimentação dos votos, conseguindo todos os candidatos, à excepção de Bruno Julião, conquistar uma faculdade.

Após a divulgação do escrutínio, Miguel Duarte, vencedor na primeira volta, considerou os resultados um "bom presságio para a segunda volta" e que o número de votantes se devia à participação de "cinco candidatos conhecidos na academia". Hugo Queiroz, por seu lado, admitiu que o objectivo "era ter obtido a vitória na primeira fase". Tal como o

candidato da lista I, Hugo Queiroz também referiu a grande adesão dos estudantes salientado, no entanto, que "a participação é sempre pequena tendo em conta a dimensão da AAC".

O projecto da lista A, encabeçado por Bruno Julião, considera que as expectativas não foram cumpridas e acrescenta que a postura do projecto foi positiva, pois não se baseou no "carácter obsessivo pelos resultados". Paulo Leitão, que esteve perto de passar à segunda volta, afirmou que não esperava a derrota depois de todo o trabalho que tinha sido desenvolvido. Já Vasco Nogueira foi mais crítico quanto à actuação das listas, referindo que o "comportamento de alguns elementos dos diversos projectos quase que afastavam os colegas de votar". Resultante de uma candidatura do Movimento por um Superior Ensino Superior, o candi-

dato da lista L diz que os elementos que compõem o projecto vão continuar a trabalhar em ligação com a AAC.

Falta de debate marcou campanha

As eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) foram este ano marcadas pela existência de cinco listas candidatas, facto que motivou a realização de uma segunda volta para o apuramento da lista vencedora.

O número de votantes registado na primeira volta, 7331, foi um dos valores mais elevados dos últimos anos. Na segunda volta, 5961 estudantes exerceram o seu direito de voto.

O presidente da Comissão Eleitoral, Nuno José Mendes, considera que a participação dos estudantes no processo eleitoral foi "uma pequena mostra de força, tendo em conta que estamos em altura de exames". Nuno José Mendes considera que a campanha eleitoral foi "um pouco fraca", tendo a principal lacuna sido a falta de debate.

Um aspecto que marcou estas eleições foi o cacique. O responsável da Comissão Eleitoral afirma que "toda a gente sabe que existe" e aponta o difícil controlo como principal motivo desta prática.

Conselho Fiscal a duas velocidades

O Conselho Fiscal (CF) da Associação Académica de Coimbra, este ano, foi eleito apenas à segunda volta. As eleições para este órgão decorrem através do método de Hondt, o que não obriga a uma maioria absoluta, mas garante a possibilidade das várias listas serem representadas. Este ano, devido a um problema com a distribuição dos boletins de voto para o Conselho Fiscal durante o turno matinal do primeiro dia de eleições na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF), os resultados finais só foram apurados na segunda volta depois de se optar por uma repetição do acto eleitoral para o CF na faculdade, uma solução apoiada por todas as listas.

Para o CF foram eleitos Hélder Batista e Pedro Baldaia (lista I), Nuno Saraiva (lista C), Cátia Loureiro (lista E) e Pedro Coelho (lista A). Sem representação ficou a lista L, que com apenas 624 votos, não conseguiu eleger nenhum representante. Nos resultados finais, a lista I conta com 2196 votos, a lista C com 1509 votos, a lista E aparece logo a seguir com 1222 votos e a lista A não passou dos 983.



A suspensão apenas das noites do parque é uma medida de contestação às actuais políticas governamentais defendida por alguns estudantes

Queima das Fitas “traz muito” à região

O presidente da Associação do Comércio e Indústria de Coimbra (ACIC), Hóracio Pina Prata, considera que a suspensão da festa académica “seria má para a região, um verdadeiro paradigma negativo nas vertentes turística, comercial e de animação estudantil, já habitual na cidade desde há muitos anos”. O presidente reforça a amplitude regional, nacional e até internacional da festa académica, que é o “ex-libris não só dos estudantes, mas também das pessoas que nos visitam, incluindo os turistas e os empresários”. Considera que, nesse sentido, “o bom senso vai imperar”, e espera que a queima seja uma realidade todos os anos, cada vez com mais pujança e afirmação.

Questionado sobre a eficácia desta forma de luta estudantil, o presidente da ACIC não acredita que esta medida tenha impacto na opinião pública, “uma vez que a Queima das Fitas, mais do que uma vertente da academia, é uma festa de toda a comunidade. Seria falta de bom senso avançar com a suspensão”.

Horácio Pina Prata vê na festa académica uma afirmação dos estudantes, bem como a afirmação da região, e considera que os interesses de todos saíam prejudicados com a eventual suspensão da Queima das Fitas 2004. Assim, acrescenta que a academia de Coimbra deve chegar a outras formas de contestação ao actual pacote legislativo para o ensino superior. O evento, segundo o presidente da ACIC, é importante “para aumentar os recursos humanos dentro da academia que possibilitam que os jovens se fixem em empresas relacionadas com essa mesma área do comércio, indústria e restauração”.

Já Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), começa por afirmar que a deliberação da suspensão da Queima das Fitas apenas pode ser decidida pelos estudantes. Mas adianta que se a hipótese se concretizar “é muito negativo não só para a cidade como para a região”, pois a dimensão que o evento atingiu “tem repercussões no comércio, na indústria, na restauração e no desenvolvimento empresarial”. Carlos Encarnação acrescenta ainda que a festa académica é importante, na medida em que atrai mão-de-obra à cidade.

O presidente da CMC justifica que, para se ter noção das implicações da festividade na sociedade, “basta ter em conta os valores que giram em torno da organização de uma Queima das Fitas” e as próprias receitas que uma festa desta envergadura gera. Carlos Encarnação não deixa de alertar os estudantes que a tomada de uma decisão deste género “tem que ter em conta as consequências”.

Queima das Fitas debatida esta noite

A Assembleia Magna de hoje tem como principal ponto de discussão a suspensão da queima como forma de protesto contra o Governo

Margarida Matos
Bruno Vicente

De acordo com a moção aprovada na última Assembleia Magna (AM), a discussão sobre a eventual suspensão da Queima das Fitas 2004 (e os moldes em que esta poderá ser feita) realizou-se na terça-feira passada. Na sequência do debate, Pedro Baía, presidente do Núcleo de Estudantes de Arquitectura (NUDA), que foi o responsável pela apresentação da moção em magna, afastou a hipótese do luto académico, por “ser uma forma extrema de luta” e só lamenta que esta seja a imagem que passa para os meios de comunicação. Para o estudante “há quem queira simplesmente divertir-se e defenda a realização da festa académica e há aqueles que procuram defender a academia, ao apoiar a suspensão da Queima 2004”. Há ainda quem defenda a suspensão apenas das Noites do Parque, que constituem a vertente lúdica da organização, e os que apoiam a suspensão integral da festa académica.

Recorde-se que na última AM, o

NUDA evidenciou a necessidade de uma discussão sobre a eventual suspensão da Queima 2004 como forma de protesto à política do Governo para o ensino superior. Para Pedro Baía esta questão foi importante na consciencialização de toda a academia, e considera a suspensão da Queima 2004 um acto “essencial numa escalada de várias acções de contestação”.

Quanto à AM desta noite, o presidente do NUDA teme que haja pessoas que não sejam estudantes da Universidade de Coimbra. “Estamos a sofrer pressões da sociedade”, explica, alertando também para o facto de a cidade “viver da academia, mas não compreender minimamente os seus problemas”.

Sobre a possibilidade de uma Assembleia Magna de Voto, avançada por Victor Hugo Salgado, Pedro Baía afirma não ter medo da decisão dos estudantes, desejando apenas que “haja adesão na votação e que a verdadeira vontade dos estudantes seja declarada”. A Assembleia Magna de Voto é o órgão máximo deliberativo da AAC, convocado pela Assembleia Magna, que estipula o seu funcionamento. O órgão tem os moldes de um referendo.

“Estudantes devem estar unidos”

Já o presidente cessante da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Victor Hugo Salgado, considera que a

questão da suspensão da festa académica “é pertinente pelo movimento que o Governo tem vindo a fazer na descridibilização dos estudantes de Coimbra”. O estudante de Direito prossegue: “Caso não haja Queima das Fitas, os estudantes desta academia vão sair bastante credibilizados”. No entanto, afirma que “até as formas de luta são usadas para descridibilizar”, pois a possibilidade da festa académica não se realizar “foi também um alvo de crítica”. O que, sustenta, conduz a “uma redundância de criticar por criticar”. O dirigente relembra que se a decisão da academia não for definitiva pode “contribuir ainda mais para descridibilizar os estudantes”.

Face à hipótese da suspensão parcial do evento, Victor Hugo Salgado frisa a necessidade de uma fonte de receitas que assegure a semana desportiva e cultural, que até agora era garantida pelas Noites do Parque. Neste caso, defende somente a execução das actividades simbólicas, feitas de forma politizada. Quanto às expectativas para esta noite, o presidente da DG/AAC tem consciência de que “é difícil, neste momento, que exista uma posição clara dos estudantes presentes na Assembleia Magna”. Portanto, uma das soluções possíveis é a hipótese da realização de uma Assembleia Magna de Voto, “que pretende expressar a vontade da academia de forma inequívoca”.

Por sua vez, o dux veteranorum,

João Luís Jesus, considera que a queima deve realizar-se, mas que é necessário “ressurgir as origens de crítica desta festa académica para contestar a actual legislação para o ensino superior”. O estudante afirma que se podem desenvolver acções específicas englobadas na festa, como por exemplo os carros do cortejo desfilarem de negro ou realçar a récita quintanista, que se realiza no dia da benção das pastas.

João Luís Jesus entende que se a não realização da Queima das Fitas “for uma decisão de uma academia consciente das razões que estão por trás desta posição pode dar mais credibilidade e seriedade à contestação estudantil”. Mas salienta que se a decisão não for definitiva “pode contribuir ainda mais para descridibilizar os estudantes junto da opinião pública”.

O dux veteranorum não exclui a possibilidade da presença na magna de pessoas que não pertencem à academia, pois a festa académica “engloba estudantes de outras instituições de ensino superior que não estão subordinadas às decisões da academia”. Assim encara a hipótese de uma Assembleia Magna de Voto “como a solução mais viável”.

Também Carlos Pinheiro, presidente da Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2004, deseja que a festa académica se realize afirmando, no entanto, que se a academia decidir suspender a Queima das Fitas, “a comissão vai respeitar a posição”.

Coimbra é uma cidade de estudantes.

Se em 700 anos nunca tirou proveito de viver numa cidade universitária,
procure a empresa multidisciplinar académica.

Agora você pode pô-los a trabalhar!

Telefone: 239410443 Fax: 239410439 Email: emacademica@hotmail.com

PUBLICIDADE

academica
empresa multidisciplinar



UNIVERSIDADE 9

Integração de novos cursos em Letras

Remodelação curricular inserida no Plano Estratégico tem aplicação nos próximos dez anos

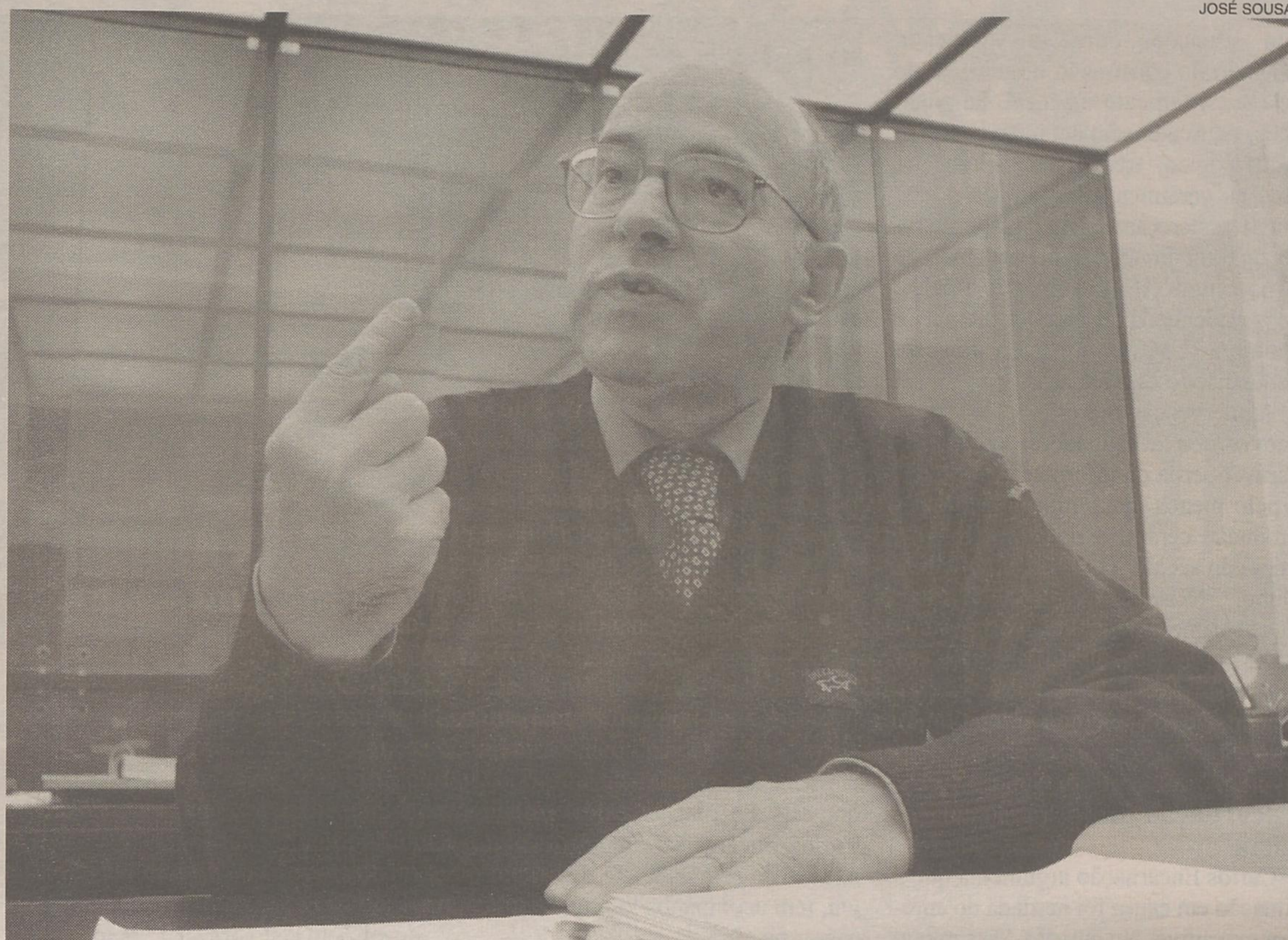
A criação de cinco novos cursos, como resposta à necessidade de remodelar e modernizar a faculdade, visa o alargamento do leque de competências

Ana Martins
Filipa Oliveira

Os Conselhos Científico e Pedagógico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) e o Senado Universitário aprovaram já os cursos de Ciências de Informação Arquivística e Biblioteconómica e de Línguas e Literaturas Modernas, variante Estudos Ingleses e Espanhóis. Espera-se ainda a aprovação da segunda variante de Estudos Anglo-Americanos que será remetida ao senado, a curto prazo. À espera da aprovação do Conselho Directivo está o curso de Estudos Europeus, que só depois poderá ser enviado ao senado.

Sob estruturação por parte do Conselho Científico (CC) está ainda a licenciatura em Turismo, Lazer e Património, que já suscitou algumas propostas de remodelação e que serão apresentadas, oportunamente, em plenário do CC, na próxima quinta-feira, ou no primeiro plenário de Janeiro.

Segundo Bruno Julião, aluno eleito pela faculdade de Letras para o Senado, “a procura de fontes de receitas e a ânsia de protagonismo da parte do Conselho Científico têm subjugado a gestão da faculdade”. De acordo com o estudante, o aparecimento destas novas licenciaturas surgem descontextualizadas das preocupações do espaço, existência ou não de docentes para as cadeiras e de infra-estruturas capazes de as su-



José Amado Mendes, presidente do Conselho Científico da FLUC, defende uma adaptação do ensino à realidade actual

portar. Bruno Julião acredita ainda que se deve apostar na “valorização da vertente pedagógica e na verdadeira autonomização do educando com a efectiva flexibilização do tronco comum [banda larga]”. Apesar da consciência de que há a necessidade premente de chegar até novos e diversificados grupos, Bruno Julião afirma que “não se deve descurar a missão do ensino, num regime tutorial e com a criação de estágios científicos”.

Refutando a ideia redutora de que as saídas profissionais apenas se canalizam para o ensino, José Amado Mendes, presidente do Conselho Científico da FLUC, afirma que “a realidade está a mudar e pensa-se

numa valorização abrangente”. Incentiva-se a versatilidade das licenciaturas, a orientação para postos de trabalho diversificados, tais como o tratamento de informação em bibliotecas, a direcção de museus e uma aposta no turismo cultural, a “grande indústria do século XXI”, acrescenta. A formação em várias línguas tenta ser direccionada para a necessidade crescente da internacionalização da economia. A introdução destes novos cursos surge na linha da dinamização e desenvolvimento das necessidades. A própria flexibilidade na realização de cadeiras isoladas permite às pessoas uma “valorização e rejuvenescimento”, remata o presidente do CC.

Novas vertentes do Plano Estratégico

Como complemento às novas licenciaturas, o Plano Estratégico - conjunto de linhas de orientação global - comporta também a reestruturação de pós-graduações. A faculdade de Letras aposta numa vertente mais aberta e receptiva de alunos que queiram frequentar seminários de mestrado ou cadeiras isoladas, procurando unicamente uma valorização pessoal, sem conferir qualquer grau académico, apenas competências e conhecimentos.

O Plano Estratégico direcciona-se no sentido de apostar em três tipos de pós-graduação: a pós-graduação propriamente dita, que não confere

grau, a criação de novos mestrados, tais como Jornalismo, Museologia e Património, e programas de doutoramento.

A novidade desta reforma consiste na atenuação da restrição feita até então pela média, que se posicionava como impedimento à realização dos mesmos mestrados e doutoramentos. Ainda nesta linha, José Amado Mendes refere que é cada vez mais necessário que a realização de doutoramentos seja feita a curto prazo: “Hoje que é tudo tão dinâmico e em que há uma diferente noção de tempo, levar dez anos a concluir um doutoramento é, de facto, uma eternidade”.

Relativamente aos mestrados e pós-graduações, integrados no horizonte estratégico da FLUC, merecem uma atenção especial para a diversificação na oferta à qual corresponde uma igual diversificação na procura. Colmatando falhas em determinadas áreas carenciadas, estimula-se uma interacção entre várias áreas da faculdade ou inclusivamente entre várias faculdades, integrado no processo de “banda larga”, como complemento do esqueleto da licenciatura. Esta iniciativa, prolongando o tronco comum, evita uma especialização precoce e inconsistente. Na opinião de Bruno Julião, a “banda larga” confronta-se ainda com algumas limitações, representando assim “uma realidade um pouco virtual”.

Apesar de algumas restrições, o modelo será apresentado em Janeiro ou Fevereiro de 2004 ao Ministério da Educação, após um longo processo de análise e aprovação a nível interno. Este plano reflecte dois anos de trabalho não só da parte da faculdade mas também resultante da interacção com outras faculdades do país. Com aplicação prática num espaço temporal de dez anos, conta não só com a criação de novos cursos mas também com a remodelação dos cursos já existentes.

Acção social na mesa de debate

Administradores de serviços de acção social preparam propostas para o debate que terá início já no próximo ano

Cláudia Rodrigues

A acção social escolar é o tema que vai ser debatido publicamente a partir do próximo ano, altura em que se inicia também a discussão sobre a Lei de Bases do Ensino Superior. Um aumento do número de bolsas e uma possível diminuição do seu valor de modo a abranger mais estudantes são as medidas previstas. Os estudantes não consideram que esta seja a melhor solução para uma melhor acção social.

O presidente da Associação de Estudantes da Universidade de Évora e representante na-

cional dos estudantes no Conselho Nacional de Acção Social para o Ensino Superior, Francisco Costa, considera que o Governo está a adoptar uma postura agressiva, tendente para uma hipotética burla no que diz respeito à acção social. O estudante garantiu que neste mês algumas associações de estudantes vão reunir-se para delinear objectivos de luta: “Se em termos da acção social a luta parar agora, significa uma derrota”. A última legislação feita sobre a acção social data de 1993, facto que Francisco Costa contesta, afirmando que “a lei da acção social vive fora do seu tempo, e ainda não houve nenhuma proposta de actualização”. Este ano as únicas novidades apresentadas à opinião pública são “deficitárias de uma situação que por si só já é de crise”. O dirigente nacional considera que o aumento das propinas e o aumento do custo para os estudantes em termos da acção social são negativos para o ensino superior

público. Com as novas medidas fixadas pela actual ministra da Ciência e do Ensino Superior, Graça Carvalho, “só um estudante indigente terá direito à bolsa máxima”, lamenta Francisco Costa.

Insatisfeito também com o actual sistema fiscal e estruturação da acção social a nível nacional está António Luzio Vaz, administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). Luzio Vaz é da opinião que “a acção social no aspecto da alimentação, alojamento e bolsas de estudo ajuda milhares e milhares de estudantes que beneficiam do actual sistema”. No entanto, salienta que “o problema é que há muitos que dela beneficiam e não deviam beneficiar”. O administrador aponta o dedo ao Conselho Nacional da Acção Social Escolar, que “precisa de ser reformulado”. Este órgão “carece de representatividade”, alerta Luzio Vaz, considerando que “deveriam estar neste ór-

gão os reitores de todas as universidades ou pelo menos representantes dos reitores e técnicos”. Devido à pouca eficácia deste tipo de organização, foi constituída uma Comissão integrada por Coimbra, Aveiro, Vila Real e Porto, no sentido de ser organizado um projecto de lei de bases para a Acção Social Escolar. O objectivo é estar precavido contra eventuais reuniões de discussão deste tema: “Como é costume pedirem a opinião dos administradores à última da hora, fazemos agora o nosso trabalho de casa, para que nada deixe de ser promulgado por nossa causa”, afirma Luzio Vaz.

O grande problema para o administrador dos SASUC está no actual sistema fiscal que não permite um ensino superior gratuito. Para isso, é preciso um regulamento de lei de bases que garanta nas bolsas de estudo princípios de justiça social, equidade e “mecanismos que medissem caso a caso”.

10 CIDADE

Vestígios arqueológicos em risco

Obras no Terreiro da Erva ameaçam património de cerâmica

Especialistas em faiança portuguesa afirmam que património arqueológico dos séculos XVI a XIX está ameaçado de destruição na Baixa de Coimbra. A autarquia diz que obras têm acompanhamento arqueológico

Nuno Braga
Nuno Felício

Um importante testemunho de arqueologia industrial na cidade de Coimbra encontra-se ameaçado de destruição, na área correspondente ao antigo Bairro das Olarias, situada entre a Rua das Padeiras e o Terreiro da Erva.

No decurso de trabalhos de construção civil levados a cabo na Garagem Avenida, foi posto a descoberto um vasto espólio de vestígios arqueológicos e uma antiga oficina de faiança, marcas representativas do papel fundamental que o fabrico de cerâmica teve na economia de Coimbra.

Na tentativa de evitar que se repi-

tam situações como a verificada aquando da construção de um parque de estacionamento no local, há cinco anos, edificado sem acompanhamento arqueológico, três investigadores da área da cerâmica e da faiança portuguesa endereçaram uma carta aberta ao director do Instituto Português de Arqueologia (IPA), Fernando Real, e ao presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, denunciando esta situação.

A intervenção representa, de acordo com os três investigadores, uma "irreparável perda da informação referente a pelo menos dez outras unidades de produção cerâmica documentadas no início do século XIX no quarteirão vizinho." Neste local funcionou, nas duas primeiras décadas do século XIX, uma unidade de produção cerâmica, cujo subsolo revela agora vestígios de uma oficina de faiança datada dos séculos XVII e XVIII.

Encarnação desvaloriza carta

Carlos Encarnação argumenta que a situação em causa foi herdada do anterior executivo. No entanto, "assim que esta câmara começou a tomar conta da questão, imediatamente o IPA foi contactado, e a relação entre o instituto e o empreiteiro foi normalizada." O edil acrescenta que o IPA está a par das



Edifício da Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra poderá ser demolido de acordo com o reordenamento do Terreiro da Erva

ocorrências, tendo aprovado a continuação dos trabalhos, para os quais "foram nomeados arqueólogos, que permanentemente informam o IPA do que está a acontecer." Ainda segundo Carlos Encarnação, também a CMC, através do seu Gabinete de Arqueologia, tem acompanhado o que se está a passar na obra.

Relativamente à carta, Encarnação diz que ela apenas veicula uma parte dos factos, e que a documentação que se cruzou sobre esta matéria e os diversos pedidos de parecer ao IPA so-

bre este projecto provam o acompanhamento do instituto.

A controvérsia não fica por aqui. Os especialistas em faiança portuguesa remetem também para outro caso de negligência a nível arqueológico. O projecto municipal de reordenamento do Terreiro da Erva prevê a demolição do edifício da Fábrica da Sociedade de Cerâmica Antiga de Coimbra, representativo de uma herança secular no campo da produção cerâmica e "que se preserva no seu interior como um Museu Vivo."

Para o autarca, é preciso distinguir as duas questões. Carlos Encarnação realça que o estudo que está a ser feito para o Terreiro da Erva foi apresentado em reunião de câmara, e que teria a sua concretização com as condicionantes necessárias, de acordo com as preocupações arqueológicas da autarquia. Apesar de anunciar o avanço da obra, o presidente da CMC menciona a intenção de salvaguardar, pelo menos, os fornos de olaria, como forma de preservar os vestígios mais importantes deste património.

Sociedade de Porcelanas em crise

Operários e administração da empresa continuam a discordar em relação ao futuro da Sociedade de Porcelanas de Coimbra

Liliana Carona
Ângela Loureiro

O impasse na Sociedade de Porcelanas de Coimbra, entre administração e trabalhadores, tem-se vindo a arrastar. Passado um ano do início das contestações, os trabalhadores continuam insatisfeitos com as decisões do administrador.

A primeira greve dos trabalhadores da Sociedade de Porcelanas de Coimbra já data de Janeiro de 2002. Descontentes e revoltados com as condições de instabilidade em que têm vivido, os funcionários da fábrica da Arregaça manifestaram-se recentemente mais uma vez, desta feita contra salários em atraso e o não pagamento dos subsídios de Natal.

Outras contestações tomaram lugar às portas desta empresa relacionadas com o facto de o administrador da Sociedade de Porcelanas, Ramiro Vieira, pretender transferir os trabalhadores da empresa situada na Arregaça para outro complexo. A administração argumenta que a mudança é temporá-

ria, mas os trabalhadores são contra esta alteração.

As posições agravaram-se com a não comparência de um autocarro, que deveria ter sido disponibilizado para o transporte dos trabalhadores da Sociedade de Porcelanas de Coimbra do seu antigo local de trabalho (Arregaça) para o seu novo posto na unidade fabril da Batalha. Ramiro Vieira estava a par da posição dos trabalhadores (uma decisão tomada em plenário), que consideraram a situação como um recuo por parte da administração.

Para o administrador, a mudança de instalações deve-se à estrutura inadequada e à antiguidade da unidade fabril de Arregaça, bem como à impossibilidade de ajustar a produção às alternativas de escoamento do produto. A medida tomada por Ramiro Vieira tem como objectivo poder modernizar e redimensionar a fábrica da Arregaça, mediante a construção de uma nova unidade ou introduzir alterações significativas na actual. Com esta medida, a administração pretende fazer face à competitividade do mercado.

Por forma a tentar solucionar esta crise, muitos foram os contactos efectuados com as entidades governativas responsáveis, mas as respostas nunca passaram de meras promessas. O Governo já foi alertado para a urgência de questões relacionadas com a saúde financeira da empresa, mas o impasse ainda não se resolveu.

PUBLICIDADE

UM PORTAL PARA QUEM É DOUTOR,
QUER SER DOUTOR, CONHECE UM DOUTOR,
OU AINDA TEM UMA VAGA ESPERANÇA
DE PASSAR A ÁLGEBRA LINEAR III.

www.cup.cgd.pt.
O portal dos universitários

Caixa Geral de Depósitos
Um Banco de verdade.

Chegou o portal de todos os universitários. Em www.cup.cgd.pt encontra facilmente o que precisa para dar outra vida à sua vida académica: agenda pessoal, chats, programas de currículo, informação sobre cursos, comunidades académicas, bolsas de estudo e programas de intercâmbio, notícias e classificados, enfim, uma enorme quantidade de informação. O www.cup.cgd.pt tem até uma secção de informações financeiras, e um serviço de internet banking da Caixa Geral de Depósitos. E é tão fácil de consultar, que nem precisa de ter a licenciatura.

NACIONAL 11



Nova legislação laboral só vai entrar totalmente em vigor no segundo semestre de 2004, afigurando-se meses difíceis de negociação entre os parceiros sociais

Novo Código do Trabalho parcialmente em vigor

Oposição e sindicatos continuam a criticar a legislação laboral

No dia 1 de Dezembro entrou em vigor apenas parte do novo Código do Trabalho aprovado a 27 de Agosto. Os artigos que faltam estão ainda a ver corrigidas inconstitucionalidades

Liliana Gonçalves
Hélder João Pinto

Dos 800 artigos iniciais que constavam da fase de anteprojecto do Código do Trabalho, foram postos em vigor 671. Existem 47 artigos por regulamentar, razão pela qual só se encontra em vigor uma parte do código, sendo prevista a entrada dos restantes apenas para o fim de 2004. Os 47 artigos declarados inconstitucionais foram remetidos para o Tribunal Constitucional que os devolveu à comissão da especialidade na Assembleia da República (AR) para correcção das irregularidades.

Os artigos ainda por regulamentar constituem a maior preocupação dos sindicatos e oposição. Desses 47 são de destacar a alteração do horário la-

boral nocturno, cujo início passou das 20 horas para as 22 e até às sete horas da manhã. Isto implica a existência de duas horas extra deixando o trabalhador de receber uma componente referente a 25 por cento do subsídio nocturno sem beneficiar de qualquer contrapartida. Para os críticos da legislação, esta medida visa defender os interesses das grandes superfícies comerciais, e de empresas na área dos transportes.

No que diz respeito à lei da greve, os críticos do novo código afirmam que esta constitui um grave retrocesso naquilo que é um direito dos trabalhadores, uma vez que com a nova lei estes têm que avisar a entidade patronal com dez dias de antecedência para iniciar uma greve.

Também no plano da mobilidade funcional e geográfica é permitido à entidade patronal a mobilização do trabalhador para outras funções ou locais sem a devida compensação. Contudo, o empregador tem que negociar com o trabalhador e comunicar a transferência por escrito, fundamentada e com 30 dias de antecedência. Outro artigo polémico diz respeito à redução do tempo para o exercício das actividades sindicais.

Relativamente aos contratos co-

lectivos de trabalho registam-se alterações no caso de não haver acordo entre as partes (empregados e empregadores), depois destes recorrerem à arbitragem obrigatória. O direito negocial do contrato colectivo deixa de ser um exclusivo dos sindicatos e passa a ser detido também pelo patronato. Quando o contrato é denunciado por qualquer das partes, a renovação dá-se somente por um ano. Findo este prazo, haverá nova negociação do contrato colectivo. Se esta não se concretizar, o contrato caduca. Se não houver denúncia, as convenções colectivas são renovadas sucessivamente por um ano ou nos termos previstos nos contratos colectivos.

Sindicatos e PCP criticam opções

Por tudo isto, António Moreira, coordenador da União de Sindicatos de Coimbra (USC), afecta à CGTP, mostra-se muito crítico em relação ao novo código e acusa os governantes de "escamotear e omitir a verdade", afirmando que "existe todo um marketing de fazer passar uma mensagem para a sociedade para que esta aceite facilmente a política laboral". Acrescenta mesmo que "o Governo tem atacado a CGTP pois

esta constitui um pólo de informação, apoio e esclarecimento aos trabalhadores e que todo este pacote laboral põe em causa a constituição". O sindicalista considera assim o novo Código do Trabalho desajustado à realidade portuguesa, referindo ainda que a "luta contra a política governamental vai continuar".

Já Jerónimo de Sousa, deputado do PCP e responsável pela área laboral daquele partido na AR, afirma não poder fazer uma apreciação final do novo código, "por ainda existirem 47 artigos por regulamentar". Realça que "por não ter alcançado aquilo que eram os seus objectivos primeiros, particularmente no plano da contratação e dos direitos, existem perigos que podem aumentar com esta fase de regulamentação que surgirão aquando da entrada em vigor dos restantes 47 artigos". O deputado contrapõe alguns pontos positivos no que diz respeito "à área da formação profissional, de higiene e segurança no trabalho", com um grande número de pontos negativos, dos quais refere as mudanças no direito de contratação, de negociação, no direito à greve, no direito de assistência aos trabalhadores, nos direitos individuais no que diz respeito aos contratos a prazo e na questão

do horário nocturno.

Defende que "assim, o saldo é profundamente negativo para os trabalhadores e os seus interesses, particularmente em relação às novas gerações de trabalhadores, que quando ingressarem no mercado de trabalho vão encontrar um quadro alterado, mais negativo e desprotegido". Conclui que "neste sentido não pode existir uma contabilidade positiva e após uma leitura global de todo o Código do Trabalho prevalecem as malfeitorias e não as benfeitorias".

Jerónimo de Sousa mostra-se sobretudo preocupado com os mais jovens, pois com este novo código ficarão sem qualquer tipo de protecção. O deputado refere que como aqueles não conhecem os seus direitos, podem ser induzidos a assinar um contrato individual de trabalho, não tendo conhecimento das vantagens do contrato colectivo. Considera ainda que a questão da alteração dos contratos a prazo é profundamente negativa. Uma vez que foram alterados de três para um máximo de seis anos, os jovens irão ser mais uma vez os prejudicados, não conseguindo, por exemplo, um crédito de habitação, sustenta finalmente o deputado.



A degradação do edifício do Cine-Teatro Sousa Bastos prolonga-se há mais de 15 anos

Cine-Teatro fechado há quinze anos

Entidades envolvidas na discussão não se entendem quanto ao que fazer

O futuro do antigo Cine-Teatro Sousa Bastos continua dependente de uma concertação entre as pretensões das três entidades envolvidas em negociações. O único objectivo em comum parece ser a recuperação do edifício

**Lurdes Lagarto
Suzana Marto
Carlos Portela**

A controvérsia em torno do antigo Cine-Teatro Sousa Bastos tem já alguns anos, arrastando-se desde 1988, altura em que o edifício foi fechado, não voltando a receber espectáculos. Apesar de ser uma temática que toca vários actores, envolve sobretudo uma "troika": a Câmara Municipal de Coimbra (CMC), o Movimento Sousa Bastos Vivo (MSBV) e o proprietário - actualmente, Joaquim Pereira Órfão é o detentor único do imóvel desde a morte do seu antigo sócio, Mendes Silva, presidente da câmara entre 1983 e 1986.

Um dos pontos da discórdia é a questão da reabilitação do edifício.

Enquanto o MSBV e os agentes culturais locais defendem a recuperação do espaço como uma sala de espectáculos, a câmara e o proprietário colocam a hipótese de aliar a vertente cultural com a exploração imobiliária, criando pequenos apartamentos no local.

Assim, ao passo que os primeiros defendem a expropriação do edifício como forma de assegurar a sua devolução à população, o presidente da CMC, Carlos Encarnação, afirma que tal não é possível por questões financeiras. Isto porque, segundo o responsável pelo gabinete para o Centro Histórico, Sidónio Simões, os valores envolvidos são demasiado elevados para a autarquia - não só os valores de expropriação mas também os de manutenção que um novo teatro exigiria.

O certo é que, segundo o proprietário, o processo de expropriação já está em curso. Joaquim Pereira Órfão afirma que o valor que apresentou à câmara - mais de 500 mil euros - para vender o edifício não foi aceite, por ter sido considerado demasiado elevado, tendo esta preferido expropriar o edifício. Joaquim Pereira Órfão afirma já ter recebido uma carta de expropriação da autarquia à qual deu resposta, estando agora "à espera que a câmara diga o que pretende". O proprietário não aceita o valor que a autarquia lhe apresentou para adquirir o imóvel, considerando-o demasiado baixo e "ridículo". Joaquim Pereira Órfão acusa ainda todos os envolvidos no

processo de "má fé".

Câmara expropria para não expropriar

Já da parte da CMC, a versão é outra - não se trata de um processo de má-fé, mas antes de o executivo considerar o valor apresentado pelo proprietário demasiado elevado. Quanto aos montantes apresentados para a expropriação, Sidónio Simões defende-se, afirmando que estes se baseiam num parecer externo que avaliou o imóvel em 175 mil euros.

Contudo, mesmo dentro da câmara o processo de expropriação é dúbio. Apesar da alegada carta enviada ao proprietário ou das várias declarações de Carlos Encarnação em reuniões camarárias no que toca à expropriação do imóvel, quando contactado pelo jornal A CABRA, o autarca diz que "a questão da expropriação por parte da câmara não se põe", porque é inviável do ponto de vista financeiro. Daí que o autarca afirma que é preciso "caminhar para uma solução que seja equilibrada", conciliando os interesses da câmara e os do proprietário. Ou seja, apesar do processo de expropriação estar em curso, o que Carlos Encarnação defende é uma solução amigável entre a câmara e o proprietário, em que exista um investimento conjunto de ambos na recuperação do edifício. Isto porque, se a câmara adquirir o edifício sozinha, quer seja via expropriação ou compra directa, não tem di-

nheiro para proceder à sua remodelação. No entanto, Carlos Encarnação esclarece que o que está actualmente em discussão com o proprietário não é um projecto de "construção para habitação pura e simples", como existia no tempo do anterior executivo, mas "um estudo de ocupação com contrapartidas que está a ser apreciado no centro histórico".

Daí que Carlos Encarnação discorde da proposta que o MSBV apresentou para o Cine-Teatro, que pretende "pura e simplesmente a recuperação do edifício como teatro", o que é inviável financeiramente. No entanto, Luís Sousa defende-se, afirmando que o que se pretende é a "transformação daquele espaço num espaço de utilização cultural e social, eventualmente com valências que poderão originar fontes de receitas paralelas". O que o movimento não aceita é a possível utilização "daquele edifício para funções habitacionais, de escritórios ou de uso privado, sejam elas quais forem". Daí que afirma que vai continuar a defender a transformação do Cine-Teatro num espaço público, mesmo que a não-expropriação se venha a verificar.

Por fim, no que toca à inviabilização da expropriação por questões financeiras, Luís Sousa afirma que a questão da falta de dinheiro não se coloca, porque a câmara tem "um orçamento brutal" - o problema é que "politicamente não se dá valor a este tipo de intervenção".

Quem foi Sousa Bastos

António de Sousa Bastos faleceu, na sua terra natal, Lisboa, em 1911, aos 67 anos, deixando para trás uma vasta obra de peças teatrais, sobretudo revistas.

O dramaturgo começou cedo a exercer jornalismo, depois de ter abandonado o curso de Agronomia quando constituiu família. Sousa Bastos nunca abandonou o teatro, começando como ensaiador e director técnico em teatros de baixa categoria, passou depois por teatros de maior importância como ensaiador e autor, acabando por se tornar empresário teatral.

O autor revolucionou a revista transformando-a de simples espectáculo humorístico de crítica satírica e caricatural em entretenimento de grande sucesso, através da introdução de trabalhadas produções cenográficas, da aposta na vertente musical e da inclusão de actrizes e coristas, cujo corpo era explorado dentro dos limites aceitáveis para a época.

De resto, a primeira revista que Sousa Bastos, "Coisas e Loisas", escreveu subiu a palco em 1969.

Em 1914, Manuel Francisco Esteves inaugura o Teatro Sousa Bastos, em Coimbra, assim denominado em homenagem ao tio.

Alguns anos de polémica

A indecisão sobre a requalificação do Cine-Teatro Sousa Bastos é um tema polémico na cidade de Coimbra, desde o encerramento há 15 anos

Envolvendo sobretudo três entidades: o proprietário, a câmara e o Movimento Sousa Bastos Vivo, o antigo espaço cultural foi, desde o seu encerramento em 1988, várias vezes alvo de controvérsia.

No entanto, esta questão só começa a ter algum relevo no início dos anos 90, quando surge um movimento denominado SOS - Salvem o Sousa Bastos, que pretendia a recuperação do cine-teatro para as funções que albergava anteriormente. Porém, o movimento viria a desaparecer alguns anos mais tarde.

É neste panorama de indecisão que, entre 1994 e 1995, Joaquim Pereira Órfão entrega na câmara um projecto de renovação do edifício, no qual, alegadamente, constaria a intenção de construir fracções habitacionais privadas. A este respeito, o então presidente de câmara, Manuel Machado, afirma não se lembrar de nenhum projecto da autoria do proprietário para a requalificação do edifício. Refere recordar-se apenas de "um estudo apresentado pelos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra". Porém, na câmara, há quem tenha conhecimento desta proposta - segundo Sidónio Simões, o projecto do proprietário existe, mas nunca chegou a ser licenciado.

A este respeito, Luís Sousa, membro do Movimento Sousa Bastos Vivo, refere que, na altura, a câmara levantou algumas "condicionantes" ao projecto, como a necessidade de realizar uma "prospecção arqueológica". Os resultados desta investigação podiam inviabilizar parte da obra, nomeadamente o estacionamento subterrâneo, caso aparecessem "achados que fossem de manter".

O membro do movimento acredita que o projecto não chegou a ser executado porque as condicionantes não "agradaram" ao proprietário, até porque "as despesas da prospecção arqueológica ficariam ao seu encargo". Assim, a requalificação do Sousa Bastos acabou por não se verificar e o edifício acabou por ficar nas mãos da degradação.

É neste contexto que, em Junho de 2001, surge o Movimento Sousa



Movimento Sousa Bastos Vivo debate-se pela devolução do edifício à população

Bastos Vivo, herdeiro das lutas do grupo SOS - Salvem o Sousa Bastos. O movimento tomou várias posições públicas sobre o estado de degradação do cine-teatro, e pressionou o executivo de Manuel Machado a intervir no local. No entanto, as suas reivindicações não são atendidas e as conversações só são iniciadas em Fevereiro de 2002, um mês depois da tomada de posse de Carlos Encarnação. Segundo Luís Sousa, o movimento teve reuniões com autarquia, nas quais chegou a participar o presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, Abílio Hernandez, e "onde várias vezes foi referida a vontade da câmara em adquirir o teatro".

O movimento nunca contactou o proprietário do antigo cine-teatro. Inicialmente, porque não tinha "capacidade financeira para adquirir" o edifício, depois porque, de acordo com Luís Sousa, quando as negociações com a câmara tiveram início, foi "pedido" ao movimento que não realizasse manifestações públicas, uma vez que a "câmara estava a negociar com o proprietário". Negociações essas que ainda estão em curso.

No entanto, e porque este é um processo complicado, no mês passa-

do deu entrada no Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) um pedido de classificação do edifício. A iniciativa, anunciada em conferência de imprensa a 19 de Novembro, partiu do movimento e tem por objectivo suspender todos os

projectos que possam estar em curso para a alteração das instalações. Em causa está o bloqueio do projecto apresentado pelo proprietário e a protecção do edifício, enquanto não seja tomada uma decisão final sobre o assunto.

Artefactos arqueológicos descobertos

Alguns restos humanos e peças ornamentais antigas foram descobertas acidentalmente, em 2001, na rua em frente ao edifício do antigo Cine-Teatro Sousa Bastos, enquanto decorriam obras camarárias. A arqueóloga Rosa Simões, que na altura era funcionária da câmara municipal, inicia então uma investigação ao nível arqueológico naquela área e pede ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra que analise as ossadas.

De acordo com Ana Maria Silva, docente de Antropologia e responsável pelo levantamento dos ossos, as escavações efectuaram-se "entre os finais de Maio e inícios de Julho" de 2001. Rosa Simões acrescenta que durante o levantamento foram recolhidos também alguns objectos de importância arqueológica. Apesar de, neste momento, a investigação estar ainda em fase de análise dos dados recolhidos, a responsável acredita que as conclusões do seu relatório final não vão ter influência no futuro do Sousa Bastos, até porque, acrescenta, "a arqueologia ainda não é compreendida em Portugal".

A este respeito, Carlos Encarnação acrescenta que se suspeita da existência, por baixo do edifício do cine-teatro, de restos da antiga igreja que lá existia e que, por esta razão, a câmara se reserva "ao direito de intervir na exploração arqueológica do Sousa Bastos", pela sua importância "do ponto de vista da memória histórica" da cidade.

Um espaço centenário

O Teatro Sousa Bastos aparece no início do século XX e adquire este nome como uma homenagem feita ao dramaturgo com o mesmo nome, pelo seu sobrinho e proprietário do edifício, Manuel Francisco Esteves.

O primeiro edifício a surgir naquele local terá sido uma igreja hispano-árabe, mas como nunca se realizou nenhuma investigação ao local (a única feita até agora apenas se refere à rua em frente ao cine-teatro), não existem certezas. Conhecida é a igreja de S. Cristóvão, construída no século XII por religiosos agostinhos vindos de França. A igreja manteve-se até 1857.

Por esta altura, o edifício, com fachada semelhante à da Sé Velha, encontrava-se em ruínas e a Associação Recreativa Conimbricense obteve autorização a 23 de Março de 1857, por Carta Régia, para recuperar o espaço a fim de lá instalar o Teatro da Sé Velha, que não tinha condições para reunir todos os espectadores. As obras são concluídas a 18 de Dezembro de 1861 e no dia 22 é inaugurado o Teatro D. Luís I. É durante este processo que se descobre o antigo templo de S. Cristóvão, sobre o qual a igreja havia sido construída.

Algures entre 1860 e 1870, as entidades religiosas cedem definitivamente o local para actividade cultural, mas com uma cláusula: o espaço deveria voltar para a posse da Igreja se ali se deixassem de realizar eventos culturais.

Entretanto, as actividades teatrais sofrem algumas interrupções causadas pelas autoridades, que exigem a realização de obras para tornar o edifício mais seguro, o que não impediu, contudo, a sua contínua degradação.

Em 1910, o espaço onde está instalado o teatro é adquirido pelo sobrinho de Sousa Bastos e submetido a uma restauração do estilo "arte nova". A inauguração, a 15 de Junho de 1914, é feita pela Companhia do Teatro Avenida de Lisboa, onde actuava a viúva de Sousa Bastos.

Quinze anos depois, o edifício passa a receber projecções cinematográficas, o que implica uma remodelação das salas, que ocorre nos anos 40. A partir daqui, o espaço foi passando pelas mãos das várias agremiações que ali realizavam espectáculos, depois pelos exibidores de cinema, acabando por ser comprado por um privado.

Actualmente, o edifício pertence a Joaquim Pereira Órfão e está desactivado desde 1988.

Futuro do Sousa Bastos em discussão

O impasse sobre o futuro do antigo Cine-Teatro, que impede a sua requalificação, foi tema de debate a 3 de Novembro

Quinze anos depois da última projecção cinematográfica, o antigo Cine-Teatro Sousa Bastos continua erguido sem que nenhuma intervenção impeça a sua degradação. O futuro do edifício prevê-se ainda mais polémico do que a sua história recente.

A indecisão existente em torno do futuro para

o antigo espaço cultural levou à realização de um debate, no início do mês, organizado pelo Movimento Sousa Bastos Vivo (MSBV), pela Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e pela CMC. No debate, que se prolongou por quatro horas, foram apresentados projectos para o edifício e discutidos alguns pontos de vista. O proprietário do prédio não esteve presente e afirma não saber "nada do que se passou".

Luís Sousa, membro do MSBV, considera que "o debate não está encerrado", pois "as conclusões são determinantes e serão o início de um processo para se chegar a um programa definitivo quanto ao que deverá acontecer ao Sousa Bastos". O responsável pelo Gabinete para o Centro

Histórico, Sidónio Simões, tem a mesma posição em relação ao debate. Afirma que o gabinete está "à espera dos resultados finais para depois fazer uma reanálise do processo".

Para a requalificação do edifício foram apresentadas no debate propostas da câmara, do movimento e de Sandra Almeida, que não esteve presente. Este último projecto prevê a inclusão no espaço de um teatro/auditório, de duas galerias e de um estúdio/laboratório, para além da "criação de uma residência para albergar os artistas e companhias convidadas".

Já o projecto apresentado pelo Movimento Sousa Bastos reforça a intenção de transformar o imóvel num "espaço social e performativo". A

proposta prevê a construção de um auditório para 150 pessoas, quatro salas de ensaio/pedagogia, a inclusão de "eventuais achados arqueológicos" encontrados no local e uma área administrativa que funcione como "uma central de secretariado" comum a todas as entidades intervenientes no espaço, onde se poderiam incluir os serviços da Junta de Freguesia de Almedina.

Quanto à câmara municipal, o presidente Carlos Encarnação afirmou no debate que a recuperação do edifício só será possível se este, para além de um auditório, incluir também habitações. Para o autarca, esta é a solução de equilíbrio encontrada para que a remodelação seja viável financeiramente.

14 INTERNACIONAL

NAFTA completa 10 anos

Canadá, EUA e México não ganharam nem perderam tanto como se previa

A 1 de Janeiro de 1994 entrava em efeito a NAFTA, acordo que estabelecia a maior área mundial de comércio livre. Dez anos depois, o acordo não trouxe as mudanças esperadas

Mário Guerreiro
Filipa Oliveira

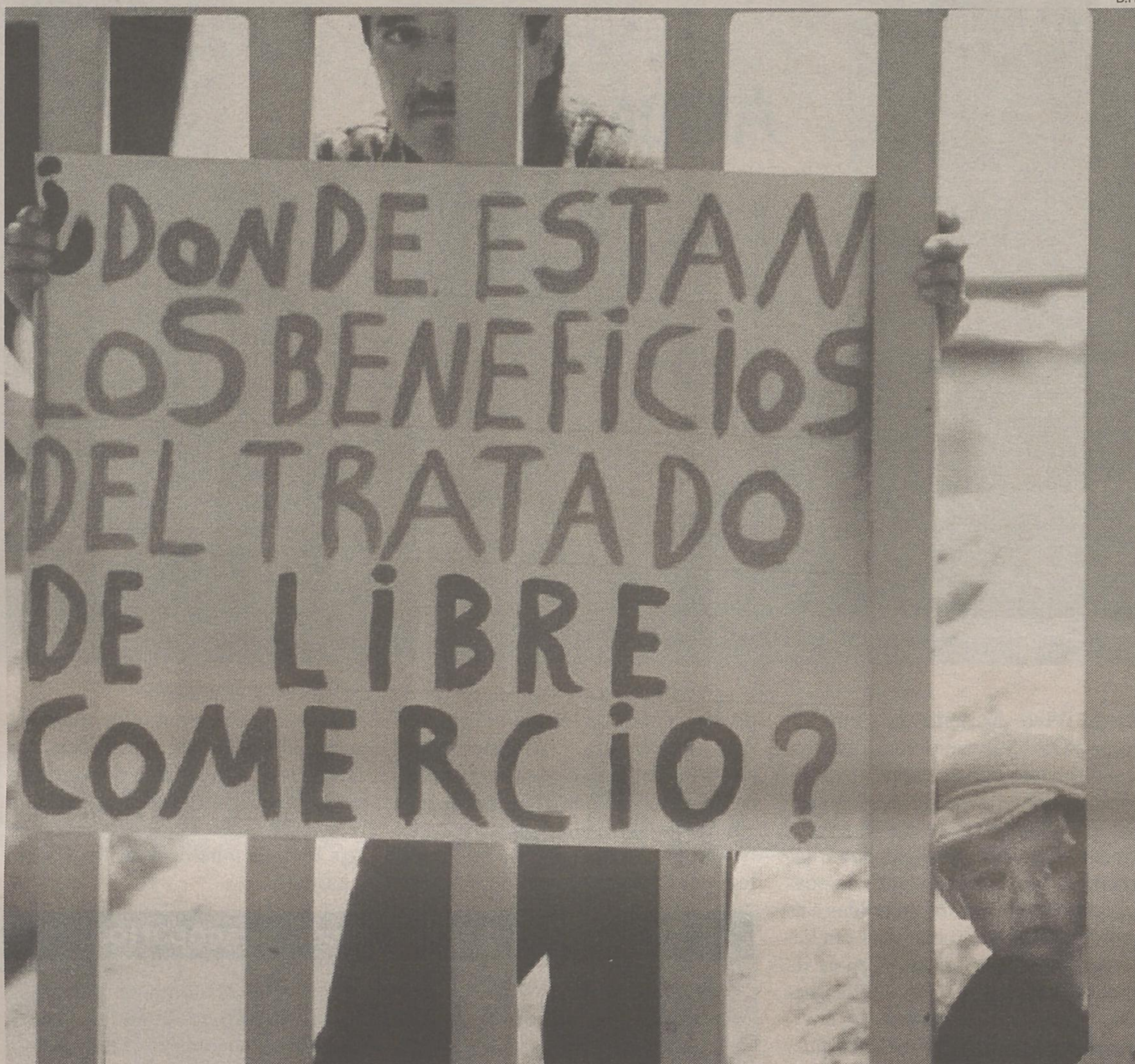
O primeiro passo para a criação de uma área de comércio livre na América do Norte foi dado em 1988, quando Canadá e EUA assinaram o Acordo de Livre Comércio. Quatro anos depois, George Bush assinava o documento base para a Associação Norte Americana de Comércio Livre (NAFTA).

A NAFTA só entraria em vigor em 1994. Para trás ficou uma acesa discussão no espaço público entre a administração Clinton (que sucedeu a Bush e que herdou a difícil tarefa de ver aprovado no Congresso o texto base da NAFTA), e o milionário Ross Perot (adversário de Clinton à presidência dos EUA em 1992, que argumentava que a NAFTA punha em risco a indústria automóvel dos EUA e perto de cinco milhões de postos de emprego devido à deslocalização das grandes companhias para o México em busca de mão-de-obra substancialmente mais barata).

Também Clinton, durante a campanha presidencial, criticou abertamente a NAFTA, pugnando por pontos que salvaguardassem questões ambientais, como defendiam os sindicatos, principal fonte de financiamento da corrida deste candidato à Casa Branca. Contudo, quando o acordo foi aprovado pelo Congresso e posto em vigor, após uma renegociação para a inclusão de algumas cláusulas que pretendiam funcionar como garantias das questões ambientais, a mensagem divulgada pela administração Clinton era a de que a NAFTA iria realmente funcionar como um importante meio de tornar mais competitiva a economia dos EUA, num período em que a Europa e asiáticos surgiam como dois concorrentes.

NAFTA cumpriu objectivos

Entre outros objectivos, o Acordo Norte-Americano de Comércio Livre visa a eliminação tarifária progressiva das barreiras alfandegárias, permitindo assim uma maior facilidade de circulação de bens e serviços entre os países signatários (os produtos agrícolas canadianos e o petróleo mexicano estão excluídos do acordo), o aumento substancial de oportunidades de investimento, a garantia de direitos de propriedade intelectual e a abertura do comércio transfronteiriço para os sectores de serviços, fomentando uma rede de cooperação na expansão dos benefi-



Apesar de ter cumprido parte dos seus objectivos, os benefícios da NAFTA continuam polémicos

cios conseguidos com o acordo.

Na NAFTA especificava-se então que os impostos referentes aos bens comercializados e produzidos por Canadá, EUA e México eram nulos, e que mesmo as excepções inicialmente consagradas deveriam também ser reduzidas a zero nos quinze anos vindouros.

Segundo o director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais (IEEI), Álvaro Vasconcelos, os objectivos da NAFTA foram maioritariamente atingidos, apesar de não ter tido "um impacto tão positivo" no caso mexicano. Para o especialista, isto deve-se ao facto de a NAFTA não comportar medidas de acompanhamento e de protecção social devido à eventual deslocalização de empresas, tal como acontece na União Europeia e no seu modelo social. Para Álvaro Vasconcelos, "o balanço é positivo em aspectos económicos, mas do ponto de vista social há ainda um debate sobre o impacto do tratado nas economias de cada país". Contudo, tal "não significa que tenha sido uma má opção para o México procurar integrar-se na economia americana", ressalva.

Referindo-se ainda ao impacto da NAFTA no México, o director do IEEI sublinha a "importante democratização mexicana" que sucedeu no mesmo período. Para o especialista em relações internacionais este é "um impacto indirecto da NAFTA", relacionado com uma evolução

política.

Quando interrogado sobre os aspectos mais significativos da NAFTA, Álvaro Vasconcelos não tem dúvidas: "Foi os EUA terem aceite participar na regionalização do mundo. Isso é ainda mais positivo se olharmos para a actualidade, em que os EUA têm uma política unilateral", continua. Por outro lado, também extremamente significativo é o facto da NAFTA "não ter sido acompanhada por medidas de coesão social, como as que existem na UE".

Sobre o futuro da NAFTA, Álvaro Vasconcelos considera que "o Mercosul (onde se incluem o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai) é o grande impedimento a uma NAFTA mais estendida a Sul, até porque o "Mercosul quer manter a sua identidade para ter uma relação mais equilibrada com os EUA".

Uma "certa bonomia"

É assim que Joaquim Feio, docente da licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, define o balanço destes dez anos de NAFTA. Para Joaquim Feio, esta "bonomia" é suportada pela forma como o décimo aniversário está a ser encarado, "sem grandes celebrações e com relativa indiferença". E a NAFTA, completa, "não é hoje o colosso rival da UE, esse papel está reservado aos EUA, mas devido ao seu poderio bélico".

O especialista na vertente de economia política é da opinião que "os efeitos [da NAFTA] não foram no sentido das previsões mais optimistas como defendia a administração Clinton nem das mais pessimistas, como quis fazer crer o Ross Perot e os ambientalistas". A questão do impacto da NAFTA nas economias dos EUA e México deve ser "relativizado", porque "o PIB mexicano é cinco por cento do PIB dos EUA". Por outro lado, prossegue, "hoje a balança comercial entre os dois países pende para o México, os EUA têm de momento um deficit no que respeita ao comércio com os mexicanos".

Joaquim Feio defende que a NAFTA é importante para "estruturar o espaço económico da América do Norte", sobretudo as redes de transporte. "No Canadá e nos EUA as redes de transporte eram eminentemente nacionais, estruturando-se no sentido leste/oeste", hoje estruturam-se "muito mais no sentido norte/sul", atravessando os países que fazem parte da NAFTA, declara.

Joaquim Feio considera que a vontade do Brasil "em reactivar o Mercosul para funcionar como contrapeso à dolarização das economias da América do Sul" é um projecto que, "se resultar, será um contributo imenso para a estabilidade geo-económica e geo-política". E, neste caso, a aprendizagem da NAFTA pode revelar-se importante.

Futuro das pescas decido amanhã em Bruxelas

José Manuel Camacho

Os ministros das Pescas reúnem-se amanhã para se pronunciarem sobre a proposta da Comissão Europeia no sector para o ano de 2004. Este projecto não é bem visto pelos responsáveis portugueses desta área e pelo próprio Governo. Tudo isto porque as medidas que Bruxelas vem propor visam reduzir significativamente os totais admissíveis de captura e os dias que as embarcações podem andar no mar, ameaçando o sector de falência.

A proposta apresentada pelo comissário europeu das Pescas, Franz Fischler, estabelece os Totais Admissíveis de Capturas (TAC) e quotas pesqueiras para cada país da UE. Apoiado por relatórios científicos que afirmam que certas espécies estão em risco devido à sua excessiva exploração, Bruxelas reduz os TAC para Portugal em valores que chegam a atingir os 80 por cento, no caso do tamboril e do lagostim. As reduções para a pesca são as que mais preocupam os responsáveis portugueses pela sua importância económica e que atinge os 60 por cento de redução. Para suportar melhor o controlo, a comissão introduz novos mecanismos técnicos como o encerramento de pesqueiros e a limitação dos dias que os navios podem estar no mar - 39 por trimestre.

O presidente da Associação dos Armadores da Pesca Industrial (ADAPI), Pedro França, afirmou que estas propostas são interpretadas como uma estratégia de destruição do sector português. Também o presidente da Federação dos Sindicatos do Sector da Pesca, António Macedo, reconhece a necessidade de se adoptarem medidas para salvaguardar as espécies, mas diz que as investigações foram feitas de costas voltadas para o sector. Os responsáveis apontam a contradição da comissão no fecho de pesqueiros (zonas de mar em que é permitida a pesca) quando há meio ano defendia a abertura das águas nacionais à frota espanhola.

Da mesma forma, a restrição dos dias de actividade dos navios é criticada porque as saídas para o mar dependem de uma série de factores, a começar pelas condições climáticas.

Em pouco menos de um ano, Portugal enfrentou duras frentes nas negociações das pescas. Primeiro, na revisão da Política Comum das Pescas, no final de 2002 e ao longo de 2003, em que se travou uma batalha diplomática para evitar a liberalização do acesso de embarcações ao limite de jurisdição nacional das 200 milhas da costa portuguesa. O país conseguiu negociar o acesso controlado de mais 32 embarcações espanholas, até ao máximo das 12 milhas, garantindo acesso com o mesmo número de embarcações a pontos da costa espanhola com elevado potencial de captura.

Botânico enfrenta dificuldades

Responsável considera fundos “irrisórios”

O Museu Botânico tem mais de dois séculos e é frequentemente procurado por alunos de todas as idades. Contudo, a falta de financiamento impede o desenvolvimento de novos projectos

Laura Cazaban
Patrícia Lourenço

A exposição permanente do Museu Botânico da Universidade de Coimbra, “Biologia, Evolução e Biodiversidade no Mundo Vegetal”, dá a conhecer uma variedade de frutos e outros produtos vegetais através de modelos realistas de espécies e de ciclos de vida, feitos de cera, bem como espécimes verdadeiros.

A mostra pretende evidenciar a organização do reino Plantae, seguindo a evolução que se inicia com os primeiros microorganismos há três bilhões de anos e que se desenvolve até aos tempos actuais. O sentido da visita corresponde à evolução dos organismos, iniciando-se com as células simples, exemplificadas através das bactérias e cianobactérias, e seguindo o grau de complexidade dos seres vivos ao nível celular, passando pelas algas, os fungos e as diversas classes de plantas. São também expostos muitos fósseis de espécies que datam de diversas épocas geológicas.

A exposição tem também uma outra vertente, que mostra a transformação de plantas em produtos de uso comum, como o tabaco e o cacau. Contudo, não é apresentada a totalidade do espólio, considerado pela responsável do museu, Celestina Pimenta, como



Celestina Pimenta, responsável pelo Museu Botânico, lamenta os fundos “irrisórios” atribuídos a esta instituição

muito abrangente. A colecção também inclui instrumentos antigos, utilizados como material de investigação: lupas, máquinas fotográficas e microscópios.

Esta mostra adapta-se aos vários níveis de ensino escolar, conforme o comprovam as frequentes visitas de jovens de todas as idades. Estas são dirigidas por Celestina Pimenta e por estudantes universitários que colaboram com o museu. O guia da viagem ao mundo das plantas adapta o grau de especificidade do discurso ao auditório. O museu mostra-se acessível tanto às crianças como aos mais crescidos, focando-se diferentes áreas da Botânica. Segundo Celestina Pimenta,

o museu tem “uma importante função pedagógica” que o torna uma mais-valia cultural. A responsável considera que qualquer pessoa, mesmo não tendo conhecimentos científicos, tem a capacidade de perceber o mundo vegetal, apresentado de uma forma muito clara e pormenorizada.

Contudo o museu enfrenta dificuldades, nomeadamente a nível financeiro. Os fundos destinados a esta instituição são considerados pela responsável como “irrisórios”, o que impede o desenvolvimento de projectos de investigação e a contratação de mais pessoal. Esta limitação torna ainda difícil a possibilidade de parcerias

com outras instituições interessadas no vasto espólio deste museu.

O valor do museu não se deve apenas à sua vasta colecção de modelos e espécimes, mas também à forma de abordar a biodiversidade como necessária à preservação da vida no planeta.

Fundado pelo Marquês de Pombal em 1772, o Gabinete de História Natural procurou desenvolver os três sectores mais importantes na área das ciências naturais: a Botânica, a Zoologia e Antropologia e a Mineralogia e Geologia. Nos anos 40 e 50, o Museu Botânico foi transferido para a galeria no rés-do-chão do Departamento de Botânica, onde se encontra hoje.

Quatro milhões usam a net em Portugal

Tiago Azevedo

De acordo com um estudo do site de estatísticas www.internetworldstats.com, Portugal está entre os 30 países que mais utilizam a internet. O país com a maior percentagem de população utilizadora de Internet são os Estados Unidos. Já a China, apesar de ser o país mais populoso do mundo, tem apenas dez por cento de população com acesso à rede global.

Assim, na China, que tem mais de um bilião de habitantes, apenas 68 milhões são internautas. Já nos EUA, dos quase 300 milhões de habitantes, mais de metade são surfistas virtuais.

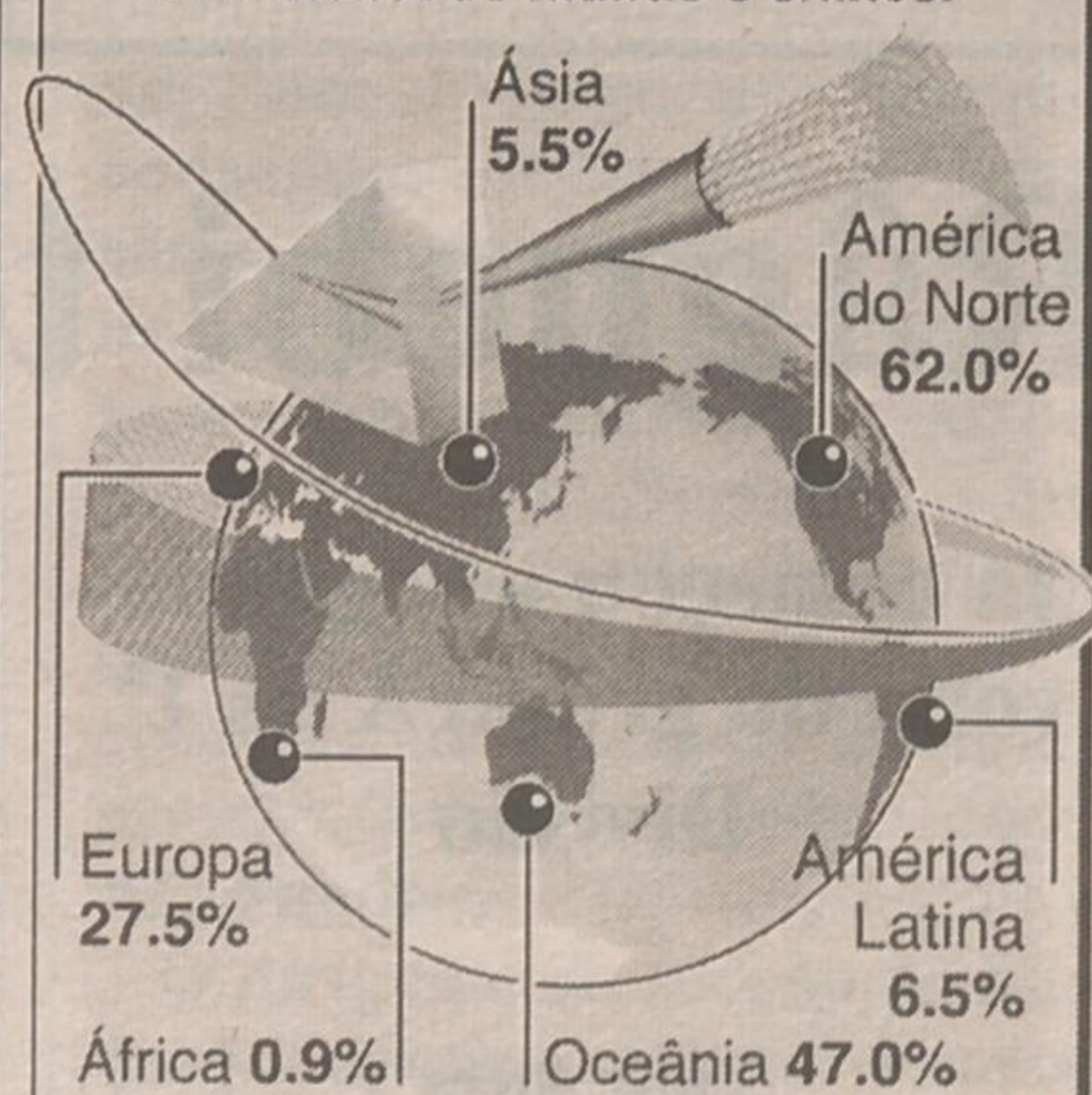
Segundo a mesma pesquisa, Portugal apresenta uma grande taxa de penetração da internet na população: perto de quatro milhões de utilizadores, o que significa cerca de 36 por cento da população.

Estabelecendo uma comparação directa entre os 25 países mais utilizadores de internet e o resto do mundo, o estudo revela uma enorme discrepância de valores. O top 25, no qual se inclui o Brasil, a Suíça e o México, totalizam 600 milhões de utilizadores dos quase 700 milhões de utilizadores existentes no planeta.

Dos seis bilhões de habitantes do mundo, 11 por cento usufruem de Internet, sendo que nove por cento estão situados nos 25 países com maior taxa de utilização. Estes dados, recolhidos entre 2000 e 2003, representam uma taxa de crescimento de 89 por cento em apenas três anos.

O mundo em rede

De acordo com estudos recentes, 78 milhões de chineses usarão a Internet até ao final do ano. Isto é, uma em cada 16 pessoas no país mais populoso do mundo. Um em cada nove utilizadores de Internet do mundo é chinês.



Taxas de penetração	
	%
1. Suécia	75.8
2. Hong Kong	67.0
3. Austrália	64.2
4. Holanda	63.7
5. EUA	63.2
6. Dinamarca	62.7
7. Islândia	59.5
8. Suíça	58.6
9. Reino Unido	58.2
25. Portugal	35.7

Fonte: internetworldstats.com

© GRAPHIC NEWS

Das sebatas ao manual

“Manual de Genética Médica” é o próximo livro lançado pela Imprensa da Universidade de Coimbra

Inês Saraiva

O livro “Manual de Genética Médica” é apresentado amanhã pelas 17 horas, na Sala do Senado. Trata-se do mais recente livro da série “Ensino” da Imprensa da Universidade (IU), e é assinado por Fernando Regateiro, professor na faculdade de Medicina, que ao longo dos últimos cinco anos foi compilando os seus apontamentos da cadeira de Genética. Estes servem de base para um livro que o autor considera ser, acima de tudo, “uma ferramenta”.

menta”.

Para Fernando Regateiro, este manual permite ao aluno “tomar contacto com os fundamentos e também com informação especializada”. O público-alvo, no entanto, vai além dos estudantes de Medicina e Medicina Dentária. Isto porque “as leis da hereditariedade, os mecanismos bioquímicos que controlam a doença e a forma como as células se programam para morrer são factos que dizem respeito a outras áreas do conhecimento, como a bioquímica e a biologia”. Os 6700 exemplares vão estar à venda em várias livrarias do país, pelo preço de 20 euros, e contam com cerca de 500 páginas divididas em 21 capítulos.

Além da actividade docente que vem desenvolvendo desde 1975, Fernando Regateiro é actualmente director da IU. Este organismo tem vindo a publicar livros com uma cadência ca-

da vez maior. A anterior edição foi lançada na semana passada: “Riscos Naturais e Acção Antrópica”, de Fernando Rebelo.

Para o director da IU, é necessário “caminhar para uma melhor formação dos alunos da universidade”. Com os livros da série “Ensino”, a IU “irma-na-se no sentido de combater o insucesso escolar”. Fernando Regateiro realça que “são um sinal de carinho que mostra reconhecimento”, pois os direitos de autor foram sempre abdicados em favor da IU. Em termos de financiamento, existe a “obrigação de trabalhar com receitas próprias”. Para isso é necessário “espírito de iniciativa” por parte dos autores. No caso do “Manual de Genética Médica”, o patrocínio veio integralmente de uma empresa farmacêutica.

De acordo com Fernando Regateiro, é sob o signo da qualidade que se pretende construir esta colecção de li-

vros. Algo evidente na participação não só de autores da casa, mas também de outras universidades portuguesas e estrangeiras. Levar estes livros aos países de língua oficial portuguesa é agora o desafio para um futuro próximo.

As origens da IU remontam ao século XVI, mas até hoje vários precalços surgiram no seu caminho, tendo mesmo sido extinta em 1934. Em Dezembro de 1999 voltou a abrir portas, funcionando actualmente na Rua Antero de Quental. O conselho editorial é composto por representantes da Biblioteca Geral, Arquivo da Universidade, e oito faculdades. Na sua livraria, junto às Escadas Monumentais, estão à venda as três séries: “Ensino”, “Investigação” e “Documentos”. A página da IU (www.imp.uc.pt) possui a listagem dos livros, que são distribuídos a nível nacional pela Livraria Almedina.

16 DESPORTO

Briosa perde pontos em casa

Num jogo com muitas pausas, o resultado ditou a divisão de pontos

Em jogo a contar para a 14ª jornada da Superliga, a Académica, apesar das ocasiões, não conseguiu mais do que um empate frente ao Rio Ave

Tiago Azevedo
Bruno Gonçalves

Num encontro marcado por imensas pausas e pela necessidade de pontuar, a equipa dos estudantes batalhou muito para alcançar a vitória. Apesar das inúmeras situações de golo, a Briosa não foi capaz de ultrapassar o guarda-redes do Rio Ave.

As duas equipas desde cedo demonstraram que queriam os três pontos e ambas entraram no jogo decididas e a apostar no contra-ataque. A Briosa, vinda de duas derrotas, começou por tomar a iniciativa do ataque, instalando-se no meio-campo do adversário. No entanto, a primeira oportunidade pertenceu aos visitantes, que por intermédio de Gama, aos 15 minutos de jogo, obrigaram o guardião da Briosa a uma defesa apertada após um ressalto à entrada da área resultante de um desentendimento na defesa dos estudantes. A Académica, através de consecutivos ataques, conseguiu criar perigo pelo lado direito, com uma investida de Dionattan que, depois de deixar para trás muitos adversários, coloca a bola em Marcelo, que remata ao poste.

Contudo, quem chegou a introduzir a bola na baliza foi o Rio Ave. Ronni, aos 34 minutos, remata fora do alcance de Pedro Roma, mas vê a jogada anulada pela equipa de arbitragem, por fora de jogo.

Apesar da Briosa criar ocasiões de golo, quem esteve mais perto de marcar foram os visitantes, depois de Martins dos Santos assinalar uma grande penalidade sobre Jaime, perto



Muitas pausas motivaram os oito minutos de desconto concedidos pelo árbitro Martins dos Santos

do final da primeira parte. Evandro chamado a converter, permite uma brilhante defesa a Pedro Roma.

Novo fôlego após intervalo

No início da segunda parte, o Rio Ave quase chega ao golo por Ronni. Na jogada seguinte foi a vez da Académica desperdiçar mais uma oportunidade flagrante. Após este momento inicial dinâmico, assistiu-se a um momento de jogo um pouco parado onde a agitação disponível se encontrava nas bancadas, com as claques incansáveis.

A partir dos 60 minutos a Briosa volta a carregar no acelerador e cria novas ocasiões. Primeiro através de Filipe Alvim que quase chega ao golo na sequência de um canto e depois de Akos Buszaki que remata contra um defesa da equipa visitante, enviando a bola poucos centímetros ao lado da baliza defendida por Móra.

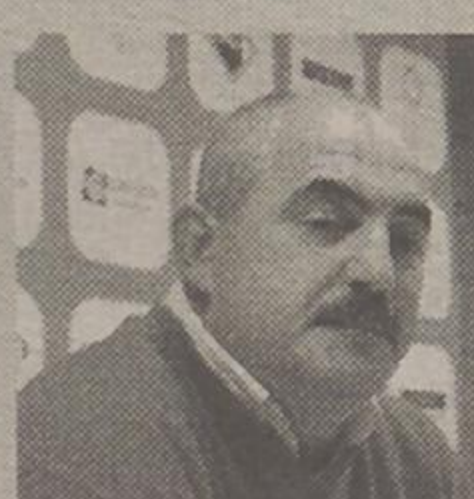
Nos momentos finais da partida, Delmer, que havia entrado para o lugar de Marinescu, mostrou-se inconformado com o resultado e quase

inaugurou o marcador por duas vezes. Um remate acrobático à entrada da pequena área e um remate de fora da área a rasar o poste esquerdo da baliza adversária ainda deram alguma esperança aos adeptos da Briosa. Mas nem os oito minutos de desconto, devido às inúmeras interrupções na par-

tida, foram suficientes para alterar a igualdade.

A três jornadas do fim da primeira volta, a Académica soma 15 pontos e ocupa a décima terceira posição da tabela. O próximo jogo é amanhã frente ao Benfica, a contar para a quinta eliminatória da Taça de Portugal.

Nas cabines...



Vitor Oliveira,
treinador da Académica

- "Os jogadores estiveram empenhados mas faltou-nos aproveitar as oportunidades"
- "Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para ganhar"
- "Vamos trabalhar para fazer corresponder as oportunidades a concretizações"
- "Dyduch cumpriu bem a sua função, uma vez que não é defesa esquerdo"



Carlos Brito,
treinador do Rio Ave

- "Foi um jogo bastante disputado, mas nem sempre bem jogado"
- "O resultado aceita-se pois não criámos muitas situações de golo"
- "Tivemos a melhor oportunidade do jogo, o penalty"
- "Falhámos muitos passes na transposição do meio-campo para o ataque e a defesa foi muito pressionada pela Académica"

Râguebi tenta acesso à fase final

Já começou a segunda volta do grupo A da 1ª Divisão

Vítor Aires

A meta no início da época era melhorar a classificação da equipa que, na época passada, não se qualificou para a disputa do título. Segundo o treinador, Rui Carvoeira, o objectivo de ficar entre os quatro primeiros do grupo A é "difícil, mas possível". Contudo, admite que "há equipas bem melhor apetrechadas".

Os estudantes têm-se mantido longe dos dois primeiros, Belenenses e Agronomia. Contudo, Rui Carvoeira

fala de uma prestação "aceitável" do plantel, num grupo onde "todas as equipas são boas". A segunda volta é encarada "de forma positiva", mas "com cautelas", porque, segundo ele, uma derrota pode comprometer o apuramento.

A equipa de râguebi da Académica é amadora, sendo a maioria do plantel composto por estudantes universitários, formados no clube. Os únicos que recebem alguma compensação financeira são os três estrangeiros: o romeno Serban Guaranescu e os argentinos Juan Severino e Esteban Mendy. O treinador afirma que estes reforços "têm tido uma integração positiva", apesar de estarem ainda em "adaptação ao râguebi português". Carvoeira vê neles "uma mais

valia para o grupo", sublinhando o "desempenho desportivo de maior relevância" de Juan Severino.

A Secção de Râguebi da Académica foi fundada em 1955. No panorama nacional, tem sido uma das poucas a intrometer-se no domínio das equipas de Lisboa. Rui Carvoeira fala da "mistica" de uma equipa que tem "história, passado e tradição". Algo que, segundo ele, compensa as "contrariedades do ponto de vista estudantil, familiar e profissional", causadas pelo amadorismo.

Portugal venceu este ano a primeira volta da Taça Europeia das Nações, tornando-se assim o sétimo país do ranking europeu. A equipa da Académica tem no seu plantel um membro da selecção nacional, o pilar

Rui Cordeiro, além de vários internacionais nos escalões jovens.

A formação da Académica está dividida em seis escalões, que acompanham os jovens atletas desde os seis anos. Rui Carvoeira foi durante vários anos o coordenador de toda a formação do râguebi. Segundo ele, o mais importante nos escalões jovens não são os títulos, mas "fazer com que os atletas gostem da modalidade que praticam".

Todos as equipas de râguebi da Académica treinam e jogam num único campo, no Estádio Universitário. Embora reconheça que "as infraestruturas não são suficientes", afirma que são as "condições possíveis" numa cidade que não tem campos de treino.

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

Qualquer dia...

"Quais são as linhas gerais que norteiam a direcção? Há um rumo no OAF? Se sim, qual é?"

"Janeiro é já ali", dizem os adeptos e treinadores num susurro.

Na Briosa suspira-se por avançados. Depois de um início de temporada promissor, a saída de Dário e o abaixamento de forma dos jogadores brasileiros contratados neste "defeso" começam a enervar os adeptos ao ritmo da descida classificativa da equipa. Esperemos pois para ver que contratações são feitas (se são feitas) e que contas se poderão fazer. Veremos de novo jogadores emprestados chegarem (porque é mais barato?!) às dúzias? Entre salários pagos e rentabilidade em campo, as contas acabarão por ser feitas. No ano passado, por exemplo, muitos dos jogadores chegados a meio da época revelaram-se apostas perdidas - e certamente dinheiro desperdiçado. É recorrente dizer que por vezes "o barato sai caro e o caro sai barato". Mas sempre posso dizer que há um rapaz moçambicano a actuar no Dubai que sai(u) barato...

E o Xano? Lembra-se? De jogador desconhecido a figura de destaque, depois dos golos marcados ao Benfica e ao Vitória de Setúbal, ao esquecimento foi um passo. Foi para Salamanka, emprestado, mas voltou cedo. Terá subido depressa demais? Terá faltado "maturidade" ao jovem jogador? Não sei. Mas continuo a perguntar-me se a Académica não terá desistido (do jogador e do homem) cedo demais...

Agora que a actual direcção do OAF comemora o primeiro aniversário, continua a ser legítimo perguntar: qual é a aposta da Académica? Quais são as linhas gerais que norteiam a direcção? Há um rumo no OAF? Se sim, qual é? Perguntas legítimas e, parece-me, oportunas até pelo período de possíveis contratações que se aproxima. É que no ano passado a direcção tinha acabado de tomar posse e assumiu que o importante era evitar a descida de divisão. E agora? O objectivo estratégico continua a ser o mesmo? Estamos condenados a ir de "luta em luta"? Será que o discurso comum no futebol português, o célebre "vamos pensar jogo a jogo", é transposto para a direcção? Só nos restará pensar "ano a ano"?

Académica de papo cheio

CLÁUDIO VAZ



A Académica foi eficaz na mira ao cesto, o que resultou em nova vitória

O “treze” não foi jogo de azar para os estudantes, que, na 13ª jornada da Proliga, conquistaram uma vitória fácil frente ao Galitos, por 77-90

Bruno Vicente

Parece que ninguém tem fôlego para parar a Briosa que, a um jogo de completar a primeira ronda da Proliga, para além de manter a liderança, mantém igualmente o estatuto de invencibilidade. Desta feita, coube à Académica deslocar-se a Aveiro, para defrontar o Galitos, equipa que percorre os lugares me-

dianos da tabela classificativa. Porém, a tarefa da turma de Norberto Alves foi mais fácil do que se previa e a equipa do Galitos acabou por ver as suas expectativas goradas.

Sempre com um grande apoio, já habitual nas bancadas, a AAC entrou com um cinco também ele familiar: Gregory Morgan, Bruno Costa, Rui Rochete, Jacinto Silva e Hugo Loureiro. Apesar de alguma agressividade, o equilíbrio que se fez sentir no início da partida levou a que os primeiros pontos do jogo demorassem a aparecer e, já com dois minutos de jogo decorridos, o marcador indicava 4-0 a favor da Briosa. Mas rapidamente o resultado disparou, principalmente a favor da equipa de Coimbra, que concretizou neste período três parciais de 5-0 e um de 6-0. O Galitos, a jogar em ca-

sa, demonstrou dificuldades em organizar o sector ofensivo, ao mesmo tempo que a defesa não conseguia deter os líderes da Proliga. A equipa da casa apostava no seu americano, Duane Johnson, que foi o concretizador principal da equipa na primeira parte. Face a isso, o treinador da Briosa mandou Gregory Morgan defender o seu oponente pela frente, procurando o dois para um quando Johnson recebesse a bola, o que rapidamente se verificou uma solução acertada. E assim se justifica o 25-17, ao fim dos primeiros dez minutos.

Aumentar vantagem

Para o segundo período, Norberto Alves fez entrar Hélder Afonso, que veio a ser a referência neste tempo. O extremo da Académica marcou

das cinco vezes que lançou ao cesto (dois lançamentos livres, dois lançamentos de dois pontos e um triplo), o que para além de desequilibrar o marcador espalhou segurança pela equipa. Deste modo, os estudantes viram o intervalo chegar com uma vantagem de 18 pontos em relação ao seu oponente, num 49-31 bem explícito. Comentando o facto de Hugo Loureiro não ter marcado qualquer ponto, o treinador da Académica salientou que “não é relevante um jogador não marcar pontos, desde que se destaque na defesa, como aconteceu com o Hugo”.

Sem se verificar qualquer alteração na tendência de jogo, o terceiro período apenas serviu para a Académica confirmar a sua superioridade através da vitória tranquila de mais um período.

No último período, a grande segurança pontual permitiu ao técnico da Briosa transmitir ritmo desportivo à totalidade da equipa através da entrada de Eduardo Santos, Gregory Morgan, João Sousa, Fernando Sousa e Luis Guilherme (que concretizou três lançamentos de três pontos noutras tantas tentativas). A equipa ressentiu-se e, apesar da forte união, perdeu o último período por 29-13. No final, vitória fácil para os estudantes por 90-77. Ficou o brilho nos olhos de toda a equipa e um sorriso na cara dos espectadores académistas presentes no recinto.

Por detrás de uma equipa, um treinador

No final do jogo, Norberto Alves revelou-se um técnico satisfeito. Afinal, o 13º jogo não foi azarento para a turma de Coimbra. Referiu-se ao jogo como sendo “mais fácil do que previa, o que se deveu à coesão do grupo e ao bom estado físico dos jogadores”. Depois, mais do que fazer um comentário ao jogo, preferiu focar-se nos jogadores, pelos quais o técnico diz ter um carinho especial.

Para Norberto Alves, a “equipa jogou bem e todos os elementos entraram em campo”. E realça que “os doze jogadores trabalham muito e é evidente que há diferenças de opções e de nível entre eles, mas todos realizam um esforço igual”. Remata com um “estão todos de parabéns”.

Académica vence Dínamo Sanjoanense

**David Jacob
Tiago Pimentel**

O Pavilhão Eng. Jorge Anjinho, que contou com cerca de uma centena de adeptos, recebeu o encontro relativo à 14ª jornada da série B do Campeonato Nacional da III Divisão de Futsal, entre a equipa da Académica, actual 2º classificado, e o Dínamo Sanjoanense, que ocupa a 4ª posição na tabela classificativa, tendo obtido a 12ª vitória desta temporada.

Num jogo que contou com muitas paragens, devido principalmente ao grande número de faltas cometidas, a Briosa realizou uma boa exibição, a que a equipa de São João da Madeira não conseguiu dar resposta à altura. O resultado final foi 9-4, favorável à equipa da casa, não deixando dúvidas sobre o justo vencedor da partida.

Do lado da Académica, o número dez, Luisinho, esteve em plano de destaque, tendo marcado quatro dos nove golos da equipa, sendo que os restantes golos foram apontados por Pichel e Zito (ambos com dois) e Alex, que marcou um.

Com este resultado, os estudantes não deixaram que a equipa do Fundão, com a sua vitória por 5-0 sobre o Vilaverdense, se isolasse no topo da tabela classificativa, tendo consolidado o 2º lugar com 37 pontos, a apenas dois do líder, e ganhando vantagem face ao Real da Conchada, 3º na tabela com 32 pontos.

A equipa de arbitragem controlou o jogo na medida do possível, não deixando que os ânimos dentro de campo se exaltassem. Foi, no entanto, na bancada que tiveram origem os incidentes lamentáveis que marcaram o final da partida. Quando faltavam jogar apenas três segundos do encontro, dois jogadores do Dínamo Sanjoanense foram expulsos. As palavras trocadas entre os atletas e o público, nada amigáveis, deram origem a cenas pouco dignas de um espectáculo desportivo.

Francisco Batista, treinador principal da Académica, afirmou no final do jogo que a equipa conseguiu ser superior ao adversário, e teve sempre o controlo do encontro, não deixando margem para dúvidas sobre qual seria o vencedor. Segundo o mesmo técnico, a Briosa “marcou quando tinha que marcar”, e continua na luta pela subida de divisão, ombro a ombro com o AD Fundão.

O dirigente da secção de futsal da Académica, Miguel Fonseca, instado a fazer um balanço da presente época, considera que “o balanço é positivo”. O desempenho da equipa está a decorrer “dentro das expectativas”. A Briosa obteve, nos catorze jogos que disputou até ao momento, 12 vitórias, um empate e uma derrota. O objectivo traçado para a época é o regresso à 2ª divisão nacional, sendo que os estudantes “pretendem também fazer boa figura na Taça de Portugal.

Náuticos com medo da chuva

As fortes chuvadas e o estado do Rio Mondego dificultam o trabalho da Secção de Desportos Náuticos

**Rui Pestana
Carlos Portela**

A principal causa para as preocupações que se repetem todos os anos entre os praticantes de desportos náuticos da Associação Académica de Coimbra têm a ver com a diminuição de profundidade do rio Mon-

dego. Segundo o presidente da secção, Ricardo Reis, esta situação deve-se à “acumulação de areia por causa dos açudes e barragens”, o que provoca correntes que não favorecem a prática desportiva. O dirigente ironiza: “Ainda há dias tivemos de ir buscar um tronco de cinco metros ao rio em plena competição”, algo que vem também dificultando o curso de carta de marinheiro e o curso de mergulho.

As instalações situadas junto ao queimódromo sofrem constantemente os efeitos da falta de dragagem do rio. Em 2001 os prejuízos rondaram os 40.000 euros, entre infraestruturas e barcos destruídos pe-

la força das águas.

O problema está neste momento nas mãos da Direcção Regional do Ambiente e Ordenamento do Território que, segundo Ricardo Reis, “há cinco anos que está à espera de um estudo de impacto ambiental”.

Acima da linha de água

A principal aposta da Secção de Desportos Náuticos é o remo, que conta, neste momento, com cerca de 50 atletas divididos pelos vários escalões. Para o técnico Rascão Marques o principal objectivo desta temporada passa por consolidar o grupo de trabalho, perspectivando a entrada nos dez primeiros do ranking na-

cional de clubes.

A nível internacional, os náuticos estarão presentes em regatas em Bordéus e já receberam convites da Corunha. No plano individual, existem alguns atletas com objectivos de selecção.

No campo da formação, esta secção realiza cerca de quatro cursos por ano, dos quais a adesão depende, em muito, das condições atmosféricas. O curso de mergulho, por motivo de falta de infraestruturas em Coimbra, realiza-se em Miranda do Corvo e em Aveiro e tem a duração de cinco semanas. A carta de marinheiro pode-se tirar cá em Coimbra, num único fim semana.

18 CULTURA

“Só entra se vier às fatias”

Reclusos de Coimbra levam a sua experiência ao palco

“Tudo o que possa camuflar um objecto de agressão ou facilitador de fuga só entra se vier às fatias”. Numa prisão de alta segurança, a liberdade artística alia-se a uma realidade social pouco conhecida

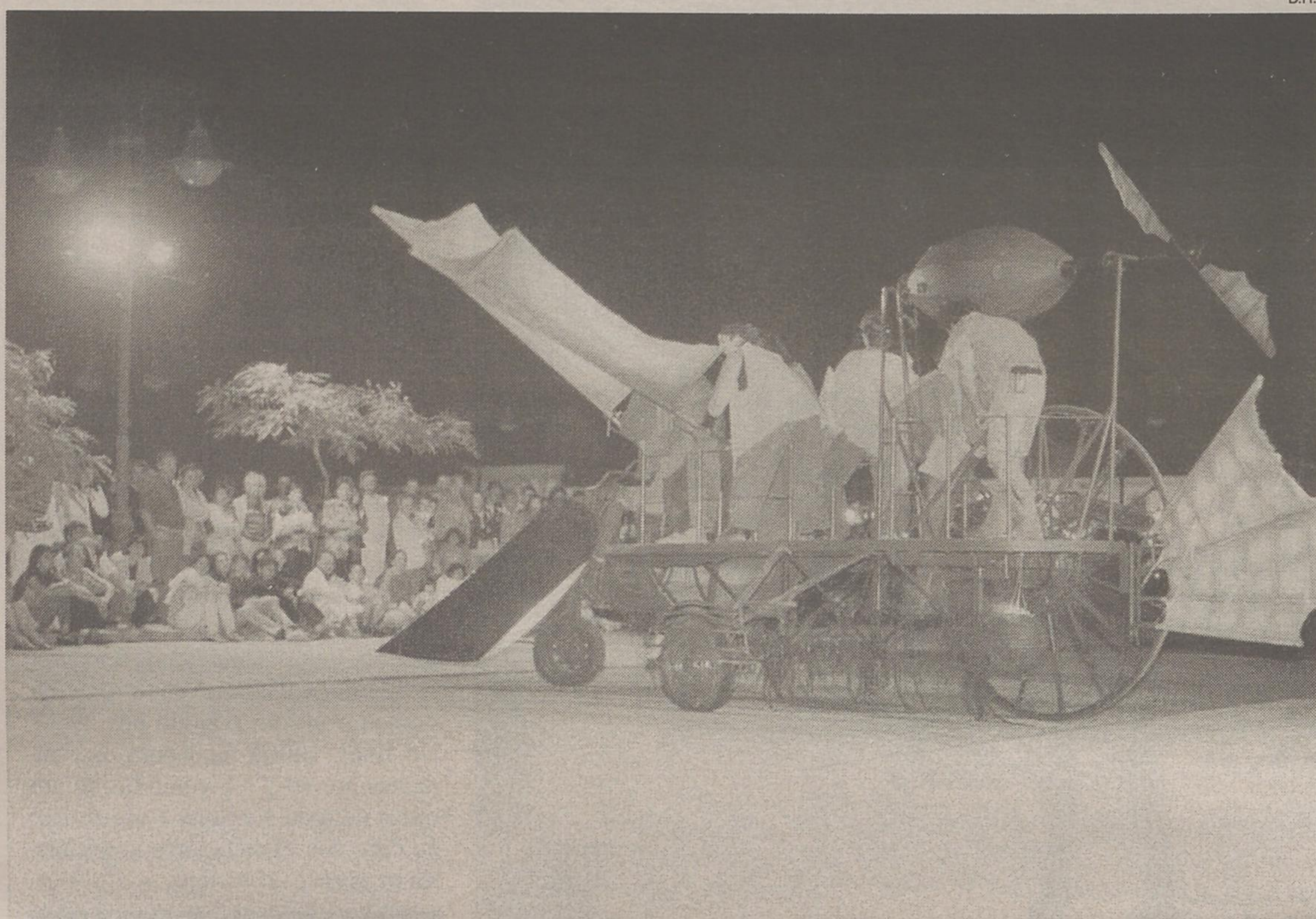
Maria João Lopes
Paula Velho

De amanhã a sábado, o Estabelecimento Prisional de Coimbra, com o apoio da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, vai levar a cabo, a partir das 21 horas, a peça “Só entra se vier às fatias”, escrita e encenada pelo polaco Andrzej Kowalski.

O espaço, a música, os textos e as personagens que constituem a peça são produto de todo um conjunto de experiências, emoções e ideias dos próprios reclusos. Nas palavras da organização, “a construção do espectáculo tem de ter uma dinâmica própria, devido às características do grupo e da instituição” que o acolhe. Esta dinâmica reflecte-se no “envolvimento dos participantes, na montagem do texto e na utilização do espaço”.

Neste sentido, a imagem final, aquela a que o público terá acesso, é uma tentativa de síntese e aproximação a uma realidade que é vivida por uma minoria e da qual poucos têm conhecimento.

De acordo com a organização, este projecto tem como objectivo dar a conhecer “várias faces de uma moeda”: o estar fechado, a claustrofobia e a violência da privação da liberda-



Reclusos do Estabelecimento Prisional de Coimbra apresentam peça de teatro, em experiência inédita

de. Sublinham, sobretudo, a vertente de “dar a sentir a um público alargado” uma vivência que traduz “uma riqueza interior e uma elevação espiritual inacreditável”.

Deste modo, o espectáculo constrói-se através de “improvisações, conversas com os reclusos e textos por eles elaborados sobre as suas vivências”. Textos que, na opinião dos responsáveis pela iniciativa, se pautam por uma “beleza e dimensão poética surpreendente”.

A peça tem obrigatoriamente de se realizar dentro do perímetro guardado, o que implica repensar a utilização do espaço, já que a prisão não possui as características cénicas con-

vencionais.

Outro aspecto a considerar é o ritmo lento que envolve todo o processo, sublinha a produção. Os intervenientes, sujeitos a uma “enorme pressão”, têm “grandes variações de humor e disponibilidade”, o que vai, necessariamente, atrasar o ritmo. Os procedimentos, internos e externos a que, por norma, todos os presos estão sujeitos, são sempre demorados e burocratizados.

Os reclusos envolvidos estão subordinados a um sistema de controlo que prevê um conjunto de sanções a serem aplicadas em casos de infracção. Algumas das sanções previstas podem traduzir-se, como refere a or-

ganização, “na impossibilidade momentânea de participar nos ensaios, no trabalho do espectáculo ou até, na própria proibição de realizar o evento”.

Segundo Andrez Kowalski, “trabalhar com actores não-profissionais foi um desafio constante” que, a nível social e artístico, se traduziu numa ótima alternativa ao teatro convencional. O autor e encenador acrescenta que “explorar categorias do foro psicológico”, puramente do domínio subjectivo, de quem vive uma realidade fechada, “vai ser uma forma de mostrar à sociedade algo que permanece confinado às paredes da prisão”.

Uma outra versão da história

Joana Moreira

Na próxima sexta-feira, a peça de Nuno Pinto Custódio, “O relato de Alabad”, é levado a cena em Coimbra. Uma diferente perspectiva histórica do cerco de Lisboa é a proposta feita pelo Teatro Meridional com esta sua última produção. O Museu dos Transportes foi o palco escolhido.

O autor é também o actor e o único elemento em palco. Nuno Pinto Custódio dá voz a um monólogo, encarnando diversas personagens e interpretando situações trágico-cómicas.

À semelhança dos tradicionais contadores de histórias, a interpretação conta com acompanhamento musical ao vivo.

A peça recia o cerco e a conquista de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147. Alabad, arqueiro e poeta, vive em Santarém e com a descida das tropas vê-se obrigado a deslocar-se até Lisboa. Aqui é recebido juntamente com o seu irmão por um tio lisboense. Depositam na capital as esperanças de uma vida nova. No entanto, com a chegada de D. Afonso Henriques tudo se altera. Lisboa é cercada e durante quatro meses os seus habitantes vêm-se obrigados a sobreviver à peste e à fome. Mais uma vez, o personagem vê-se levado a mudar de cidade, desta feita rumando até Silves.

O espectáculo tem a particularidade de recriar a tomada de Lisboa aos mouros sob o ponto de vista dos vencidos. Nas palavras do encenador Miguel Seabra, “a peça, ao fazer o relato das experiências de um mouro, descentra-se da visão cristã que nos é dada pelos cronistas” portugueses. Salienta ainda o cariz histórico informativo na medida em que dá a conhecer aspectos importantes de uma civilização que, pelo facto de ter permanecido durante muito tempo em Portugal, deixou um importante legado para a cultura nacional.

O cenário contém elementos muito simples. Miguel Seabra explica que “a simplicidade contribui para a eficácia da comunicação teatral. Esta assenta no desempenho do actor. Toda a concepção plástica está interligada, ao serviço da lógica do actor como o único elemento indispensável num espectáculo de teatro”.

“O relato de Alabad” integra-se na programação para a Infância da Coimbra 2003. Contudo, segundo o encenador, a peça “não foi pensada para ser educativa e está indicada para maiores de 12 anos. Tem um ponto de vista educativo apenas no que se refere ao estar com o ser humano no mundo descentrado de si mesmo”. Miguel Seabra afirma que este é um espectáculo “de uma actualidade incrível pois, hoje em dia, há muito a necessidade de olhar para a vida também através do outro lado”. “É necessário termos um olhar global”, conclui.

O lugar da utopia

“O que resta do 25 de Abril?” é a pergunta que serve de mote a “Cantiga para JÁ”, um dos últimos projectos da capital da cultura

João Pedro Marques
Sandra Dias

A Companhia de Teatro de Braga, o Centro Dramático Galego e a Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 vão estreiar o Projecto Cantiga no palco do Teatro Académico de Gil Vicente, dias 29 e 30 de Dezembro. Da autoria de Jean Pierre Sarrazac, autor e encenador francês,

“Cantiga para JÁ” é uma peça que lança um olhar crítico sobre a sociedade ocidental pós-moderna, vista à luz dos ideais de vários momentos de libertação que marcaram o século XX.

As esperanças e os objectivos de momentos históricos de transformação social, como a Revolução dos Cravos ou o Maio de 68, são nesta peça revisitados numa dupla perspectiva: uma, algo nostálgica, que põe em evidência a discrepância entre os ideais revolucionários que mobilizaram multidões ao longo dos tempos com um presente marcado “pela mercantilização de todas as esferas do comportamento, pelo nivelamento de tudo pelo mesmo nada e o mesmo vazio”, como diz Fernando Mora Ramos, um dos responsáveis pelo projecto. A outra perspectiva, considera estes momentos charneira

da história como herança preciosa e fonte de inspiração para, despertando consciências, construir uma realidade nova.

O ponto de partida deste ensaio teatral é a praça, palco e símbolo de grandes revoluções que determinaram o curso da história, em torno da qual gravitam personagens, gestos, ditos e feitos que pretendem estabelecer o confronto entre o tempo da memória e o tempo actual. Este balanço histórico é feito através de várias personagens-tipo cujos monólogos resultam em choque: o homem do antigo regime, que representa o imobilismo, a hierarquia e o absolutismo; o homem que lê e que atribui significados aos diferentes acontecimentos históricos, interpretando-os; o jovem casal, que testemunha a vivência dos primeiros anos da Revolução Francesa; a mulher que sobe

na vida através da sua agenda de contactos; e o homem do carrinho de compras, o verdadeiro e actual “homem-supermercado”, que divide o seu tempo entre uma grande superfície e a sua casa de duas assoalhadas num qualquer subúrbio.

A figura de José Afonso também está presente na peça através da cantiga “Utopia” e da sua própria vida, como metáfora do idealismo e criatura poética capaz de se entregar às utopias. Não se trata de uma homenagem ao cantautor, mas de relembrar o mítico Zeca, como ícone de uma geração revolucionária.

O “Cantiga para JÁ” parte duma concepção de teatro que funde movimento, corporalidade, frases, palavras e sons numa ideia fundamental de espectáculo em que é dado ao actor espaço e liberdade na concretização do texto.

“Enquanto houver vida, há-de haver blues”

“Fuck Christmas, I Got The Blues” é o segundo LP do one-man band, The Legendary Tiger Man. Mais “fucked up blues”, desta feita para mandar o Natal às urtigas

Mário Guerreiro

“Fuck Christmas, I Got The Blues” é o segundo álbum de The Legendary Tiger Man (one-man band de Paulo Furtado, também dos Wray Gunn e ex-Tédio Boys), após “Naked Blues”. O disco conta com duas covers, “Rumble” de Link Wray e “I Walk The Line”, de Johnny Cash. Um álbum repleto de sexo, luxúria, histórias de devaneios violentos, e também algum crime. Listrado e de presas bem à mostra, esta prenda de Natal é o motivo para a conversa com Paulo Furtado.

“Naked Blues” foi editado no ano passado. Que balanço fazes deste ano de actividade como The Legendary Tiger Man?

Foi cansativo, mas também bastante reconfortante a nível pessoal e profissional. Dificilmente as coisas poderiam ter corrido melhor. Neste mês ainda vou ter mais uma série de concertos, se calhar a mais preenchida. Estava à espera de alguma receptividade porque o disco era editado pela Munster Records, que a nível europeu tem bastante prestígio. Não esperava ir ao Transmusical [reputado festival francês] este ano, nem outras coisas que aconteceram.

Sempre defendeste que um músico deve ter a oportunidade para fazer a música que quer na sua terra e ser reconhecido por isso. Esta receptividade tem assim algum sabor especial?

Tem, claro. Mas acho que é apenas uma etapa. Nestas coisas, como em quase todas as coisas na vida, alcançar algo é mais fácil que mantê-lo. Estou calmo porque sempre fiz o que quis a nível musical. Nunca obedeci à lógica de “ok, eu agora faço isto e tenho sempre de ter algo que me ligue mais ou menos a este som”. Faço exactamente aquilo que me apetece a nível musical. Mas também não estou muito preocupado porque o máximo que me pode acontecer é voltar a ter uma actividade paralela se não puder viver exclusivamente da música.

Foste durante o Verão a um dos maiores festivais asiáticos, o Fuji Rock Festival, no Japão. Como é que foi chegar lá e ser tão bem recebido?

Foi ótimo. Para mim foi extremamente benéfico. Conheci muitos músicos interessantes, o ambiente do festival é ótimo, muito descontraído. Não há áreas reservadas a ninguém, todos os músicos partilham espaços comuns e estão ali no fundo para se divertirem durante aqueles três dias. E o público japonês, claro está, é a demência absoluta (risos). Fiz um duelo de one-man bands com o Bob Log III [one-man band de blues norte-americano], num momento essencialmente muito divertido e único.



Novo álbum de The Legendary Tiger Man é posto hoje à venda com o semanário Blitz

Um disco de Natal?

O disco era suposto ser um EP, mas entretanto o Johnny Cash desaparece. Foi o acontecimento que despoletou a sua transformação num LP?

Não, isso aconteceu só mais com uma música. Nem estava muito motivado para a fazer porque respeito muito o Johnny Cash. É um dos meus cantores e autores preferidos e tinha algum pudor em fazer uma versão dele. Acabei por gostar do resultado final, apesar de ser uma versão bastante bizarra. Isso acabou por acrescentar uma música um bocado à última da hora. Houve mais duas ou três músicas para as quais não tinha solução e que, de repente, após a morte de Johnny Cash apareceram. Acabei por gravar 11 músicas e o disco tornou-se num álbum normal.

Há uma evolução entre este álbum e o anterior?

Há, claramente. Em relação à minha maneira de tocar acho que as coisas estão mais ágeis. E acho que é um disco mais interessante. O outro, apesar de gostar muito dele, tem uma sonoridade pesada. Neste disco toco acústico, “ressonators”, e também exploro outro tipo de sons mais experimentais para a guitarra, o que dá logo outra sonoridade completamente diferente. Isso dá ao disco uma determinada lufada de ar fresco que se calhar o outro não tinha.

No disco anterior o livrete definia-o como um “mid-fi uncut fucked up blues records for a mature audience”. Como é que definirias este?

Acho que este continua a ser “mid-fi”. Porque também não tem

cortes, mas sobretudo porque o conceito continua a ser o mesmo: “mid-fi uncut fucked up blues for a mature audience”. Os mais novos não compram o disco. Não encontram nada que lhes interesse ali. Digo isto até por ver quem tem estado nos concertos. Claro que há excepções, mas as pessoas mais novas tendem a procurar outro tipo de sonoridades e emoções.

O disco sai hoje e no dia 23 com o jornal Blitz. Não vai para as lojas?

Dificilmente irá. Por se chamar “Fuck Christmas, I Got The Blues” não tem muita lógica vendê-lo em qualquer outra altura do ano, isto apesar de não ser um disco de Natal

“Faço exactamente aquilo que me apetece a nível musical”

e desta ser a única música que, de algum modo, se relaciona com a época. Espero que este disco esgote até porque é completamente diferente

ter um disco para vender a 14 euros nas lojas ou ter um disco que vem com um jornal a sete euros. O que me interessa é que mais pessoas comprem o disco. Isto é uma boa maneira de conquistar mais pessoas. O disco depois será também vendido em espectáculos e vai ser reeditado com mais algumas músicas e com outro nome, em Março, pela Munster. Eventualmente, haverá uma importação para Portugal.

He Got The Blues

Como é The Legendary Tiger Man? É bastante diferente do Paulo Furtado?

É muito mais selvagem. Até as próprias noites quando vou tocar como Tiger Man são um bocado diferentes das minhas noites normais. O

próprio acto de tocar ao vivo é para mim um prazer extremo e que me dá um “kick” de adrenalina enorme. Fico extremamente feliz nas noites que toco e quando as coisas correm bem fico bastante mais animal (risos).

O imaginário do outro álbum era recheado de luxúria e nudez? Neste álbum ainda está lá esse imaginário?

Acho que sim, porque no fundo o meu imaginário é a própria vida. É a vida como ela é, como é sentida e vivida. No fundo acabam por ser músicas inspiradas em casos verídicos. É importante para o mundo que as pessoas tenham menos preconceitos em relação àquilo que querem e ao que sentem.

Naquela que foi uma das suas últimas entrevistas, o John Lee Hooker dizia que tocava blues não por ser uma pessoa triste e atormentada, mas porque isso o deixava sempre muito feliz. E tu?

Eu acho que o blues tem uma dualidade interessante. E concordo com o John Lee Hooker. Acho que mesmo quando se fazem blues tristes está-se de algum modo a exorcizar essa tristeza e a contribuir para que se fique feliz. Por outro lado não podemos esquecer a parte alegre do blues, a parte de dança do blues, de exorcizar o mal-estar pela dança e pela alegria. Esta dualidade é o que me leva realmente a fazer blues.

E o blues? Está morto?

Não. Em relação ao blues há vários projectos interessantes, como os Immortal Lee County Killers II, e os Soledad Brothers. Há os The Black Keys, que são realmente impressionantes. O blues tem a ver com a própria vida. Enquanto houver vida, há-de haver blues.

Entrevista integral em www.acabra.net

Alguns one-man band actuais

- Hasil Adkins -

Já por aí anda desde a década de 50, estado ainda remetido a um certo desconhecimento. Junta bombo, pratos de choque, harmónica e a guitarra e voz de Hasil Adkins, natural do estado da Virgínia (EUA). Há rockabilly, country e blues, mas sobretudo um sentido de humor e uma crueza responsáveis por temas como “No More Hot Dogs” ou “Big Fat Momma”.

- The Legendary Stardust Cowboy -

“The Ledge”, como é conhecido, nasceu em 1947 no Texas. É um one-man band que também toca harmónica e vive num mundo onde o rockabilly se alia à ficção científica, não se coibindo de completar as suas músicas com os sons mais guturais e bizarros que a sua voz produz. Lançou o primeiro disco apenas em 1984 (“Rock-It to Stardom”) a que se seguiu outro em 1986. Depois, o one-man band de “Ghostriders in The Sky” só se deixou ouvir em “Live In Chicago”, em 1998.

- Bob Log III -

Ninguém parece saber quem é Bob Log III (toca sempre de capacete com um microfone incorporado no interior). Editou em 2003 o seu terceiro álbum pela Fat Possum Records (“Log Bomb”) onde ao seu blues, quase demoníaco, adiciona a sua predilecção por “boob scoth”.

Vê-se...



Andrew Stanton e Lee Unkrich

“À procura de Nemo”

Com Alexander Gould, Albert Brooks e Ellen DeGeneres - 100 minutos, cor, M/6, Animação/Família

6/10

“O grande azul”

Era uma vez um peixe-palhaço chamado Marlin, cor-de-laranja, com três riscas brancas no dorso. Tal e qual como a sua companheira, de nome Coral. Ambos a vivem em liberdade no fundo-não-tão-fundo do mar, Marlin e Coral estão prestes a serem pais de centenas de peixinhos-palhaço, ainda no interior de glândulas embrionárias, escondidas num pequeno e secreto canto do mar. Até que um dia um peixe grande e mau surpreende o casal que, vulnerável, não consegue fugir a tempo de evitar a tragédia. Da qual apenas sobrevivem Marlin e uma só das centenas de glândulas. Marlin dá-lhe o nome de Nemo pois era essa a vontade da malograda mãe.

Assim começa a história de “Finding Nemo”, uma fábula animada sobre um pai super-protector perante um filho frágil que tenta libertar-se das apertadas malhas afectivas paternas que o circundam por todos os lados. Nemo vive sufocado pelo amor do pai. Nasceu com uma barbatana mais pequena do que a outra e tem dificuldades em nadar, pelo que o cuidado e a atenção de Marlin são ainda mais obsessivos, descobrindo perigos insondáveis mesmo onde eles não existem. Mas Nemo vai esforçar-se por provar ao pai que é tão capaz de ter uma vida normal como qualquer outro peixe, sem precisar de ajuda especial.

No primeiro dia de escola, Nemo junta-se aos seus colegas e respectivo professor para uma excursão. Marlin sente dificuldades em deixar o filho “sozinho” e antes da partida faz dezenas de recomendações, sobretudo para ter muito cuidado. No entanto, quando descobre que a excur-

são se destina ao fundo-mais-fundo do mar, não resiste a seguir no encalce do filho, preocupado com os imensos perigos daquela zona do oceano (“o grande azul”, como o apelidam os peixes de aquário). E surpreende Nemo prestes a aventurar-se em algo de “perigoso”. Revoltado com a protecção excessiva do pai, Nemo comete a ousadia de chegar-se perto do casco de um barco, de forma a provar que tem coragem. Mas enquanto está a nadar de volta para um lugar seguro, Nemo é surpreendido por um humano mergulhador que o captura com uma rede.

Inicia-se então uma verdadeira odisseia marítima por parte de Marlin em busca do filho pela imensidão do oceano azul. Nemo que é levado para um aquário, no consultório de um dentista, em Sydney, Austrália. Após diversas aventuras, passando por um trio de tubarões chafrados, milhares de alforrecas cor-de-rosa, cardumes sincronizados e outros, muitos outros, peixes, Marlin, sempre acompanhado por Dory, uma amiga amnésica de cor azul e riscas amarelas, consegue por fim apanhar a “Corrente Australiana de Este” que o leva directamente a Sydney, junto com um bando de tartarugas fixes. Onde vai procurar resgatar Nemo, prestes a ser oferecido pelo dentista à sobrinha, uma miúda com fama de abanar os peixes que lhe oferecem até à morte.

“Finding Nemo” é a mais recente criação da “Pixar Animation Studio” (responsável por “Monstros e Companhia”, entre outros) para a Disney. Um filme que está a obter um enorme sucesso mundial, com uma máquina de propaganda a condizer. Divertimento e puro deleite visual para os mais novos, mas não só. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Nemo, actor animado

Filme preferido de sempre - “A Pequena Sereia”

Actriz preferida - Ariel, a sereia de “A Pequena Sereia”

Actor preferido - Sebastian, o caranguejo de “A Pequena Sereia”

Um clássico - “Moby Dick”

Um filme de terror - “O Tubarão”, de Steven Spielberg

Uma imagem de fazer chorar - A libertação da orca Willy, em “Libertem Willy”

O pior filme de sempre - “Nicky, o filho do diabo”, sem dúvida alguma

Uma banda-sonora - “Sword-fishtrombones”, de Tom Waits

Navega-se...

Para maiores de dezoito

Sexualpositionsfree.com é um site recheado de ideias que podem dar uma lufada de ar fresco a todos cuja vida sexual caiu na rotina. São mais de 100 posições, todas ilustradas com fotografias, a maioria de má qualidade mas todas bastante exemplificativas. Desengane-se, contudo, quem espera ver modelos de carne e osso, muscudos ou inflados de silicone. Sexualpositionsfree.com usa apenas modelos de madeira articulados, daqueles que os alunos de belas-artes e desenho usam para estudar a anatomia humana.

O site está dividido em categorias e em cada uma delas são dados vários exemplos. O design, apesar de funcional, é demasiado simples, pouco cuidado e já ultrapassado. Em suma, não tem a qualidade e o pormenor de um Kama Sutra, mas não deixa de ser um ponto de referência. <http://www.sexualpositionsfree.com>

Uma outra experiência na net II

EYE4U active media é uma empresa de webdesign e criação de conteúdos multimédia. Mas, a menos que se tenha um orçamento como o da Warner Brothers (um dos clientes que figuram no portefólio da EYE4U), nem vale a pena pensar em recorrer ao serviço destes profissionais alemães. O site, contudo, merece bem uma visita de quem quer ter uma experiência diferente de navegação na internet.

Construído inteiramente em flash, eye4u.com tem uma boa introdução animada e a transição entre as secções remete para o imaginário das viagens espaço-temporais. Muito original e um deleite para os olhos. A visualização é acompanhada por uma música ritmada que se integra bem no todo. Peca apenas por se tornar irritante ao fim de alguns minutos e por, - é este talvez o único defeito de eye4u.com - não ser possível desligá-la. <http://www.eye4u.com>

Characters
Top Positions
On Top Sex
penetrating
a Sex
Kneel
Positions
Positions
witty
d
on Board
in Stuff
Bed
Person
Positions - Wild!
Send to
positionsFree.com
Survey
Asked Questions (NEW)
Back to Menu

Sexual Positions Free.com

Sexo

“Sexual Positions free”

www.sexualpositions-free.com

Uma outra experiência na net II

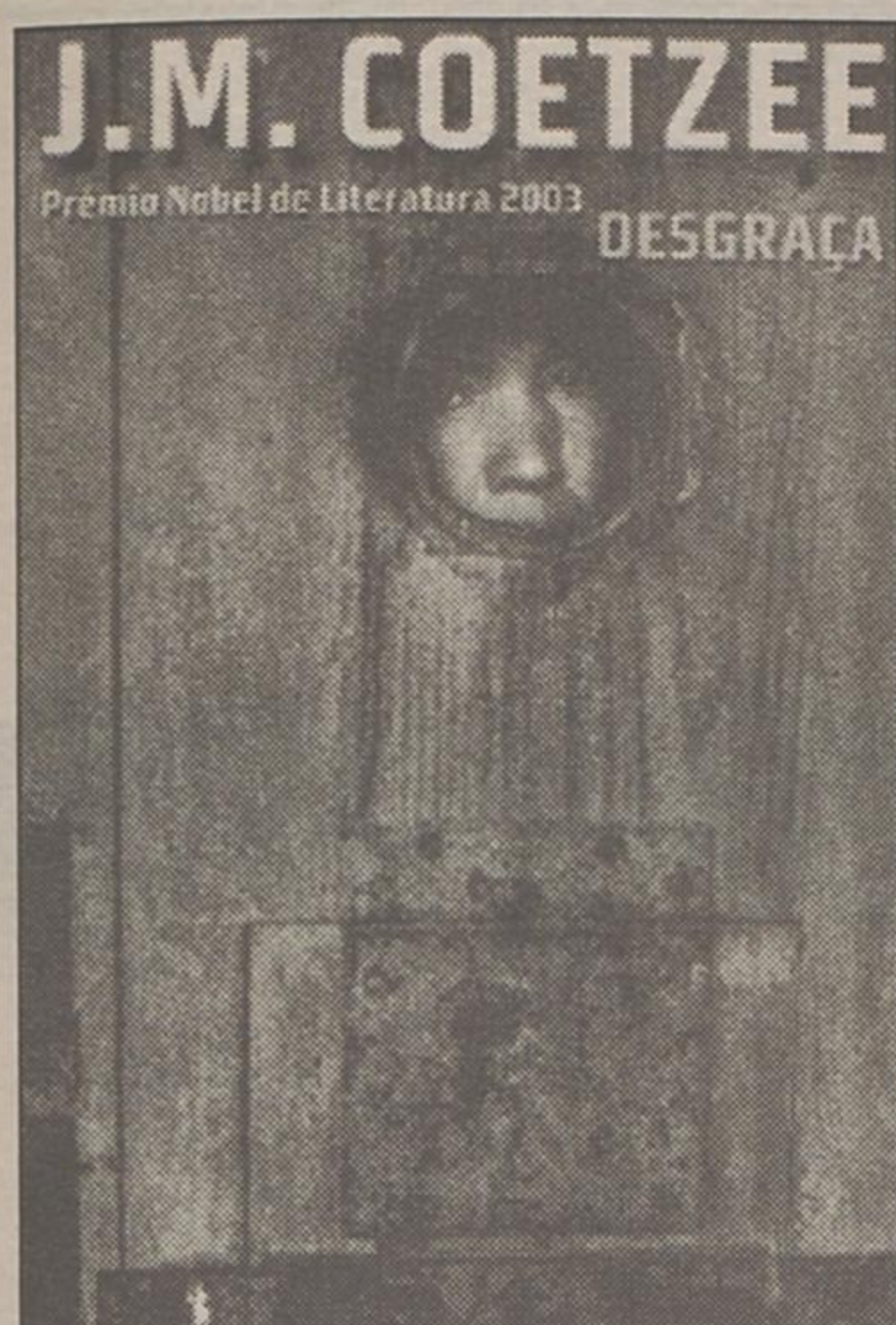
Há sites que simplesmente dão uma nova perspectiva daquilo que a web pode ser. FlashTV! é um deles. Em iwantmyflashtv.com é possível ver dezenas de filmes de animação, alguns dos quais premiados com galardões de festivais ou concursos. Os trabalhos dividem-se em categorias que vão do romance ao thriller, passando pela ficção científica, a comédia ou mesmo clips de músicas.

O projecto foi fundado há três anos em S. Francisco e desde então tem funcionado nos moldes do sistema de “comunidade”, tão apreciado pelos amantes da internet. No site, qualquer um pode registar-se a fazer o “upload” de filmes.

O design é muito “hi-tech”, mas sóbrio o suficiente para não distrair o visitante daquilo que estiver a ver. Paragem obrigatória para todos os que apreciarem o género e tiverem uma ligação de banda larga. <http://www.iwantmyflashtv.com/>

João Pereira

Lê-se...



J. M. Coetzee

“Desgraça”

Publicações Dom Quixote, 2003, 2ª edição.

10/10

A propósito do espírito natalício

Com sessenta e três anos, Coetzee é o Prémio Nobel deste ano. O livro desta quinzena foi Booker Prize em 1999 e revela-se um dos seus romances mais cru e pungente.

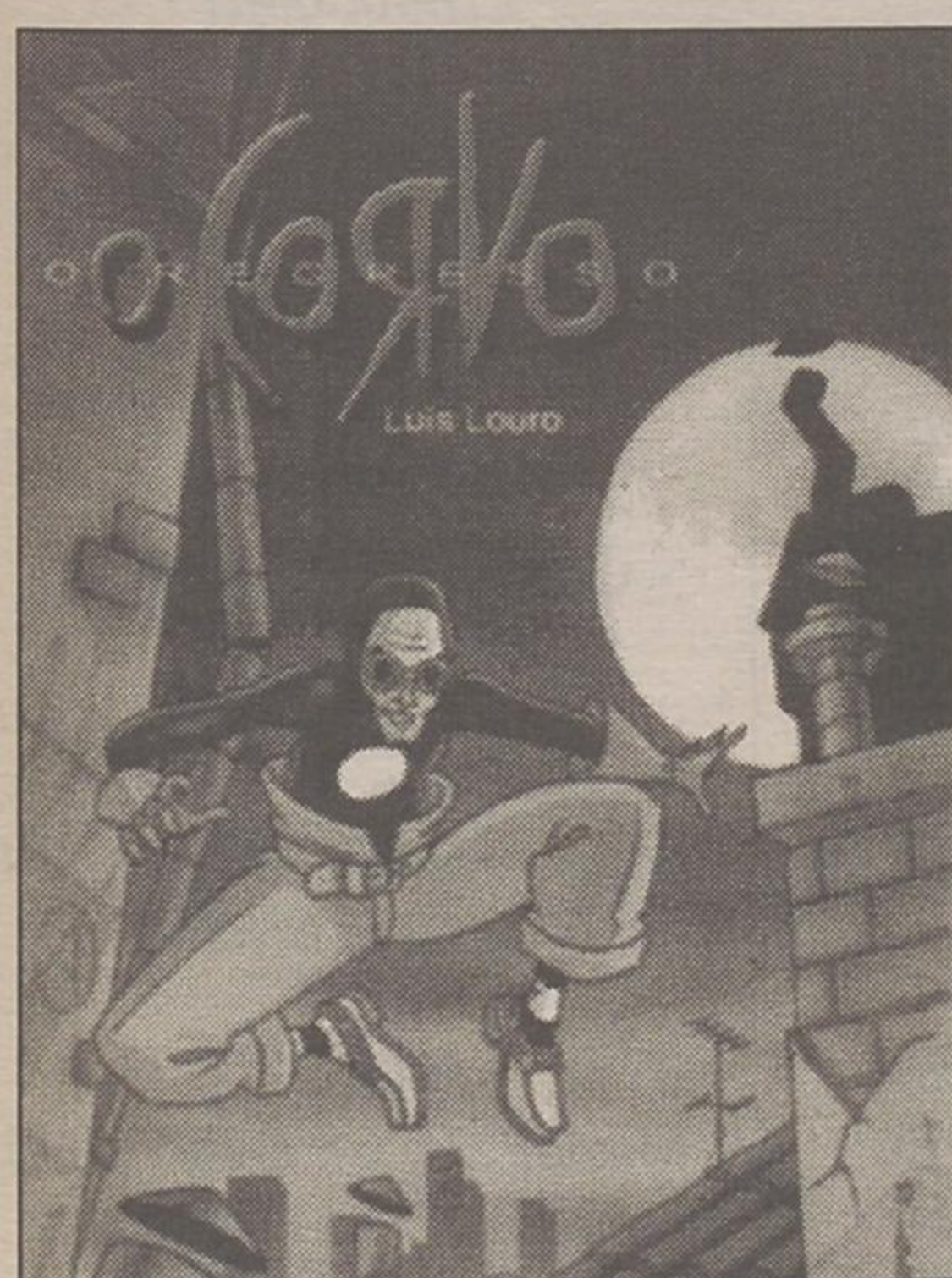
A personagem central, com analogias à existência do próprio autor - um professor de Literatura na Cidade do Cabo -, Lurie, é um homem na casa dos cinquenta que recusa envelhecer segundo os padrões politicamente correctos. Numa sociedade em contexto de pós-apartheid - que vai além da situação vivida na África do Sul -, em que grassa a violência e a ausência da poesia, Lurie vive na corda periclitante sobre o abismo da existência entre as quintas-feiras à tarde, em que se entrega aos cuidados de uma prostituta, e a conquista inglória de ser “professor-sem-vocação” de literatura. Mas um dia, a paz serena do corpo que o acolhe ao entardecer uma vez por semana - prazer esse que lhe basta para controlar o ímpeto da paixão (passio) - transmuta-se numa mulher com quotidiano semanal e vê-se obrigado a procurar novo porto-de-abrigo. Esse refúgio será uma sua aluna, mas depressa a situação escusa-se à privacidade de ambos e Lurie é um professor demitido e humilhado. Lurie assume a culpa, furtando-se à confissão e muito menos ao arrependimento, aceitando as consequências do seu acto. Tudo começa aqui: num desejo saciado e descoberto, exposto.

Só, procura abrigo noutra mulher: a sua filha Lucy, que vive no e do campo, sob o pretexto de descansar e iniciar um projecto para uma ópera a partir da história de Lord Byron e Teresa. Depressa, porém, o seu desiderato é suspenso e vê-se emaranhado num quotidiano que não escolheu. Depois de um assalto e violação da sua filha, por três homens que são apenas meios de um ajuste de contas histórico entre brancos e pretos, Lurie, impotente para salvar a filha de si própria, sentindo-se envelhecer e vazio como uma carcaça de mosca numa teia de aranha, foge atrás de si mesmo, numa ânsia que o empurra para a sua ópera, o seu último reduto, que, lentamente, surge como tragicomédia. Lurie, o não crente em Deus, aceita a sua desgraça, adapta-se a ela, sobrevive nela/dela. Lurie continua no fio da existência, entre o prazer imediato do corpo e a vida que a vida lhe deu, como os cães a que assiste na morte: à espera de chegar a sua vez. “Só na morte o homem é feliz”, parece dizer com Édipo.

“Desgraça” é um romance acutilante e inteligente, numa escrita concisa quase sem lágrimas ou risos, que nos diz da violência: violência entre homens, violência entre homens e mulheres, violência entre gerações, violência entre raças e culturas, violência entre humanos e animais, violência entre os bastidores e o palco da existência, entre a vida e a poesia. Da violência de sermos com os outros. Da incompreensão.

Um feliz Natal... **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Luís Louro

“O regresso do Corvo”

Edições Asa, 2003.

6/10

Regresso às origens

O álbum “O regresso do Corvo”, lançado durante o Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, assinala o retorno de Luís Louro ao super-herói lisboeta o Corvo, marcando assim os dez anos de existência da personagem.

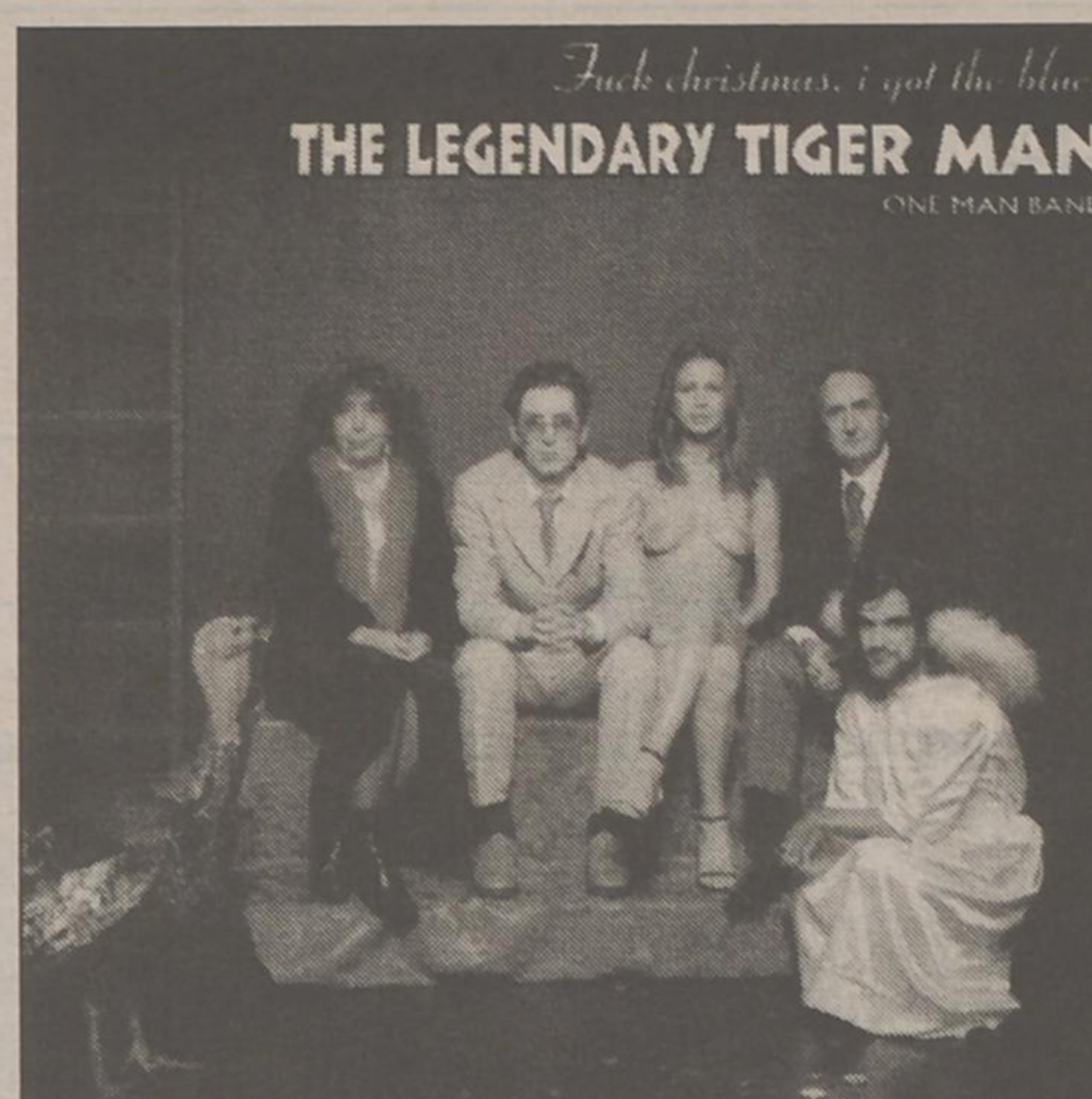
Vicente, trinta anos, morador do Bairro da Alfama em Lisboa e carteiro de profissão é, durante a noite, um super-herói que patrulha o bairro (ainda que, utopicamente, tente patrulhar a cidade inteira) e que tenta ultrapassar a sua timidez natural imaginando-se um herói que salva os outros, quando na verdade nem a si mesmo se consegue salvar das diferentes situações com que se depara.

Luís Louro, um dos autores portugueses com mais livros editados no mercado nacional e que conta já com uma certa reputação, teve a seu cargo

tanto a arte como o argumento da obra, terminando assim uma fase de colaborações em que apenas ilustrou argumentos de outros autores. No entanto, é na parte gráfica que o autor se sente mais à vontade. É reconfortante sentir o gosto do autor pelo trabalho da cor, do tratamento dos cenários que apresentam os edifícios em perspectivas deformadas, ou do tratamento singular da vegetação e das nuvens. O livro peca pelo argumento muito “sui generis”, pela descontinuidade narrativa e pelos fracos diálogos entre os personagens, curtos e muitas vezes demasiado óbvios.

A obra presenteia ainda o leitor com um texto de Vitor Quelhas, intitulado “Era uma Vez um Corvo”, e com uma entrevista a Luís Louro, ilustrada com os esboços iniciais feitos para estudo das personagens e cenários. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Legendary Tiger Man

“Fuck Christmas, I got the Blues”

Subotnick Enterprises, 2003.

Teach me tiger...

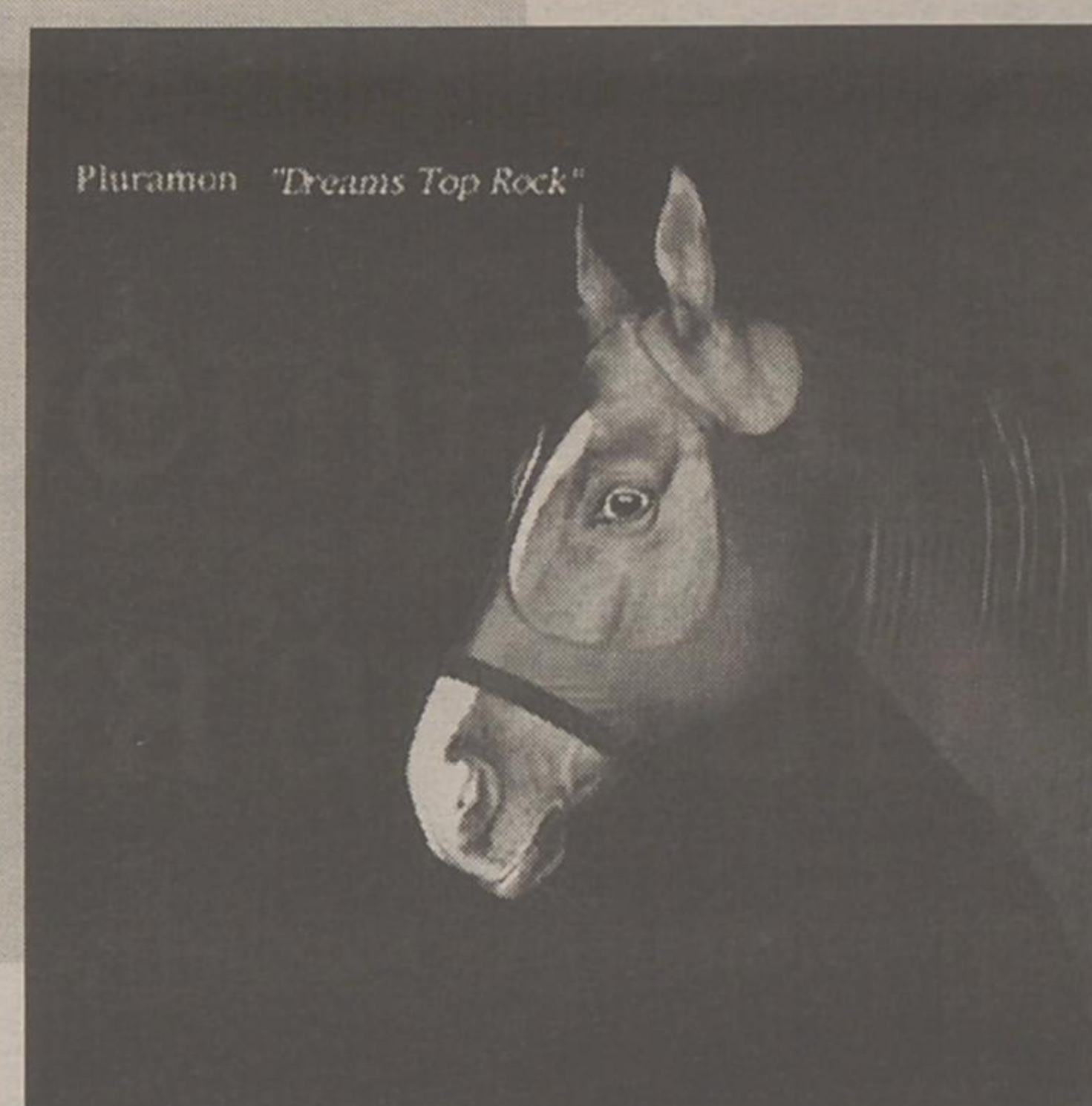
Influenciados pelo Europeu de Futebol que aí vem, “Cold Blood” e o tema título (“Fuck Christmas, I got The Blues”) espalham aos sete ventos a mensagem mais que óbvia; este disco está para a fase final da Champions League como “Naked Blues” estava para um possível lugar de promoção na Liga de Honra. Paulo Furtado está num momento de inspiração absolutamente irresistível. O ritmo de “Big Black Boat” ou “Murder Me” coabitam com a melancolia de “Love Train”. Só este último dava pano para mangas e podíamos estar aqui duas ou três horas a bajular o génio criativo que nos mostra um blues tão sentido e profundo.

“Love Train” é a prova de que Paulo Furtado para além de intérprete irrepreensível está deslocado no tempo e no espaço. Só assim consegue andar às voltas num climax constante que muitos bluesmen gostavam de poder beliscar.

Branco por fora, negro por dentro, o lendário homem até pode ter qualquer coisa de tigre, mas respira blues, soul e gospel por todo o lado, canta como quem atravessou dias de sol a sol em trabalhos forçados, como quem entrou nos mesmos bares que alguns dos maiores rufias e, claro, acabou por conhecer (e bem) algumas das mulheres mais desejadas. De todas essas histórias, vale a pena escolher uma mão cheia e lançá-las às margens bem férteis do Mississippi.

Cada vez faz mais sentido repescar a designada “grande música negra”, três palavras apenas que nunca se identificaram tanto com um disco feito em Portugal.

Hoje e na próxima terça-feira, quem comprar o jornal Blitz, só tem que dar mais sete euros (sim, sete!) e fica com um dos melhores lançamentos nacionais de 2003 que, atrevo-me a apostar, vai conquistar, pelo menos, a Europa. **Hugo Ferreira**



Pluramon

“Dreams Top Rock”

Karaoke Kalk, 2003.

9/10

Barulhinho Pop

Do título, entre o rock e os sonhos, vencem os sonhos - é a parte que melhor caracteriza o disco. Sonhos difusos, que deixam memórias tremidas e inebriam os sentidos...

Pluramon é um dos vários heterónimos de Marcus Schmickler. Outros são Wabi Sabi, Corvette ou Sator Rotas - diferentes personalidades para a multifacetada actividade criativa de um alemão oriundo da cidade de Colónia. Tal como o português Rafael Toral, membro de uma nova geração de improvisadores europeus, foi um dos poucos escolhidos por Keith Rowe para integrar a renovada formação do colectivo Mimeo.

Enquanto Pluramon, este é o seu terceiro álbum de originais. Começou em 1996 com Pickup Canyon e em 1998 lançou “Render Bandits”. Depois disso, e até à presente data, apenas um álbum de remisturas, “Bit Sand Riders”.

O novo registo é um dos discos do ano, cheio de distorções gordas e aveludadas, feedbacks melódicos, orquestrações, teclados, sons esfacelados, noise, loops e guitarras. Muitas guitarras, criteriosamente empilhadas. Em partes iguais My Bloody Valentine, Cocteau Twins e Christian Fennesz.

Enterrada no nevoeiro de guitarras desfocadas surge a voz de Julee Cruise (a mesma de Twin Peaks). Uma voz sussurrada que se estende no tempo e ajuda a preencher o espaço, já de si denso e profundo. A acompanhá-la, também como convidados, podemos encontrar Kevin Drumm, Felix Kubin ou o próprio Keith Rowe.

Os temas são todos profundamente melódicos e pop, quer no conteúdo quer na duração. Um dos mais fortes, “Time for a Lie”, tem direito a duas versões. “Difference Machine” encontra como protagonista uma Ursula Rucker virtual, feita de zeros e uns, sincopada, a contrastar com um ambiente instrumental mais meloso e arrastado. “Hello Shadow” é do mais mexido que há, puro rock. “Flageolea” é uma melodia solarenga e jazzy, com sopros, bateria tocada com escovas e a voz inocente de Julee Cruise, de quem esperamos ouvir apenas palavras-guloseimas mas, que nos deixa votados ao abandono apenas com a frase “I’m not gonna stay”. E o seu eco. Seis vezes. **Rodrigo Paulino**

22 AGENDA

Em palco...

O olhar
de
Flora

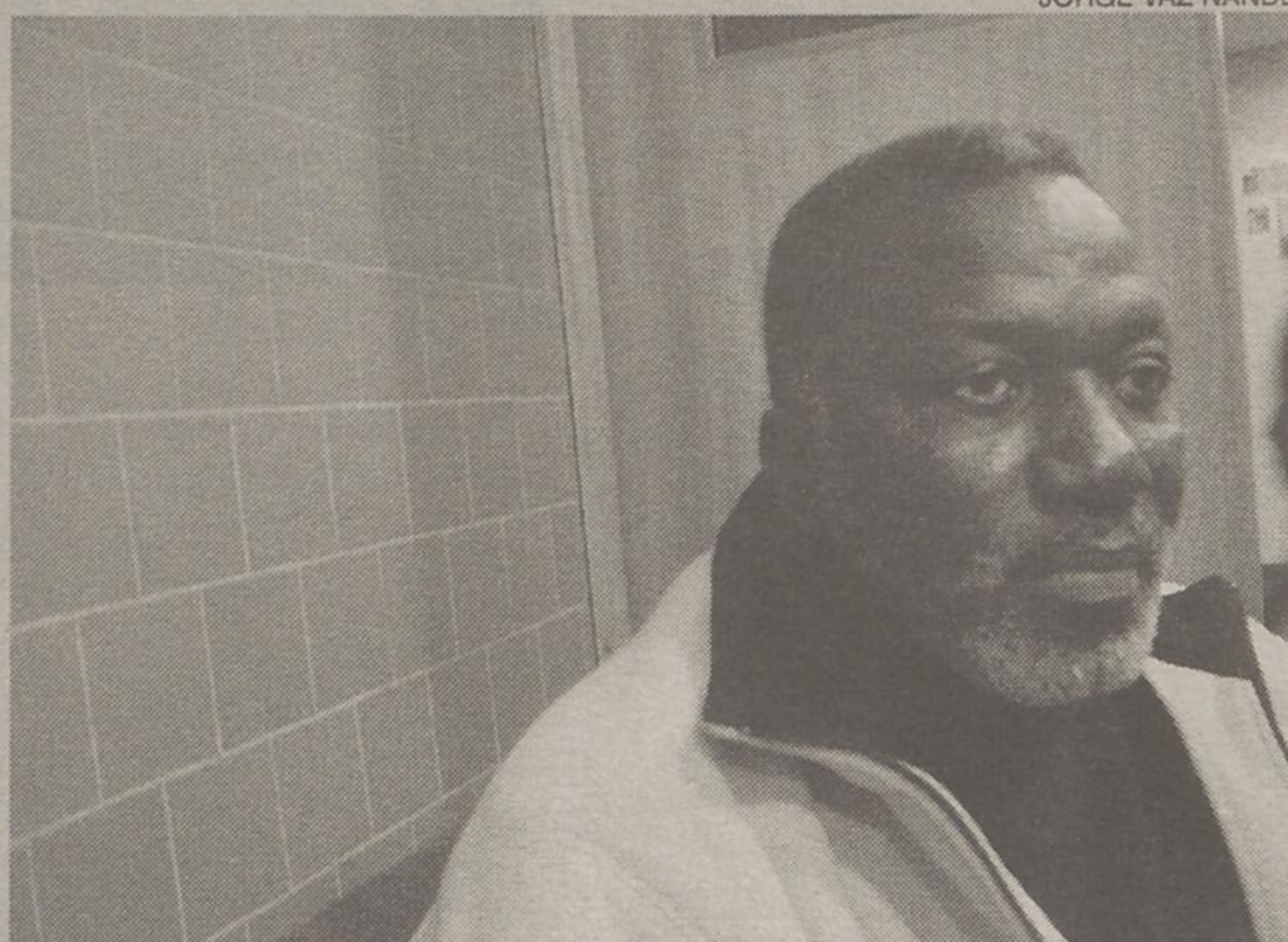
"Ciclo Flora Gomes"
Integrado na "VI Estação
da Cena Lusófona
TAGV
De 10 a 15 de Dezembro

(Entrevista com Flora Go-
mes em www.acabra.net)

Durante 11 dias, uma amos-
tra do que de melhor se faz a
nível cultural no universo da
lusofonia (independentemente
da controvérsia à volta da va-
lidade do conceito) passou por
vários palcos de Coimbra. Os
filmes do guineense Flora Go-
mes ocuparam a parte cinema-
tográfica do evento.

Falar de Flora Gomes é fa-
lar da espinha dorsal do cine-
ma da Guiné-Bissau. Foi ele
que, em 1988, realizou a pri-
meira produção do país,
"Mortu Nega". Desde então,
tornou-se o realizador de um
PALOP a ganhar maior visibi-
lidade no exterior. A sua obra
é coesa, sendo a temática po-
lítica uma constante - em en-
trevista a ACABRA.NET, o
realizador revelou uma espe-
cial sensibilidade em relação
ao futuro do seu país e de
África em geral.

Flora Gomes fala da guerra,
mas não dos seus "fantas-
mas", ou seja, não envereda
pela via psicologizante, prefe-
rindo contar histórias em que



JORGE VAZ NANDE

"Ciclo Flora Gomes" apresentou a obra integral do cineasta

o símbolo e a representação
servem uma visão essencia-
lmente social do conflito e das
suas soluções. Ele não se limi-
ta a retratar a construção da
independência: os seus filmes
fazem parte dela e fazem
questão de fazer, ou seja, são
elementos representativos e
basilares numa tentativa de
criação de uma linha de conti-
nuidade, de criação de uma

cultura nacional.

Para além da heterogênea
obra do realizador (do filme
de guerra - "Mortu Nega" - à
comédia musical - "Nha Fala"
-, da cidade de "Udjo Azul di
Yonta" ao campo de "Po di
Sangui"), ainda se pôde ver
"Flora Gomes - Identificação
de um País", documentário de
Maria João Rocha sobre o au-
tor. **Jorge Vaz Nande**

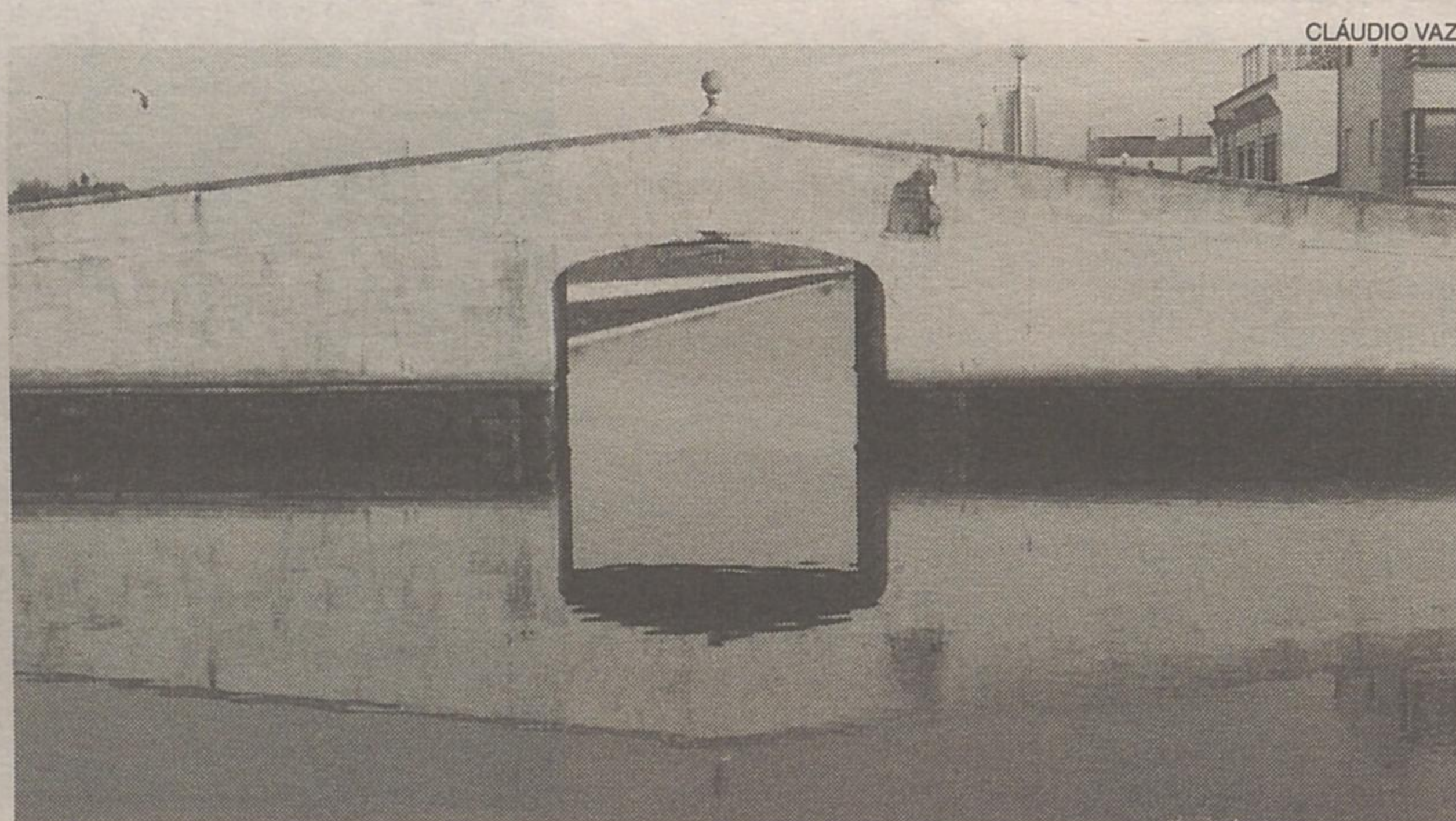
Outros rumos...

Aveiro

Olhares
da ria

Desde as salinas e os marnotos,
passando pelos moliceiros e acaban-
do nas gafanhas, a ria de Aveiro é o
berço daquilo que mais caracteriza a
cidade

Parece que o mar é ali mesmo. Olhan-
do ao longe vemos uma imensa massa
de água e pensamos que é o oceano.
Mas não, é apenas o início da ria vista
de Aveiro. Seja como for, estão separa-
dos por alguns quilómetros. É esta pre-
sença onipotente da ria que dá forma
à cidade, interligando o meio aquático
com o meio urbano através dos canais,
espécie de braços da ria. Barcos, casas e
pessoas reflectem-se nas suas águas. É
a oportunidade de ver a vida a passar
diante dos nossos olhos. Seria o Big
Brother, os canais onde se poderia ver a
Verdadeira vida real. E como ela é tão
verdadeira. Moliceiros atracados pinta-
dos de cores vivas, motivos do quodia-



CLÁUDIO VAZ

A ponte que antecede as pirâmides brancas das salinas do Verão

no escritos nas suas proas, mais activos
no passado quando tinham a função de
levar o molicho (espécie de alga), para
servir de adubo às terras para lavar. As
várias salinas que se espriam à frente
da cidade, têm hoje pouco movimento,
já que o tempo da recolha de sal se faz
no Verão. E não é por acaso que são mu-
seus vivos de uma actividade em vias de
extinção, realizada pelos marnotos, já
que existe o Ecomuseu da Troncalhada
onde é possível acompanhar as indica-
ções e o vocabulário específico desta

actividade através de placas informati-
vas.

E ainda há as praias, entre as quais a
Costa Nova, onde saltam à vista as cas-
inhas coloridas pintadas em listas verti-
cais. Tudo isto numa viagem em que na-
da foi programado e tudo foi
encontrado à mão de semear.

É uma região com muitas histórias tí-
picas, que, como diz o senhor Armando
Aires durante um passeio de carro, não
esconde a sua identidade e a preserva
com orgulho. **José Manuel Camacho**

A não perder...

Teatro

- **Estabelecimento
Prisional de Coimbra** -
Só entra se vier às fatias
*De Andrzej Kowalski, de
amanhã a sábado*

- **Museu dos Transportes** -
O Relato de Alabad
*Teatro Meridional,
Sexta-feira*

- **TAGV** -
Projecto Cantiga Já
*Teatro de Braga/Centro
Dramático da Galiza, dias
29 e 30*

Música

- **Galerias de
S. Francisco** -
Noites de Jazz
*Sexta-feira, sábado e dias
26 e 27*

- **Igreja de S. Salvador** -
Orquestra de Câmara de
Coimbra
Quinta-feira

Exposições

- **Convento de
S. Francisco** -
Um passeio através do
Tempo
Até quinta-feira
Os bichos que andam por aí
Até quinta-feira
ADN. Os Genes e a
Alimentação
Até quinta-feira
Atípico - Objectos
contemporâneos
Até domingo

- **Museu Nacional
Machado de Castro** -
Coimbra fora d'Horas
Até domingo
Cavalos de papel e
encantos de pessegueiro
Até dia 28
Na Dobra da Manga
Até dia 28

- **Instituto Pedro Nunes** -
Materialmente
Até dia 31

- **Museu Nacional da
Ciência e da Técnica** -
João Mendes Ribeiro -
Arquitectura e Cenografia
De quinta a 17 de Janeiro

- **Fundação Bissaya
Barreto** -
Exposição de António
Caetano
Até dia 31

- **Museu da Física da UC** -
No museu... ordem para
experimentar
Até dia 31
Lançamento do livro -
"Litologias"
Dia 30

Literatura

- **Convento de
S. Francisco** -
Lançamento do livro subor-
dinado ao tema- "Vale a
pena ser cientista"
Dia 29

Cinema

- **Cinemas Millenium
Avenida** -
Cine-Teatro
À procura de Nemo
*De Andrew Stanton e Lee
Unkrich*
*Todos os dias - 13h40,
15h45, 17h50, 19h55, 22h*

Estúdio 1
Era uma vez no México
De Robert Rodriguez
*Todos os dias - 13h20,
15h25, 17h30, 19h35,
21h45*

Estúdio 2
Looney Toons: De novo em
acção
De Joe Dante
*Hoje - 13h30, 15h35,
21h40, 00h15*

Sessão Especial
O Senhor dos Anéis - O
Regresso do Rei
De Peter Jackson
Hoje - 24h05

- **Cinemas Girassolum** -
Sala 1
O amor acontece
De Richard Curtis
*Todos os dias - 14h, 16h30,
19h15, 21h45*

Sala 2
Master & Commander - O
lado longínquo do mundo
De Peter Weir
*Todos os dias - 13h45,
16h20, 19h, 21h30*

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça **Chefe de Redacção/Director A CABRA.net** João Pereira **Editor de Fotografia** Jonas Batista **Editor de Academia e Universidade** Tiago Azevedo **Editor de Cidade, Nacional e Internacional** Mário Guerreiro **Editora de Ciência** Lurdes Lagarto **Editor de Desporto** João Cortesão **Editor de Cultura** João Vasco **Editores A CABRA.net** Emanuel Graça, Liliana Guimarães, Maria João Lopes, Rita Delille, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira **Secretária de Redacção** Liliana Guimarães **Secretária de Redacção A CABRA.net** Margarida Matos **Paginação** Emanuel Graça **Redacção** Ana Maria Oliveira, André Jegundo, Bruno Fernandes, Bruno Vicente, Carina Valério, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carlos Portela, Cláudia Rodrigues, Cristina Bastos, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Inês Saraiva, Joana Fialho, Joana Moreira, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luís Miguel Silva, Manuel Eduardo, Marco Pereira, Marília Frias, Marilyne Alves, Marta Poiares, Nuno Curado, Nuno Felício, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Santos, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Pimentel **Colaboradores** Ana Martins, Ana Teresa, Andreia Ferreira, Ângela Loureiro, António Leitão, Arlete Morais, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Catarina Santos, Cláudia Martins, David Jacob, Helena Fagundes, Hélder João Pinto, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Isidro Fagundes, Laura Cazaban, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marisa Ferreira, Nádia Albasini, Nuno Braga, Nuno Paiva, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Martinho, Patrícia Ramos, Ricardo Duarte, Rita Faria, Rita Gouveia, Rosa Ramos, Sandra Pereira, Sara Peres **Fotografia** Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniela Pereira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, José Sousa, Marilyne Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Susana Ventura **Publicidade** Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 4000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

**Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554**

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

VINTE&TRÊS 23

A força de um Tino

Tino de Rans prepara o seu regresso à vida política, após algum tempo de interregno.

Numa reunião do Grupo de Tinos de Portugal, em Viana do Castelo, Tino de Rans, violando um dos princípios sagrados do Grupo (onde se come, bebe, canta e dança, e se fala de tudo menos de futebol, religião e política), revelou que está a preparar um movimento concorrente às próximas eleições legislativas. "O nosso quadradinho nos boletins de voto será do mesmo tamanho do dos outros partidos", garantiu.

Consciente que poderá ser sancionado disciplinarmente pelo grupo que lidera, Tino adiantou que o movimento que encabeçará vai ter como nome "Força, Tino", tendo já inclusivamente um logotipo próprio.

Vitorino Silva, o calceteiro também tratado por Tino de Rans, tornou-se conhecido num congresso do PS, por ter abraçado efusivamente António Guterres, líder do partido à data. Tendo exercido o cargo de presidente da Junta de Freguesia de Rans, no concelho de Penafiel, durante oito anos, o seu afastamento dos socialistas deve-se ao facto do partido ser actualmente "um partido de doutores e intelectuais". Por outro lado, Tino afirma ainda não se rever na actual liderança.

O regresso do rei

O realizador da saga "O Senhor dos Anéis", Peter Jackson, viu recompensados os vários anos que dedicou a este projecto com as críticas favoráveis e o sucesso a nível financeiro. Os dois primeiros filmes ganharam seis óscares, ainda que em categorias menores, juntando-se-lhe uma receita de bilheteira próxima de 1,8 mil milhões de dólares (aproximadamente o mesmo em euros). De "O Regresso do Rei", filme que encerra esta trilogia, com estreia marcada para amanhã, é esperada uma performance semelhante.

As estrelas que fazem parte do elenco foi pedida uma grande dedicação. Os actores Sean Astin, Viggo Mortensen, Orlando Bloom e Sean Bean tiveram lições intensivas de equitação e esgrima, de modo a ficarem na sua melhor forma física para enfrentarem os 274 dias de filmagens. Houve ainda lições de élfico, língua especialmente

criada para a trilogia. Esta atenção ao detalhe, assim como as sumptuosas localizações no coração da Nova Zelândia, terra natal de Jackson, fazem as delícias dos críticos.

Fá-lo-á, no entanto, sem a maléfica presença do feiticeiro Saruman, interpretado por Christopher Lee. No último episódio da trilogia, todas as suas cenas foram cortadas, sem qualquer tipo de explicação. O próprio actor diz ter tomado conhecimento desta situação via Internet.

No que respeita a efeitos especiais, Peter Jackson excedeu os limites. A maior batalha conta com a presença de mais de 200 mil guerreiros gerados digitalmente.

O que Jackson e a legião de fãs de "O Senhor dos Anéis" esperam é que a conclusão da sua obra seja finalmente agraciada com os óscares mais importantes, que lhe têm fugido até agora.

D.R.



O último episódio da trilogia pretende arrebatat os óscares mais importantes

Quatrocentos anos de celebrações

Há muito que Dezembro é altura de celebrações. Na Grécia antiga e na Europa de hoje assinala-se o solstício de Inverno – o renascimento do sol – e os Romanos festejavam a *Saturnalia*, em honra o deus da agricultura. A partir do séc. IV, o Papa *Julius I* assinalou o dia 25 como o nascimento de Cristo.

Troca de prendas: tradição que remonta à *Saturnalia* romana

Tomte: na Escandinávia, um gnomo chamado *Jultomten* dá presentes num trenó conduzido por cabras

Baboushka: peregrina russa que deu informações erradas a um sábio que procurava Jesus. E dá presentes no dia de *Reis*, a 6 de Janeiro.

Em Itália quem dá os presentes é *La Befana*, uma mulher similar à Baboushka

Pinheiro: Para os Druidas do Norte da Europa e os Vikings, era o símbolo da vida eterna.

As *Árvores de Natal* eram comuns na Roma pagã – a tradição moderna começou na Alemanha no século XV

S. Nicolau: Nasceu em 280 DC perto de Myra, na actual Turquia. Era muito admirado pela sua piedade e bondade, ajudando os pobres e os doentes. É o patrono das crianças e marinheiros

Dia de Reis: 12 dias após o Natal, celebram-se *As Janeiras*. De acordo com a lenda, os Reis Magos seguiram uma estrela brilhante até Belém para dar ao Deus menino ouro, mirra e incenso. É neste dia que a *Igreja Cristã Ocidental* e o *mundo hispânico* festejam a natividade – dia 6 de Janeiro

Pai Natal: os colonizadores holandeses apresentaram o S. Nicolau à América como *Sinter Klaas*, que mais tarde se tornou Santa Claus. Também conhecido como Père Noël, Papai Noel, Weihnachtsmann ou Nikolaus

© GRAPHIC NEWS

Cronista d'A CABRA premiado

O júri do "II Concurso Europeu de Argumentos para Curtas Metragens" atribuiu a Jorge Vaz Nande um dos prémios de melhor argumento

O concurso promovido pelo grupo de entusiastas do cinema Nisi Masa contou com participantes de 14 países do continente europeu. Aos concorrentes foi pedido que escrevessem um argumento para uma curta metragem de 12 minutos no máximo. O tema escolhido foi "Fronteiras" e de todas as participações foram escolhidos dois guiões por país. No passado dia 9 foram divulgados os três argumentos vencedores. Ao lado de um búlgaro e de um inglês, Jorge Vaz Nande trouxe o prémio também para Portugal: 4000 euros que serão utilizados na produção do filme subjacente ao argumento, tal como estipulado no regulamento do concurso.

Jorge Vaz Nande, recém licenciado em Direito, recebeu alguma formação em guionismo, escrita para teatro, artes de palco e fotografia, nomeadamente em workshops. No entanto, refere que "tinha a prática da formação, mas nunca tinha tido a motivação" para escrever um guião. Já conhecia o concurso desde o ano passado, mas não concorreu: "Não me apeteceu e deixei passar!". No entanto, o bichinho estava lá. O tema da edição deste ano deu-lhe a motivação.

"Pequeno Mundo" foi o argumento que começou a escrever no início do verão. Entre estudar para os exames, ser júri dos "Caminhos do Cinema Português" e editor de fotografia e cronista do jornal universitário A CABRA (Jorge Vaz Nande era o homem por detrás da

"Estrada Curva"), foi esboçando o argumento vencedor.

A escrita do argumento esteve parada durante cerca de um mês enquanto o autor se passeava pela Europa em inter-rail. A experiência da viagem, "a primeira vez que se usa um passaporte, que se pode não transpor a fronteira teve a sua marca no argumento". Os últimos retoques do guião foram feitos a meias com o estudo para o último exame: "À medida que ia estudando ia escrevendo, como um passatempo".

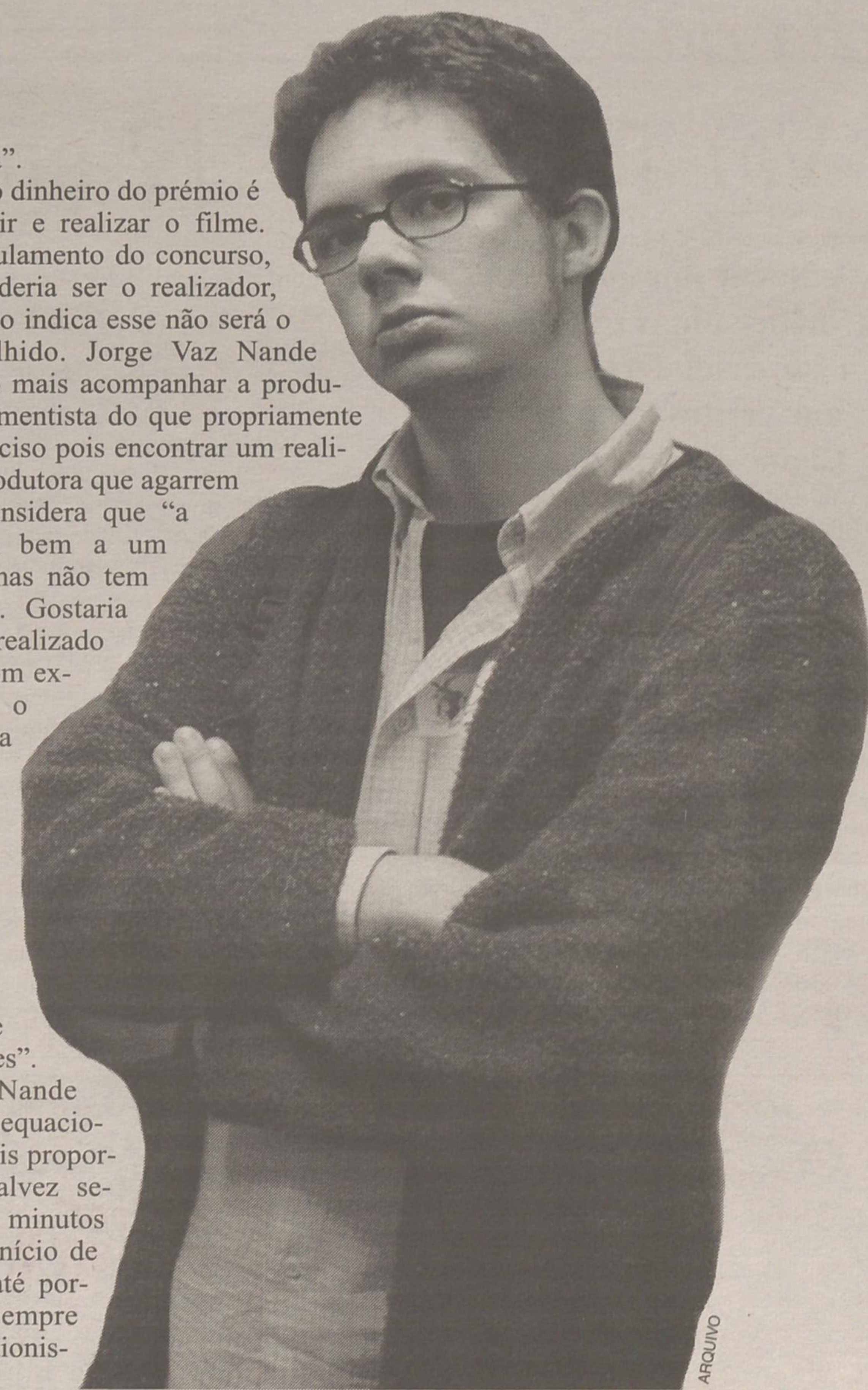
De entre fronteiras físicas ou invisíveis, entre pessoas ou países, Jorge Vaz Nande escolheu as que lhe são mais próximas. Nasceu e viveu, até vir para Coimbra estudar, a "200 metros de uma fronteira física", um rio que separa o Minho de Espanha. O que levanta a questão: "O que faz com que uma pessoa diga: 'aquele espaço é teu, este espaço é meu'?" Então, tentou aplicar à ideia de fronteiras aquilo que mais interessa às pessoas: "As histórias humanas, o pequeno". Desta maneira, o argumento é simples e gira em torno de apenas quatro personagens, numa vila alentejana. Personagens facilmente identificáveis por qualquer pessoa: o padre, o chefe da polícia, o presidente da câmara e o doido. "Os 12 minutos da curta metragem podem ser reais", aponta ao referir-se à simplicidade da história. O doido chega ao centro da vila, desenha um quadrado que diz ser o seu país. E a partir daqui desenrola-se a história, "o presidente da câmara fica muito incomodado, o chefe de polícia vai lá tentar tirar o doido e o padre está sempre lá"...

Ter ganho a selecção nacional já tinha deixado contente o jovem guionista, porque, como o próprio refere, "a ideia era escrever o argumento, praticar. Era giro se ganhasse na selecção nacional, mas nunca pensei vir a ganhar na se-

lecção europeia".

Agora, com o dinheiro do prémio é preciso produzir e realizar o filme. Segundo o regulamento do concurso, o vencedor poderia ser o realizador, mas ao que tudo indica esse não será o caminho escolhido. Jorge Vaz Nande "preferia muito mais acompanhar a produção como argumentista do que propriamente realizar". É preciso pois encontrar um realizador e uma produtora que agarrem este guião. Considera que "a história ficaria bem a um Edgar Pêra", mas não tem essa pretensão. Gostaria de ver o filme realizado por "alguém com experiência, que o fizesse de uma maneira profissional e rápida". Há uma coisa da qual o argumentista faz questão: "ter no filme actores de Coimbra, de grupos amadores".

Jorge Vaz Nande não consegue "equacionar todas as reais proporções disto". Talvez sejam os seus 12 minutos de fama ou o início de uma carreira, até porque afirma "sempre quis ir para guionista", afirma.



ARQUIVO



imagetica

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

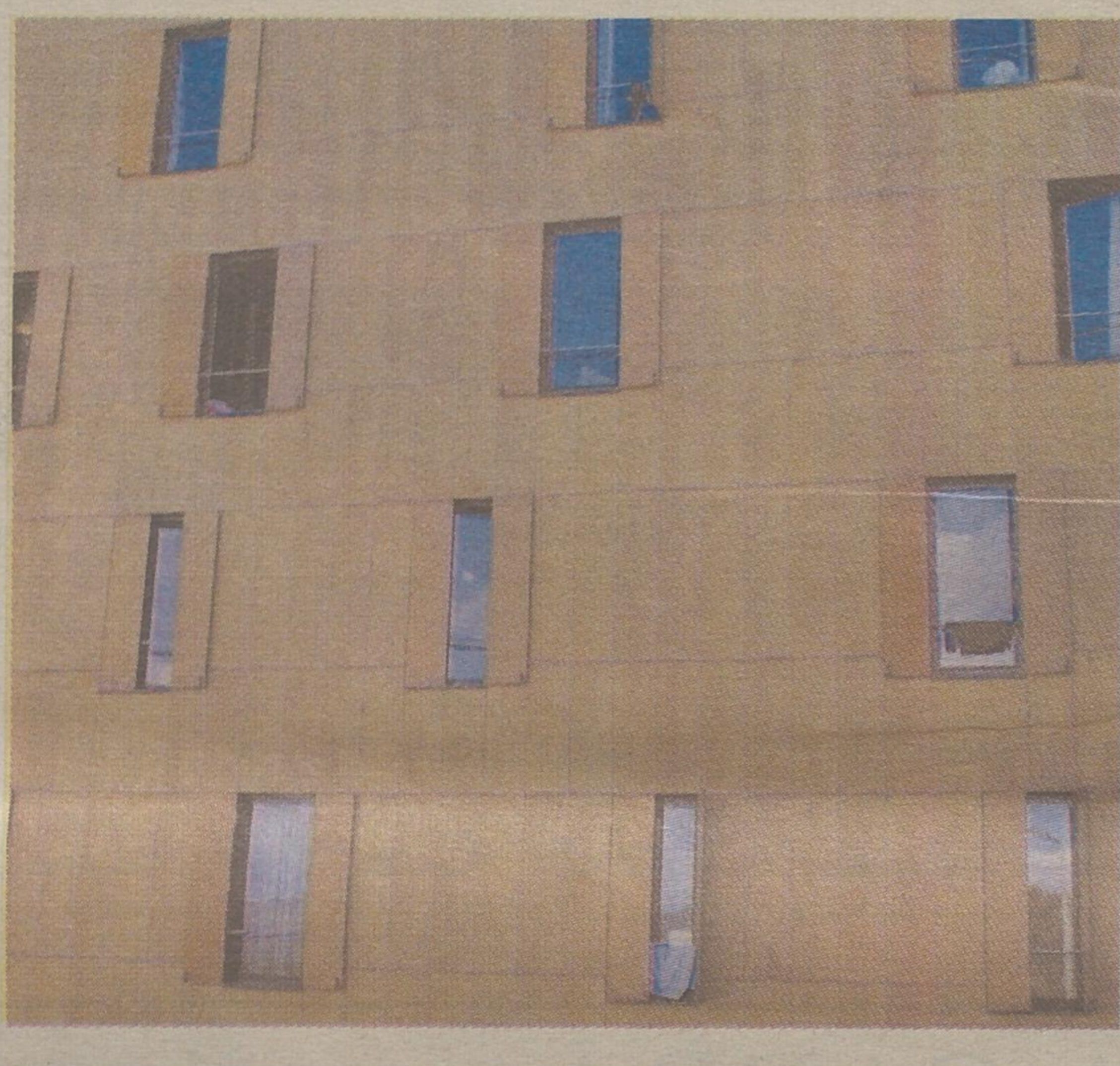
Um indivíduo não-reconhecido atravessa um fugaz período de auto-isolamento, germinando no seu interior um sentimento extremo de revolta perante o mundo circundante, com pontuais explosões de raiva perante as pessoas mais próximas, injustamente. A dor surda que se vai acumulando no peito torna-se cada vez mais insuportável, até que num momento de maior susceptibilidade, sentindo-se indefeso perante o monstro criado no seu interior, o indivíduo perde as forças e deixa-se levar pela corrente. Desiste. Perde-se dentro de si mesmo. Um limbo fechado. Deixa de ter a percepção de onde se encontra, se no interior ou no exterior do edifício. E de lágrimas nos olhos, questiona-se então repetidamente... "O reflexo das janelas representa o reflexo do mundo em que vivo ou a etérea passagem para um outro mundo de onde fui

bruscamente afastado? Vivo num mundo real ou numa dimensão ilusória? Sou o negativo da minha própria vida?" Mas a resposta não surge.

Não pode surgir. Tem de ser ele próprio a procurá-la através dos mais básicos instintos humanos. Acreditando que do outro lado de cada uma das janelas se encontra um amigo em quem pode confiar, sempre presente, disposto a ajudá-lo, a dar-lhe atenção, e afecto. Afecto! Passa tudo por um pouco mais de afecto. Será pedir muito? E na janela do lado esquerdo, na segunda fila, uma mão acena e chama por mim. E pergunta: "Por onde tens andado?"

Sinceramente não sei. Mas o que importa é que estou de volta e já não era sem tempo de vos voltar a abraçar a todos.

Reencontrei-me pois no reflexo do vosso olhar.



Queima das Fitas 2003 com saldo positivo

A Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2003 anunciou, durante a apresentação do relatório e contas, na terça-feira passada, um saldo de 270 mil euros. Para Eládio Soares, do secretariado Administrativo e Financeiro, o valor atingido "foi bastante positivo". No entanto, quando questionado acerca do facto de o saldo da Queima das Fitas do ano passado ter atingido um valor superior (360 mil euros), o responsável afirma que tal se deve "a uma aposta numa melhoria da diversidade e qualidade e aos melhoramentos efectuados no Queimódromo".

Paralelamente, também as despesas com a produção aumentaram, tendo em conta a existência de dois palcos. E, apesar de mais uma noite, a afluência do público aos concertos não foi tão grande como é habitual, reduzindo-se assim a principal fonte de receitas da Queima das Fitas, alega a comissão organizadora do evento.

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (que é também membro da comissão fiscalizadora), Victor Hugo Salgado, partilha a ideia de Eládio Soares e aponta como exemplos de melhoria as áreas vip, de imprensa e os bastidores.

Também o dux veteranorum, João Luís Jesus, representante da comissão fiscalizadora, faz um balanço positivo do trabalho desenvolvido pela Comissão Organizadora da Queima das Fitas 2003. "Dos pelouros que integram esta comissão só o da presidência teve a desaprovação da comissão", destaca. E justifica: "este pelouro, responsável por coordenar a imagem institucional da Queima das Fitas, não encaixou o montante desejado para apoios de produção".

"Vai Tertúlia" - 12 anos de In Vino Veritas

A "tocar uns copos" e a "beber umas músicas" a Imperial Tertúlia In Vino Veritas comemora 12 anos de existência

Marco Pereira

Boa disposição é o que Filipe Ventura - "Lipes", de acordo com o nome de praxe da tertúlia - promete para a próxima actuação da In Vino Veritas, que encerrará as festividades de aniversário. Está marcada para quinta-feira no D. Dinis e contará com a presença das Mondeguinas. As serenatas pelas ruas de Coimbra, também integradas na comemoração do aniversário, deram o mote à noite de ontem, estando marcado para hoje no M. Joana um debate sobre a relação

das tunas com a tradição académica e sobre a realidade destas enquanto grupos musicais.

Tudo começou há 12 anos. No dia 17 de Dezembro de 1991, um grupo de amigos entregou-se aos prazeres do diálogo, reunindo-se para discutir assuntos da actualidade e para tentar manter vivo o espírito académico. Nascia assim a Imperial Tertúlia In Vino Veritas, composta por estudantes da academia que tinham como objectivo inicial "tertuliar", mas que desde cedo se apercebem das potencialidades musicais dos seus integrantes.

"Sempre foi um bocado difícil dizer onde estava a fronteira entre a tertúlia e o grupo musical". É desta forma que "Lipes", actual chanceler da Imperial Tertúlia, define o paralelismo existente entre a "paixão pela música" e "o amor pelo debate", chegando a admitir que, acima de tudo, a

In Vino Veritas é uma tertúlia, onde a "música dá muito prazer", mas aparece apenas como um complemento.

O cariz praxístico adoptado pela tertúlia foi umas das formas encontradas para manter vivo o espírito académico, onde a existência de hierarquias e designações ditam o funcionamento interno da imperial tertúlia. "Parra", "bago", "mosto", "in vino", e "bagaços" são os postos hierárquicos pelos quais têm que passar os seus integrantes. Qualquer semelhança com o processo de fabrico do vinho não é mera coincidência.

Actualmente integram a "tertúlia musical" cerca de 40 elementos, que, como se canta no hino, "são todos estudantes de Coimbra sem igual", que fazem da música uma das maneiras de estar e de viver na universidade.

O grupo reúne-se duas vezes por semana para ensaios, não deixando de lado as "famosas serenatas", que

há cerca de 12 anos eram realizadas de forma rudimentar pelos seus integrantes e que ainda hoje merecem grande atenção dos boémios tertúlios.

E 12 anos de existência traduzem-se em muitas histórias para contar. Um dos acontecimentos recordados pelo actual chanceler aconteceu numa actuação nos jardins da Associação Académica de Coimbra, onde "um dos tertúlios emocionado saltou para cima do público como se estivesse num concerto de rock. O caricato da situação foi que as pessoas presentes arredaram-se e ele acabou por cair no chão".

O refrão de um dos temas originais da tertúlia retrata bem o espírito boémio vivido no grupo: "Um copinho, dois copinhos, a malta vai animar, uma garrafa na mão a festa vai começar". É este o espírito prometido para os festejos do décimo segundo aniversário.



CITACAPRESENTA
**EVENTOS SARTRE
BEAUVOIR**

EXPOSIÇÕES
CONVERSAS
DOCUMENTÁRIOS
E O ESPECTÁCULO
AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DO PRÍNCIPE E DO CASTOR
TEATRO ACADÉMICO GIL VICENTE

**12-16
01 2004**